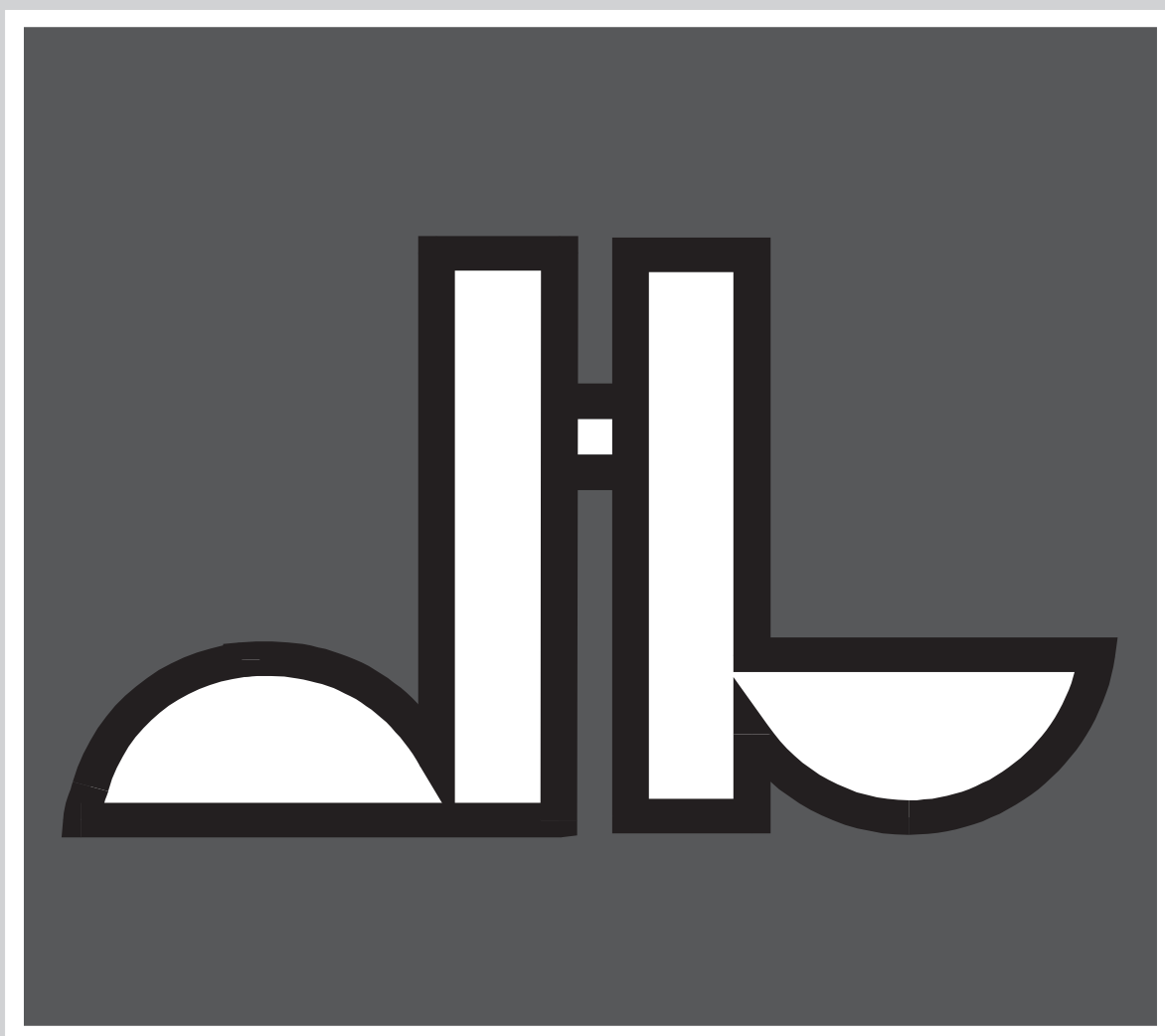




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

ANO LXVII - Nº 017 - TERÇA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 2012 - BRASÍLIA-DF

COMPOSIÇÃO DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL

<p style="text-align: center;">Presidente Senador José Sarney (PMDB/AP)</p> <p style="text-align: center;">1ª Vice-Presidente Deputada Rose de Freitas (PMDB/ES)</p> <p style="text-align: center;">2º Vice-Presidente Senador Waldemir Moka (PMDB/MS) ^{3 e 4}</p> <p style="text-align: center;">1º Secretário Deputado Eduardo Gomes (PSDB/TO)</p> <p style="text-align: center;">2º Secretário Senador João Ribeiro (PR/TO) ²</p> <p style="text-align: center;">3º Secretário Deputado Inocêncio Oliveira (PR/PE)</p> <p style="text-align: center;">4º Secretário Senador Ciro Nogueira (PP/PI)</p>	
<p style="text-align: center;"><u>Mesa do Senado Federal</u></p> <p style="text-align: center;">Presidente José Sarney (PMDB/AP)</p> <p style="text-align: center;">1ª Vice-Presidente Marta Suplicy (PT/SP)</p> <p style="text-align: center;">2º Vice-Presidente Waldemir Moka (PMDB/MS) ^{3 e 4}</p> <p style="text-align: center;">1º Secretário Cícero Lucena (PSDB/PB)</p> <p style="text-align: center;">2º Secretário João Ribeiro (PR/TO) ²</p> <p style="text-align: center;">3º Secretário João Vicente Claudino (PTB/PI)</p> <p style="text-align: center;">4º Secretário Ciro Nogueira (PP/PI)</p> <p style="text-align: center;">Suplentes de Secretário 1º - Casildo Maldaner (PMDB-SC) ^{1, 5, 6 e 7}</p> <p style="text-align: center;">2º - João Durval (PDT/BA)</p> <p style="text-align: center;">3ª - Maria do Carmo Alves (DEM/SE)</p> <p style="text-align: center;">4ª - Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM)</p>	<p style="text-align: center;"><u>Mesa da Câmara dos Deputados</u></p> <p style="text-align: center;">Presidente Marco Maia (PT/RS)</p> <p style="text-align: center;">1ª Vice-Presidente Rose de Freitas (PMDB/ES)</p> <p style="text-align: center;">2º Vice-Presidente Eduardo da Fonte (PP/PE)</p> <p style="text-align: center;">1º Secretário Eduardo Gomes (PSDB/TO)</p> <p style="text-align: center;">2º Secretário Jorge Tadeu Mudalen (DEM/SP)</p> <p style="text-align: center;">3º Secretário Inocêncio Oliveira (PR/PE)</p> <p style="text-align: center;">4º Secretário Júlio Delgado (PSB/MG)</p> <p style="text-align: center;">Suplentes de Secretário 1º - Geraldo Resende (PMDB/MS)</p> <p style="text-align: center;">2º - Manato (PDT/ES)</p> <p style="text-align: center;">3º - Carlos Eduardo Cadoca (PSC/PE)</p> <p style="text-align: center;">4º - Sérgio Moraes (PTB/RS)</p>

Notas:

- 1- Em 29-3-2011, o Senador Gilvam Borges licenciou-se nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, por 121 dias, conforme RQS nº 291/2011, deferido na Sessão do Senado Federal de 29-3-2011.
- 2- Em 3-5-2011, o Senador João Ribeiro licenciou-se nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno do Senado Federal, por 121 dias, conforme RQS nº 472/2011, aprovado na Sessão do Senado Federal de 3-5-2011.
- 3- Em 8-11-2011, vago em virtude de o Senador Wilson Santiago (PMDB/PB) ter deixado o mandato.
- 4- Em 16-11-2011, eleito o Senador Waldemir Moka (PMDB/MS) para o cargo de 2º Vice-Presidente do Senado Federal.
- 5- Em 28-11-2011, o Senador Gilvam Borges voltou ao exercício do mandato, tendo em vista o término de sua licença.
- 6- Em 29-11-2011, vago em virtude de o Senador Gilvam Borges ter deixado o mandato.
- 7- O Senador Casildo Maldaner foi eleito 1º Suplente de Secretário na sessão plenária do Senado Federal de 08-12-2011.

EXPEDIENTE

<p>Doris Marize Romariz Peixoto Diretora-Geral do Senado Federal</p> <p>Florian Augusto Coutinho Madruga Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações</p> <p>José Farias Maranhão Diretor da Subsecretaria Industrial</p>	<p>Claudia Lyra Nascimento Secretária-Geral da Mesa do Senado Federal</p> <p>Maria Amália Figueiredo da Luz Diretora da Secretaria de Ata</p> <p>Zuleide Spinola Costa da Cunha Diretora da Secretaria de Taquigrafia</p>
--	--

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – LEGISLAÇÃO E ATOS NORMATIVOS		
1.1 – RESOLUÇÃO		
Nº 1, de 2012-CN.....	01346	
2 – ATA DA 17ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 6 DE AGOSTO DE 2012		
2.1 – ABERTURA		
2.2 – FINALIDADE DA SESSÃO		
Destinada a comemorar o centenário de nas- cimento de Jorge Amado.....	01347	
2.2.1 – Execução do Hino Nacional Brasilei- ro, pelo Coral do Senado Federal, sob a regência do Maestro Eldom Soares		
2.2.2 – Execução da música “Arrastão”, de Vinícius de Moraes e de Edu Lobo, pelo Coral do Senado Federal		
2.2.3 – Oradores		
Senador José Sarney	01347	
Senadora Lídice da Mata.....	01355	
Deputado Roberto Freire	01359	
Sr. Jaques Wagner, Governador do Estado da Bahia	01371	
Senador Walter Pinheiro	01373	
Deputado Antonio Imbassahy	01375	
Senadora Ana Amélia	01377	
Deputado Emiliano José	01380	
Sr. João Jorge Amado, filho do homenageado	01382	
2.3 – ENCERRAMENTO		
3 – DOCUMENTOS E CORRESPONDÊN- CIAS ENCAMINHADOS À PUBLICAÇÃO		
3.1 – DISCURSO DO SR. JOSÉ CARLOS CAPINAN		
<u>CONGRESSO NACIONAL</u>		
4 – COMISSÕES MISTAS		
CMO – Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização (Resolução nº 1, de 2006)		01384
CMMC – Comissão Mista Permanente sobre Mudanças Climáticas (Resolução nº 4, de 2008)		01389
Comissão Mista Representativa do Congresso Nacional no Fórum Interparlamentar das Américas – Fipa (Resolução nº 2, de 2007).....		01391
CCAI – Comissão Mista de Controle das Ativida- des de Inteligência (Lei nº 9.883, de 1999)		01392
Comissões Parlamentares Mistas de Inquérito..		01393
5 – CONSELHOS E ÓRGÃO		
Conselho da Ordem do Congresso Nacional (Decreto Legislativo nº 70, de 1972)		01397
Conselho de Comunicação Social (Lei nº 8.389, de 1991)		01398
Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul (Resolução nº 1, de 2011).....		01399

CONGRESSO NACIONAL

Faço saber que o Congresso Nacional aprovou, e eu, José Sarney, Presidente do Senado Federal, nos termos do parágrafo único do art. 52 do Regimento Comum, promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO Nº 1, DE 2012-CN

Dispõe sobre a composição das Comissões Mistas do Congresso Nacional na 54ª Legislatura.

O **Congresso Nacional** resolve:

Art. 1º Até o dia 31 de janeiro de 2015, as Comissões Mistas do Congresso Nacional terão seu número de vagas acrescidas em um décimo para cada Casa do Congresso Nacional.

§ 1º. O disposto no caput aplica-se inclusive às Comissões Mistas já em funcionamento na 54ª Legislatura.

§ 2º. Ficam preservados os atos praticados pelas Comissões Mistas anteriormente à aprovação da presente Resolução.

§ 3º. Na Câmara dos Deputados, as vagas criadas em decorrência da aplicação desta Resolução serão destinadas ao Partido Social Democrático – PSD.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Congresso Nacional, em 27 de julho de 2012. –
Senador **José Sarney**, Presidente do Senado Federal.

Ata da 17ª Sessão Conjunta (Solene), em 6 de agosto de 2012

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 54ª Legislatura

Presidência do Sr. Senador José Sarney e da Sra. Senadora Lídice da Mata.

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 22 minutos e encerra-se às 14 horas e 28 minutos)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o centenário de nascimento de Jorge Amado.

Já faz parte da Mesa o Governador da Bahia, Sr. Jaques Wagner. Convido a ter assento à Mesa o filho do homenageado, João Jorge Amado; a primeira requerente da presente sessão, Senadora Lídice da Mata, da bancada da Bahia; o Exmo. Sr. Deputado Roberto Freire, requerente da presente sessão; o Senador Walter Pinheiro, também signatário do requerimento de realização desta sessão; a Exma. Sra. Deputada Alice Portugal; o Sr. Deputado Amauri Teixeira, também signatário o requerimento; o Sr. Deputado Antonio Imbassahy; e o Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, Sr. Arthur Guimarães. *(Palmas.)*

Quero consignar também aqui a presença do Assessor Especial do Ministério da Cultura, Sr. José Ivo Vannuchi, representando a Sra. Ministra Ana de Hollanda; do Chefe de Gabinete da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, Sr. Jairo Alfredo Oliveira Carneiro, representando o Exmo. Sr. Secretário Eduardo Seixas de Salles; dos netos do homenageado, filhos de João Jorge Amado: Bruno Amado e João Jorge Amado Filho; do Coral do Senado Federal, regido pelo Maestro Eldom Soares e acompanhado da pianista Ana Amélia Gomyde.

Exmo. Sras. e Srs. Parlamentares, Exmas. Sras. e Srs. Embaixadores e demais membros do corpo diplomático, a quem nós agradecemos a honra da presença nesta sessão, ilustres presentes, senhoras e senhores, convido todos para, de pé, acompanharmos o Hino Nacional, cantado pelo Coral do Senado, que, nesta solenidade, será regido pelo Maestro Eldom Soares.

(É executado o Hino Nacional.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-MA) – Vamos ouvir agora a execução da música *Arrastão*, de composição de Vinicius de Moraes e Edu Lobo, que será cantada pelo Coral do Senado Federal.

(É executada a música Arrastão. Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Peço à Senadora Lídice da Mata que presida a nossa

sessão, porque eu desejaria falar e desejaria ocupar a tribuna, uma vez que não me sinto somente como Presidente da Casa, mas também como um orador que deve à memória de Jorge Amado algumas palavras.

A SRA. LÍDICE DA MATA (PSB-BA) – Claro.

O Sr. Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sra. Senadora Lídice da Mata.

A SRA. PRESIDENTA (Lídice da Mata. PSB-BA) – Concedo a palavra ao Presidente da Casa, Senador José Sarney.

O SR. JOSÉ SARNEY (PMDB-AP. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Cumprimento a Sra. Presidente, Senadora Lídice da Mata; o Sr. Governador da Bahia, Jaques Wagner; os meus colegas do Congresso Nacional, Deputados e Senadores; o Sr. Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado; as demais autoridades aqui presentes; os embaixadores; os representantes das autoridades da Bahia.

Minhas senhoras e meus senhores, ocupo esta tribuna com um certo sentimento de ausência; uma ausência que, para mim, é uma memória indelével, que não se apaga nem se apagará jamais. E também com um pouco daquilo que dizem ser a palavra mais bela da língua portuguesa: saudade, cuja melhor definição que eu conheço é aquela que diz: é uma vontade de ver de novo.

Por outro lado, quero me valer do Padre Vieira, que dizia: “*não tenho tempo de ser tão breve*” e, por isso mesmo, pedir desculpas se me alongar um pouco.

Fazem hoje 11 anos do falecimento de Jorge Amado. Um dia de lembrança e, como disse, de ausência para todos nós. Mas o que fazemos aqui nesta sessão é comemorar os seus 100 anos de nascimento, no dia 10 de agosto de 1912.

Jorge é a mais forte presença de escritor na vida brasileira, não só por sua obra inigualável, mas por sua capacidade de agir para construir o bem, e, na visão aberta do mundo, alcançar o coração de cada pessoa, cada leitor ou testemunha de sua vida e das mãos que, sempre aos cuidados de Zélia – Zélia Gattai, inesquecível companheira –, estendiam-se em grande generosidade.

É difícil falar de Jorge. Difícil porque tantos já falaram. Difícil porque falar de Jorge Amado desperta um batimento mais forte no coração, que toca pela admiração, e toca mais pela amizade. Ele foi uma força da natureza que desceu muito cedo do Norte – assim era a denominação genérica de Norte e Nordeste no começo do século XX – para dominar a literatura brasileira.

Eu o li muito moço: poeta Bandeira Tribuzzi, meu companheiro de mocidade, que queria me doutrinar para o marxismo, me passou, enrolado num papel de embrulho, de um tipo grosso que já desapareceu do mercado, mas era o único daquele tempo, com prazo fixo de uma semana para ler e depois devolvê-lo para outros que estavam sendo aliciados, como coisa escondida e procurada pela polícia, *O Cavaleiro da Esperança*, o livro sobre a vida de Prestes. Comovi-me com ele e acompanhei a história da Coluna de cujos dissolvidos machados de pedra eu ouvira na minha peregrinação pelo interior do Maranhão. Li também a esse tempo o *ABC de Castro Alves*. A sedução de Tribuzzi e da obra de Jorge era forte, mas minha fé me impediu de entrar para o Partido Comunista. Continuei a lê-lo vida afora.

Quando o conheci pessoalmente, em casa de Odylo Costa, filho, já ele se afastara do PC. Ficamos amigos. Mas eu não esperava que acolhesse meu primeiro livro de ficção, *O Norte das Águas*, com um entusiasmo que ultrapassava mesmo o que podia esperar de sua fama de generosidade. Os anos nos aproximaram mais, e me senti parte de seu universo familiar.

Às vésperas das festas nacionais pelos 80 anos de Jorge, ele publicou um livro delicioso, notável pela mistura de revelação pessoal e histórica, cheia de sabedoria envolta em poesia, *Navegação de Cabotagem*, talvez menos lido que sua obra de ficção, uma pena, as mais de 600 páginas correm macias. Pois, fechando o livro, Jorge dirige-se a Zélia:

“Digo não ao discurso, à medalha, à fanfarra e aos tambores, à sessão solene, ao incenso, à fotografia de fardão ou em mangas de camisa exibindo as pelancas e a dentadura, não sou andor de procissão. Dá-me tua mão de convivência, vamos viver o tempo que nos resta, tão curta a vida!, na medida de nosso desejo, no ritmo de nosso gosto simples, longe das galas, em liberdade e alegria, não somos pavões de opulência nem gênios de ocasião, feitos nas coxas das apologias, somos apenas tu e eu.”
“Briguei pela boa causa, a do homem e a da grandeza, a do pão e a da liberdade, bati-me contra preconceito, ousei as práticas condenadas, percorri os caminhos proibidos, fui o

oposto, o vice-versa, o não, me consumi, chorei e ri, sofri, amei, me diverti.”

Não podemos, aqui no Congresso Nacional, obedecer completamente a seu desejo. Mas pretendemos que nossa homenagem fale menos de glórias e títulos do que do ser humano que amava a vida e do escritor que a criou no imenso universo de seus personagens. Viver a vida, ao lado da amada, ele o fez, na casa que construiu no Rio Vermelho e onde batiam os humildes e os poderosos, todos recebidos com o mote: “Se for de paz, pode entrar.”

Aqui faço parênteses: a atriz Sônia Braga, numa dedicação comovente a Zélia e Jorge, pergunta numa rede social se o Senado realizará o desejo de Zélia, de que a casa da Rua Alagoinhas 33 se tornasse um memorial como os que Neruda tem no Chile. Infelizmente isto está fora do alcance do Senado, mas estou certo de que o Governador Jacques Wagner, homem de grande sensibilidade, fará o possível para concretizar este sonho. A casa do Rio Vermelho se tornará certamente um ponto de peregrinação para a multidão de fãs do escritor, parte obrigatória do roteiro dos que visitam Salvador. Será, sem dúvida, um dos pontos de atração do País para reverenciar a memória e o talento do brasileiro, que teve em Jorge Amado uma síntese de todas as suas virtudes e grandezas.

Deputado eleito por São Paulo, em 1945, como membro do Partido Comunista, Jorge foi autor de duas emendas na Constituição de 1946 que prevalecem, de certa maneira, na de 1988: a que isentava de tributos a importação e produção de livros, periódicos e o papel de imprensa, e a que assegurava a liberdade religiosa e de culto – atualmente o inciso VI do art. 5º. Sobre essa emenda, ele conta em *Navegação de Cabotagem* como evitou levá-la à bancada de seu partido, e, com o apoio de Giocondo Dias, conseguiu direto a assinatura de Prestes, para em seguida ir buscar a de Luiz Viana Filho, Gilberto Freyre – e cito Jorge:

“[...] que) comentou em voz baixa, o sorriso sedutor, por que não pensei nisso? Assim andei de bancada em bancada, de deputado a deputado, de Otávio Mangabeira a Milton Campos, de Hermes de Lima a Café Filho, de Nestor Duarte a Vargas Neto, obtive para mais de oitenta assinaturas, o apoio de Cirilo Júnior e o de Prado Kelly, líderes do PSD e da UDN”.

Era um trabalho de aglutinação que Jorge fazia dos grandes partidos daquele momento.

Costumo dizer que o que fascinou no comunismo é que era uma ideia generosa. Pois essa visão homem igual, fraternalmente unido ao próximo, foi uma constante da vida de Jorge. Ele acreditou no regime

comunista como um sistema que uniria os homens. Quando, antes ainda da revelação por Krushev dos crimes de Stalin, descobriu que o caminho sacrificava a liberdade – estavam em Budapeste, em 1951 –, sofreu. Vou citar Jorge de novo:

“O jovem poeta se exalta, (...) diz que a confissão de um dos acusados – de todos, contam-me depois – foi arrancada à base de torturas praticadas nos cárceres pela polícia política. Devo ter ouvido mal, não falou tortura, certamente, o que foi que ele disse? – pergunto em dúvida, em agonia. Minha honra e meu orgulho consistem em saber, de certeza absoluta, que num regime comunista, numa sociedade socialista, jamais, jamais, nunca jamais, um preso poderá ser submetido à tortura...”

“Com febre e frio atravesso a primeira noite de dúvida, o coração traspassado, o estômago embrulhado, ânsia de vômito: a polícia comunista me espanca e me pisoteia, obriga-me a confessar o que não fiz. Assim começou minha travessia do deserto.”

Jorge pagou um alto preço por sua independência, por – dizia – “*pensar pela própria cabeça*”. O patrulhamento ideológico correu alto e forte a anunciar sua decadência como autor, sua submissão à literatura de vendas, e a crítica a encontrar defeitos na sua obra. Na verdade Jorge continuou fiel a si mesmo, foi cada vez mais fiel ao povo brasileiro, e este se reconheceu em toda a sua obra.

Falar de sua obra é falar também do autor. Jorge costumava dizer “*está comendo as minhas carnes*”, quando o processo da criação estava deslanchado no ritmo acelerado em que acordava cada vez mais cedo e passava a manhã batendo na máquina de escrever, e depois da sesta fazia revisão de textos – da versão bruta ou da datilografada por Zélia.

Estou dizendo palavras que dizem mais respeito à figura humana de Jorge Amado, que eu conheci, porque a outra é consagrada no mundo inteiro, em todos os lugares do Brasil, pelo que ele foi e pelo que ele é como grande escritor.

Havia assim um processo fisiológico, em que o escritor incorporava a alma do povo brasileiro: Ele explica:

“Minha criação romanesca decorre da intimidade, da cumplicidade com o povo. Aprendi com o povo e com a vida, sou um escritor e não um literato, em verdade, sou um obá – em língua iorubá da Bahia obá significa ministro, velho, sábio, sábio da sabedoria do povo.”

Noutra página, narrando estória dos coronéis do cacau, conta:

“Eu aprendia os coronéis nas ruas de Ilhéus, os jagunços nas roças de cacau, cursava meus preparatórios antes de vir para as universidades dos becos e ladeiras da Bahia.”

Assim revelava ao mundo os milhares de personagens, 4.910 no *Criaturas de Jorge Amado*, de Paulo Tavares, em que não estão registrados os de *O Sumiço da Santa* e *A Descoberta da América pelos Turcos*. Mas estes se multiplicam nos que não tem nome, se desdobram na fusão de gentes que forma cada um, de maneira que estamos todos retratados na sua obra, que acumula vida e humanidade. Pois o personagem de Jorge vive em plenitude, é gente, identificado na rua, nas casas, mesmo por quem não leu seus livros. E não penso aqui na sua presença na televisão ou no teatro ou no cinema, mas apenas naquela reverberação do ouvir contar, no mistério do passar de boca em boca.

Quantas vezes Jorge foi abordado, pessoalmente ou por carta, por pessoas que se julgavam retratadas em seus livros? E teimavam: “*sou a Tieta*”, “*sou o Nacib*”, “*minha mãe era Tereza Batista*”... Pouco adivinhavam da verdade, que, se cada personagem soma parte de várias pessoas, há alguém que é parte de todas elas: o próprio Jorge, que põe um pedaço de si mesmo nesse parto para que o personagem viva e – como costumava dizer – ande por suas próprias pernas. Um exemplo contado pelo escritor.

“Pedro Archanjo é a soma de muita gente misturada: o escritor Manuel Quirino, o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim, Miguel Santana Obá Até, o poeta Artur de Sales, o compositor Dorival Caymmi e o alufá Licutã – e eu próprio, é claro. De todos eles Archanjo incorpora um traço, uma singularidade, a preferência, o tom da voz, o gosto da comida, o trato das mulheres e a malícia.”

Jorge conta também em *Navegação de Cabotagem* como a cidade de Jandaíra, no norte da Bahia, divisa com Sergipe, onde foi filmada a novela adaptada de *Tieta do Agreste*, fez um plebiscito para mudar o nome para Sant’Ana do Agreste, o da cidade imaginada pelo autor, “*pois – cito Jorge – fora em Jandaíra que Tieta vivera e armara tantas e boas*”. E acrescenta a informação dada pelo cineasta Bruno Barreto aos jornais, de que pesquisara e descobrira que Nacib, personagem de *Gabriela*, “*não era árabe, e, sim, italiano*”.

Dizendo ser quem mais conhece suas limitações de escritor, Jorge acrescenta:

“Sei também, de ciência certa, existir nas páginas que escrevi, nas criaturas que criei, algo imperecível: o sopro de vida do povo brasi-

leiro. Não carrego vaidade, presunção, e sim orgulho.”

E acrescenta:

“Um conto não se conta, não se explica e quanto ao personagem deve ser pessoa em carne e osso com sangue nas veias e miolo na cabeça, não um títere em mãos do romancista. Sinto que o personagem está posto de pé quando se recusa a fazer aquilo que não cabe no contexto de sua personalidade, acontece por demais, eu poderia escrever uma brochura contando casos sucedidos no decorrer de meu trabalho.”

Em 1931, Jorge publica seu primeiro romance, *O País do Carnaval*. O livro faz muito sucesso. Jorge o considerava estreito, e relutou muito antes de deixar que fosse traduzido, primeiro, para o italiano e, depois, para o francês. Em 1933 publicou *Cacau*, livro que esteve proibido e esgotou suas duas primeiras edições em poucos dias. A vertente do sul da Bahia seria uma das dominantes em sua obra. Jorge explica:

“...a descrição da vida dos trabalhadores rurais que faz *Cacau* é bem verdadeira; enquanto é absolutamente idealista, de um ponto de vista ideológico, a tentativa de aproximação entre os intelectuais e o proletariado a que corresponde o herói do livro.”

Nessa época, sob a influência sobretudo de Rachel de Queiroz, ele havia entrado para a Juventude Comunista. Estudava Direito, que nunca viria a exercer. Casava-se com Matilde Garcia Rosa, com quem teria uma filha, Eulália Dalila, Lila, que faleceria aos quinze anos quando ele estava no exílio.

Em 1934 sai *Suor*, onde se volta para Salvador, que sempre chamava de cidade da Bahia. Jorge engaja-se na Aliança Nacional Libertadora, ANL. É a reação à cooptação do poder feita por Getúlio. Em 35 sai *Jubiabá*, ao mesmo tempo em que as primeiras traduções, *Cacau* em espanhol, *Cacau* e *Suor* em russo. As traduções não parariam mais, enchiam as estantes da Casa do Rio Vermelho até serem transferidas para a Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho. Volto a citar Jorge. É bom que a gente ouça Jorge nesta sessão.

“*Jubiabá* [...] tanto do ponto de vista da concepção, da narrativa do romance, quanto do ponto de vista de uma concepção ideológica da história representa, eu diria, um passo adiante muito grande em relação aos romances [anteriores]. Em *Jubiabá* o problema de raça se coloca de uma maneira muito violenta até

que, no fim do livro, Balduino compreende que o problema de raça é, em primeiro lugar, um problema de classe.”

A respeito de *Jubiabá*, o autor foi descobrir no fim da vida um texto escrito por Albert Camus quando saiu a edição francesa, em 1938:

“Um livro magnífico e perturbador. [...] Não se trata de ideologia num romance no qual é dada toda a importância à vida. [...] Tudo nele é comovente.”

Este ano de 1935 – o de levante comunista de Natal – é também marcado por sua primeira prisão. Quando sai, vai para Estância, em Sergipe, onde passa seis meses. Aí começa a escrever *Capitães da Areia* no de 36 em que está publicando *Mar Morto*.

O livro contém sua colaboração musical mais famosa, *É Doce Morrer no Mar*, com a música de Dóris Caymmi:

*“É doce morrer no mar,
Nas ondas verdes do mar,
Nas ondas verdes do mar, meu bem
Ele foi se afogar
Fez sua cama de noivo
No colo de Iemanjá.”*

A história dos pescadores na Bahia ganhou o prêmio Graça Aranha, então consagração da Academia Brasileira. Trabalha nessa época na Editora José Olympio. Mas logo é obrigado a deixar o País, para uma peregrinação que, começando na Argentina, leva-o a seguir a costa do Pacífico até o México – onde passa uma temporada, fica amigo de Diego Rivera – e chegar aos Estados Unidos.

Em 1937 sai *Capitães da Areia*, a denúncia da situação da infância desassistida do Brasil, que infelizmente continua a desafiar todos os governos em busca de uma solução. Eu considero que *Capitães da Areia* está no mesmo nível do livro de Charles Dickens, quando ele trata da infância pobre e miserável de Londres. Como tantos outros livros de Jorge, este recebeu mais de uma adaptação, a última o filme comovente realizado por sua neta Cecília. Em 19 de novembro de 1937 praticamente toda a sua edição foi queimada em praça pública, lavrado termo circunstanciado, com outros títulos de Amado: 808 exemplares de *Capitães*, 267 de *Jubiabá*, 223 de *Mar Morto*, 214 de *O País do Carnaval*, 93 de *Suor* e 89 de *Cacau*. O relato da queima dos livros de Jorge Amado, como se fazia na velha Inquisição.

Jorge, como eu, não gostava de Getúlio. Durante sua ditadura sofrera inúmeras prisões, vivera os primeiros exílios e parte do terceiro – começado ainda no governo Dutra –, e percorreria o Brasil preso: em

1937, levado de Manaus ao Rio; em 1942, levado de Porto Alegre também ao Rio.

Os anos seguintes são marcados pela militância política, Jorge quase não escreve. Mas traduz vários livros, entre eles um que me marcou profundamente, *Doña Bárbara*, de Rómulo Gallegos, chamado *La Bonguera*. Traduziu também outro livro extraordinário, fundamental na literatura sulamericana, o livro de José Eustasio Rivera, chamado *La Vorágine*. Eu considero como um livro marcante na história do realismo mágico. Sem ele talvez não tivéssemos Juan Rulfo com *Pedro Páramo*, sem ele talvez não tivéssemos também, com toda a força do seu universo, García Marquez.

Em 1941, quando sai o *ABC de Castro Alves* – que começara a ser publicado em 39, na revista *Diretrizes*, fora proibido pela censura, e logo é editado clandestinamente –, parte para um novo exílio: vai escrever, na Argentina, a vida de Luiz Carlos Prestes.

Em 1942, a biografia é lançada na Argentina, em espanhol. *O Cavaleiro da Esperança* marcou gerações. Jorge Amado continuaria a respeitar Prestes até o fim da vida, embora se afastasse de suas posições, que ele classificava de sectárias. Em seguida, entre a Argentina e o Uruguai, mas sobretudo em Montevideú, escreve *Terras do Sem Fim*, que sai em 1943. Um texto de memórias explica a expressão:

“A cheia do rio Cachoeira, no ano de 1914, levou plantações, pocilga, a vaca, os burros e as cabras. Meus pais fugiram. Carregados com o menino, eles chegaram ao povoado com o que tinham sobre o corpo. Em Ferradas, não se sabia onde abrigar tantos refugiados. Nos mandaram ao lazareto, normalmente reservado aos leprosos e aos que tinham varíola, transformado em refúgio para as vítimas da inundação. O sol de cimento tinha sido lavado com alguns baldes d’água, lembrava minha mãe. Não havia outros recursos – nem medicamentos, nem enfermeiras ou médicos. Eram as terras do sem fim.”

Em 1942 fora, por ordem do partido, para Porto Alegre, conversar com o interventor, que era Cordeiro de Farias. O general o recebeu bem, disse que era difícil atender a seu pedido – visitar Prestes na cadeia – e que não mandaria prendê-lo, mas que não poderia evitar cumprir ordem da polícia vinda do Rio. É o que acontece. Levado para o Rio, tem residência fixada em Salvador. Aí dirige o jornal *O Imparcial*, do coronel Franklin Lins de Albuquerque, pai de seu amigo Wilson e eminência do sertão do São Francisco. Divorcia-se. Escreve *São Jorge dos Ilhéus*, que sai em 44. O

romance, explicaria, tem uma unidade temática com *Terras do Sem Fim*. E ele acrescenta:

“Para mim, estes livros representam uma evolução, de duas maneiras: inicialmente minha experiência humana progrediu. A visão das coisas é muito menos em branco e preto que nos seis livros anteriores. Eles possuem uma complexidade maior, as figuras dos coronéis, dos aventureiros são muito mais complexas [...] Em segundo lugar, a narrativa é mais densa, é mais profunda sob certos aspectos...”

Em 1944 escreve *Bahia de Todos os Santos*, um guia delicioso de Salvador, que é publicado no ano seguinte, com ilustrações de Manuel Martins. Atualizado em 60, 66 e 70, depois em 77, já com ilustrações de Carlos Bastos, o “*guia de ruas e mistérios*” é um mergulho na alma da cidade e em seus personagens, que Jorge conhecia tão de perto.

Com o fim da guerra e do regime de Vargas, realiza-se em São Paulo o Congresso dos Escritores de 45, onde é uma das figuras centrais e contribui para a união de comunistas e liberais pela redemocratização. É quando acontece a descoberta que mudaria sua vida: surge Zélia. Mais uma vez, dou a palavra ao escritor:

“Quando me apaixonei por Zélia, comuniquei ao poeta Paulo Mendes de Almeida, meu amigo e amigo dela, apontando-a entre as muitas senhoras e moças que acorriam às sessões do Congresso, umas poucas para acompanhar os debates, a maioria para namorar.

– Aquela ali vai ser minha mulher.

Paulo riu na minha cara:

– Aquela qual? Zélia? Jamais, não é mulher para teu bico. Mulher honesta, meu velho, não é dessas que andam por aí dando a uns e a outros, essas que você...”

– Não é o que você está pensando, Paulo. Falo de vivermos juntos, de ela ser minha companheira, esposa se você faz questão da palavra. [...] Não desisti, não tirei da cabeça, estava me roendo de paixão, fiz o que o diabo duvida, não deu outra, em julho Zélia veio morar comigo. Não vai durar seis meses, agouraram, dura até hoje.”

Zélia foi a companheira admirável, a grande escritora, a mulher extraordinária que é um exemplo que ficou para os brasileiros. Os dois formaram um casal cheio de amor, que recebia os amigos na casa do Rio Vermelho, feita dia a dia pelas mãos do casal, nos objetos que a enchiam, nas plantas do grande jardim, na mesa posta com fartura. Zélia foi o centro da vida de

Jorge. Terminando *Navegação de Cabotagem*, Jorge escreve:

“Ainda meio dormido, às vésperas dos oitenta anos, estendo o braço, toco teu corpo, sinto teu calor, tua respiração. Amanhece, a luz do novo dia desponta tênue na barra da manhã, penso nos privilégios que detenho, mordomias. Teus olhos, teu sorriso, os seios, o ventre, a bunda, o coração, a inteireza, a decência, a mansidão, o devotamento. A vida nasce de ti na madrugada.”

E mais adiante:

“Sento-me contigo no banco de azulejos à sombra da mangueira, esperando a noite chegar para cobrir de estrelas teus cabelos, Zélia de Euá envolta em lua: dá-me tua mão, sorri teu sorriso, me rejubilo no teu beijo, laurel e recompensa.”

Por Zélia teve também uma grande amizade, um grande carinho, uma profunda ligação, que continuou mesmo depois da morte de Jorge. Parece que duplicava a saudade do Jorge no carinho que tinha por Zélia. E ela sempre brincava comigo: *“olha, eu estou vivendo graças ao médico José Sarney”*, porque eu tinha passado para ela, numa daquelas farmácias que se encontram em Nova York, cheia de vitaminas, onde a gente compra sonhos, eu sempre digo que tenho a mania de fazer *sightseeing* de farmácias, então, lá uma coenzima 12. E eu cheguei, acreditei no anúncio e disse: *“Zélia, trouxe um milagre para você. É isso o que está prolongando a nossa vida.”* Ela convenceu-se disso, passou a tomar o resto da vida. Sempre dizia: *“Olha, é o QH 12 que está me prolongando a vida, graças ao Dr. Sarney.”* (Risos.)

Voltemos à cronologia da vida de Jorge Amado. Ainda em 1945 volta a ser preso, e é eleito para a Câmara dos Deputados. Em 1946 sai *Seara Vermelha*, em que o cenário muda para o sertão e a seca, para o latifúndio. Em 1947 nasce seu filho João Jorge. No ano seguinte parte para o exílio em Paris. Escreve *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, para o aniversário de um ano do menino. O livro só será publicado em 1976. Jorge, cada dia mais engajado na militância política, participa com destaque dos Congressos Mundiais da Paz. Em 1950 é expulso da França, com muitos outros escritores. Vai morar no Castelo de Dóbris, na então Tchecoslováquia, da União de Escritores Tchechos. Lá escreve a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, contando os anos de perseguição e a miséria do Estado Novo. Lá nasce sua filha Paloma, que trabalhou comigo na Presidência da República.

O exílio representa um viajar incessante pelo mundo comunista. Muitas vezes, em companhia de Zélia, de Neruda, de Guillén, viaja ao sul da Ásia, à China, à Mongólia. Ganha o Prêmio Stalin, que depois se chamará Lênine. Em 1952 o casal volta ao Brasil. Começa o afastamento do PC. Em 1953 morre Stalin, em 1956 acontece o discurso da denúncia de Krushchev, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Jorge diz que deixou de militar no PC, disse que ia se dedicar a escrever, mas não pediu demissão e nem foi excluído.

Mas, além de escrever, dirige com Oscar Niemeyer o jornal *Paratodos*, que, entre outras coisas, defendia a construção de Brasília. Em 1958 sai *Gabriela, Cravo e Canela*, um romance que marca época, pela originalidade da linguagem, pela riqueza do enredo e pela exuberância dos personagens. Neste instante o Brasil vive a emoção de *Gabriela*, a novela que todos estamos assistindo no Brasil. É também uma homenagem que se presta a Jorge Amado.

Entra para a Academia Brasileira de Letras na cadeira de Machado de Assis, candidato único à vaga de Otávio Mangabeira. É escolhido também Obá Arolu, um dos obás de Xangô no terreiro do Opô Afonjá, por Mãe Senhora, Maria Bibiana do Espírito Santo. Os obás são ministros civis que auxiliam na administração da casa. Lá teve por companheiros, entre outros, Carybé, Caymmi, Dmeval Chaves, Camafeu de Oxóssi, Mário Cravo, Miguel Santana.

O ano de 1961 ficará marcado entre tantos eventos políticos pela visita que fizeram ao Brasil Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. O casal Amado foi seu guia em um percurso pelo Brasil, que duraria três meses. Lá se consolidaria a amizade que vinha dos anos de exílio na França. Saem também em livro, com o título *Os Velhos Marinheiros*, duas novelas curtas, *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água* e *A Completa Verdade sobre as Discutidas Aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso*. Sobre os vagabundos, em torno dos quais se passa o Quincas, Jorge escreveu:

“Eu comecei a frequentá-los quando, aos treze anos, fugi do internato dos Jesuítas e atravessassei o sertão para Sergipe, até a casa de meu avô. Em seguida, eu me tornei amigo de tantos entre eles no curso de minha adolescência livre, na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos.”

Jorge, ao voltar do exílio, passou a viver num apartamento na rua Rodolfo Dantas reformado por Niemeyer. Quando vendeu os direitos de *Gabriela* para a Metro, pôde comprar o terreno no alto do morro do

Rio Vermelho, na Rua Alagoinhas 33, endereço que se tornou um símbolo da vida baiana. Aí, fez reformar – ou melhor, construir – sua casa com projeto do grande arquiteto Gilberbert Chaves.

Em 1962 morre seu pai, o “coronel” João Amado de Farias. No ano seguinte se muda para Salvador. Aí logo recebe a visita de Anna Seghers, que passa uma temporada. Os dois escrevem uma carta a György Lukács, que vivia no ostracismo depois do levante húngaro de 1956.

Durante 1964 sai *Os Pastores da Noite*, ainda histórias dos vagabundos da Bahia. Entre elas, esse hino à amizade que se dá entre o Cabo Martim e Curió em torno de uma jaca comida com os dedos. O cacau é plantado, como se sabe, à sombra de grandes árvores, muitas delas jaqueiras, e passou a infância vendo o pai comer – e comendo – jaca antes do almoço.

Jorge e Zélia continuavam proibidos de entrar na França e em Portugal. Os adidos culturais de Portugal no Brasil, Maria de Lourdes Belchior, e do Brasil em Portugal, Odylo Costa, filho, conseguem autorização para que possam entrar e voltar a Portugal. Guilherme Figueiredo, adido do Brasil na França, escreve a André Malraux e consegue a suspensão de todas as proibições na França. A viagem que o casal faz em companhia dos filhos é uma festa, que acaba com uma consagração quando Jorge autografa em Lisboa das três da tarde às dez da noite, atendendo a uma fila de três mil pessoas em que algumas levavam malas de livros.

Neste ano de 1966, ele publica *Dona Flor e seus Dois Maridos*. O livro está marcado pela volta à Bahia, e entre seus personagens muitos são retratos quase diretos de seus amigos. Já para escrever *Tenda dos Milagres* – que sai em 69 – Jorge tem que se refugiar na casa de amigos, prática que adotará muitas vezes a partir de então. É a história de Pedro Archanjo – composto de vários personagens, como citei.

Em 1972 faleceu Dona Lalu, figura extraordinária, grande contadora de história, fantástica figura humana, que jamais se pode esquecer. Eu acho que o Jorge herdou muito da Dona Lalu nas histórias que ela contava e que ele soube tão bem contar e tornar definitivas e eternas na literatura brasileira. Sua mãe fora índia, e durante a saga do cacau dormia com a repetição sob o travesseiro. Tinha uma grande intimidade com Santo Antônio – que ela chamava de Tonho –, e dizia que seus filhos tinham horror à política – e se lhe lembravam que Jorge e James, seu filho caçula, militavam no Partido, resolvia a questão: “*Partido Comunista? Um partidinho de droga, não conta!*”

Tereza Batista, *Cansada de Guerra* foi publicada em 1973. Jorge dizia que é um livro marcado pela morte e pela luta contra o mal. Tereza Batista é, com

a minha Saraminda, uma das raras protagonistas negras da literatura brasileira. Compartilho da visão que Jorge tinha sobre o papel do negro no Brasil. Ele dizia:

“Mais de uma vez escrevi que a África era nosso umbigo, por nossa sensibilidade, nossa maneira de ver a vida e o mundo, de reagir diante dos acontecimentos, de viver com os outros, de pensar e de agir.”

Eu estava com Jorge em Cabo Verde, e nós estávamos em um palanque, com Aristides Pereira, quando de repente vem aquela multidão com ramos na mão, sorrindo, tocando tambor. Aí, eu disse: “– Jorgê, vê quem vem ali”. Ele disse: “– É a Bahia”. E acrescentou: “– Isso mostra que da África foi que chegou a alegria brasileira”.

Nesse ano de 1973, três equipes filmaram simultaneamente adaptações ao cinema em Salvador: Nelson Pereira dos Santos *Jubiabá*, Bruno Barreto *Dona Flor e seus Dois Maridos*, Marcel Camus *Pastores da Noite*. Jorge sempre me dizia: “Olhe, eu não gosto de ver filme que eles fazem dos meus livros, porque não são meus livros e não são meus filmes.”

O livro seguinte é *Tieta do Agreste*, de 1977. Jorge transpunha para a fronteira da Bahia com Sergipe uma batalha perdida contra a implantação em Arembépe, uma vila de pescadores ao norte de Salvador, de uma indústria de dióxido de titânio, extremamente poluente.

Eu vejo com satisfação que todos estão vendo que estou quase chegando ao fim.

Por outro lado, mais uma vez mexia na estrutura do romance. Ele declara:

“Glauber Rocha analisou o romance mostrando que através da polêmica entre o autor e o crítico – que constitui um tempo e um espaço à parte no romance – eu desmontava toda a estrutura do romance e mostrava seu mecanismo. Foi um prazer que me dei.”

Em 1979 saía *Farda, Fardão e Camisola de Dormir*, uma fábula sobre a candidatura de um militar à Academia Brasileira de Letras. Em 1981 era a vez de um pequeno relato biográfico, *O Menino Grapiúna*. Suas memórias começam quando, com um ano, testemunha um atentado contra seu pai. Ele conta:

“Por ter tanto ouvido minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se o acontecimento tivesse ficado gravado em minha memória: a mula caindo morta, meu pai, banhado em sangue, me levantando do chão.”

É à região do cacau, às guerras e emboscadas na disputa de terra entre os coronéis, que volta novamente em *Tocaia Grande*, de 84, em parte escrito em

São Luís do Maranhão. Jorge escreveu sobre a autonomia dos personagens, que reagem ao que queremos fazer com eles:

“Natário diz: – É o lugar mais bonito que existe para viver. Eu fazia Coroca responder: – E para morrer. Mas imediatamente Coroca reagiu, ela não diria isto, porque seria o fim, a negação de tudo.”

Jorge escreve uma pequena história infantil, *A Bola e o Goleiro*. A seguir publica, em 1988, *O Sumiço da Santa* – que ele dedica a mim –, voltando à cidade da Bahia e às questões do sincretismo e dos preconceitos. Na narrativa da manifestação de Yansã, descreve Mãe Menininha:

“Apoiando-se sobre os quadris e o antebraço, Oyá se estendeu aos pés de mãe Menininha do Gantois, mãe de bondade e de sabedoria, rainha das águas calmas, imensa e majestosa. Grande o bastante para acolher em seu colo os montes e vales, as tristezas, as penas, as súplicas de seus filhos e filhas, o povo da Bahia.”

Visitei Mãe Menininha com o Jorge e tenho essa visão de ela deitada naquela cama, figura imensa, com aquela saia rendada, e o Jorge perguntando se ela queria jogar búzios. E a sua sobrinha, que estava presente, disse: “– Não. Ela não joga mais búzios”. Aí Jorge disse: “– Mãe Menininha, eu lhe peço: jogue búzios para Marly, que quer ver a senhora jogar búzios”. Então, a minha mulher foi lá, e ela jogou búzios para Marly.

Jorge foi sempre muito ligado à família. Brincava muito que Lalu, sua mãe, preferia Joelson, filho do meio, por ser médico – era pediatra. Admirava a alegria de viver do irmão, sua capacidade de se readaptar à vida quando praticamente perdeu a visão. Mas a identidade com o mais moço, James – Tenente, Tuna –, também escritor, e, em dez anos mais moço, seu retrato idêntico, foi também uma cumplicidade e uma compreensão de toda a vida, estendida por seu casamento com Luiza Ramos, filha de Graciliano, que também muito contribuiu com a revisão da obra de Jorge.

De duas coisas Jorge dizia ter vaidades: ser o motivo para tornarem-se baianas duas pessoas nascidas em outras terras, Pierre Verger e Carybé, um o francês, o etnógrafo, o fotógrafo maior, o feiticeiro que conhecia os mistérios maiores do candomblé, outro o argentino de pai italiano e mãe brasileira, o pintor e escultor que mais compreendeu o povo da Bahia, parceiros ambos, ambos tendo ido buscar na Bahia a cidade e a gente que haviam descoberto em *Jubiabá*.

Jorge era um devoto da amizade. A ela dedicava ritos – cartas e cartões, lembranças das viagens

pelo mundo, palavras de solidariedade, batalhas pela sobrevivência. Escreveu:

“Onde quer que eu chegue, tenho mesa posta e alguém que me diz uma palavra amiga. Esse o prêmio, a razão e o compromisso.”

Da infância trouxera a parceria com o pintor e escultor Mirabeau Sampaio, adotara como irmã sua mulher, Norma, personagem importante em *Dona Flor*. Também dos bancos escolares era ligação com Giovanni Guimarães. Do exílio na França traziam, Zélia e ele, a companhia fiel e constante de Misette Nadreau, *marchand de tableaux*, gerente por muito tempo da Galeria Bonino – onde a conheci há mais de 50 anos –, e que, infelizmente, acaba de falecer, deixando grandes saudades entre os amigos. Do PC Jorge guardara a cumplicidade fraterna com Giocondo Dias – aqui também posso dizer que fui seu amigo e dele gostava muito, através de Jorge Amado –, Giocondo, a quem a mãe, a mulher e ele chamavam de *Neném*. Adorava como filhos João Gilberto e Glauber Rocha. Ouvia e era ouvido por *Mãe Senhora*, por *Mãe Menininha*. Deliciava-se com a mesa farta do livreiro Dmeval Chaves. Comovia-se com os quadros de José de Dome, as gravuras de Hansen Bahia, a obra de Genaro e Nair de Carvalho. Dividia os segredos do pôquer com o pernambucano Paulo Loureiro, com o jornalista Odorico Tavares. O parceiro Dorival Caymmi, de *É doce morrer no mar*, foi levado por ele para cantar para Zélia, ainda no trabalho de encantá-la, “*Mas acontece que eu sou baiano, mas acontece que ela não é*”. Parceiros também os ilustradores de seus livros, Calazans Neto, Floriano Teixeira, Santa Rosa, Mário Cravo, Goeldi, Poty, Anna Letícia, Clóvis Graciano, Carlos Scliar, Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Jenner Augusto. Tinha amigos através do mundo: entre os grandes, o escritor Ilya Eremburg, a romancista Anna Seghers, o cantor Georges Moustaki, o arquiteto Oscar Niemeyer, os poetas Pablo Neruda e Nicolás Guillén – padrinhos de sua filha Paloma –; e entre os homens do povo, o *Obá* Camafeu de Oxóssi, o capoeirista *mestre* Pastinha, os pintores Cardosinho, Willys e Licídio Lopes, a vendedora de acarajés Vitu, as cozinheiras de restaurante popular Mirni, em Lisboa, Maria de São Pedro, na Bahia, o garçom Tan, no chinês de Paris, os comerciantes de Marais, tantos mais. Sou, com orgulho, um desta multidão, sua amizade é um marco em minha vida.

Quando fui Presidente da República, ele me ajudou a negociar com o embaixador Jorge Bolaños o restabelecimento de relações com Cuba. Convidei-o para ser embaixador do Brasil na França, convidei Zélia a ser ministra da Cultura, ambos recusaram. Mas engrandeceu duas viagens oficiais que fiz, uma

a Portugal e Cabo Verde, outra à França e à União Soviética. Aí testemunhei a consagração que os alunos da Universidade de Moscou lhe fizeram, as palmas intermináveis que assistimos com alegria.

Pude homenageá-lo. A 2 de julho de 1986, na data da independência da Bahia e do aniversário de Zélia Gattai, participei da instituição da Fundação Casa de Jorge Amado, destinada a preservar seu patrimônio, obra que entregou às mãos competentes da poeta Myriam Fraga. Na inauguração da Casa, no ano seguinte, assisti às bênçãos conjuntas de Dom Timóteo Amoroso Anastácio, abade do Mosteiro de São Bento, e de Luís da Muriçoca, babalaô. Jorge dizia pela boca de Pedro Archanjo: *“Meu materialismo não me limita.”*

Ninguém mais que Jorge Amado mereceu, no Brasil, o Prêmio Nobel de Literatura. Que ele nunca o tenha ganhado considero uma das maiores injustiças com a literatura brasileira, mas também com o próprio Prêmio Nobel, por não ter entre aqueles que premiou a figura de Jorge Amado, um dos maiores escritores da humanidade. Jorge não se importava, escreveu:

“Não escrevo para ganhar prêmios, outros motivos me inspiram e me ordenam, não receber o Nobel não me aflige...”

Mas ele explicava o porquê: fora secretário do Prêmio Mundial da Paz, e o Comitê Central do Partido Comunista Soviético vetara o nome do compositor finlandês Sibelius, apresentado pelo escritor sueco Artur Lundqvist. O sueco pusera a culpa em Jorge. Quando morreu o italiano Alberto Moravia, a imprensa italiana revelou que este, como Jorge e o grego Nikos Kazantzakis, fora vítima de Lundqvist. O mesmo aconteceu com Graham Greene e Ernesto Sabato. Jorge teve boa companhia na injustiça que sofreu.

Jorge não ligava para formalidades, libertara-se havia muito das vaidades, embora não das emoções, como quando recebera das mãos de Mitterrand a distinção de Comendador da Legião de Honra da França, na companhia de Federico Fellini, Joris Ivens, Norman Mailer, Alberto Moravia e Yachar Kemal. E era capaz de transformar os insultos em títulos. Volto a citá-lo:

“Romancista de putas e de vagabundos, classifica-me com menosprezo um graúdo da crítica literária. A classificação me agrada, passo a repeti-la para definir minha criação romanesca.

Gosto da palavra puta, simples e límpida, tenho horror aos termos prostituta, marafona, pejorativos e discriminatórios. Em três palácios de Governo lembrei que sou apenas um romancista de putas e vagabundos, colocando o acento na palavra puta, com jú-

bilo. No Palácio do Planalto, em Brasília, na cerimônia de criação, por José Sarney, então Presidente da República, da Fundação cultural que leva meu nome. No Palácio do Conselho de Estado, em Sófia, na Bulgária, ao receber o Prêmio Dimitrov. No Palácio de Belém, em Lisboa, quando o Presidente Ramalho Eanes me retirou da condição de ‘escritor maldito’ e me entregou a Ordem de Santiago à Espada. Em toda circunstância, a meu lado, as putas e os vagabundos.”

Encerro com uma frase de Jorge Amado, e com ela celebro seus 100 anos:

“Contado o conto, erguem-se os cálices, bebem-se à amizade, sal da vida.”

Quero dizer que agora vejo entrar neste plenário e na minha imaginação os mais de cinco mil personagens de Jorge Amado, todos eles juntos conosco, todos eles vivos, presentes na nossa memória. Eles honram esta sessão, porque são eternos na memória do povo brasileiro, na literatura brasileira.

De Jorge quase todo dia repito uma frase, eu que já estou também ficando mais moço. Ele me contou que, quando perguntou a Neruda: “– *Neruda, e fulano?*”, ele respondeu: “– *Jorge, não pergunte por ninguém, todos já morreram*”. Eu também faço assim. Quando chego ao Maranhão ou a qualquer lugar em que me perguntem por alguém, eu digo: “*Repito como Jorge Amado, não me perguntem por ninguém. Todos já morreram.*”

Só não morreu Jorge Amado. (Palmas.)

A Sra. Senadora Lídice da Mata deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Concedo a palavra à Senadora Lídice da Mata, requerente desta homenagem no Senado. Agradeço a S.Exa. por ter presidido a sessão durante minha ausência.

A SRA. LÍDICE DA MATA (PSB-BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional e, como eu, requerente da presente sessão, Exmo. Sr. Senador José Sarney, quero, antes de saudar todos os outros representantes da Mesa, inclusive meu Governador, o Exmo. Sr. Jaques Wagner, dizer que cheguei a esta sessão com muita tensão. Tensão pelo cansaço do início de uma gripe; tensão pela responsabilidade de falar desse mito que é Jorge Amado; tensão por falar para personalidades, especialmente para seus familiares; mas a tensão, confesso, tornou-se um pavor depois da fala do Presidente José Sarney. Quando S.Exa. me comunicou que

iria falar, comecei a sentir esse pavor. No decorrer de seu pronunciamento, isso foi se consolidando, Presidente, de forma que meu discurso poderia se tornar quase dispensável depois desse relato, que embeveceu todo o Brasil, além das considerações históricas, com seu testemunho pessoal, contado com a riqueza de detalhes e com a capacidade e brilhantismo que lhe são peculiares. Mas a obrigação de representar a Bahia leva-me a ter que discorrer sobre esse fato, já de maneira bem menor, diante do discurso de V.Exa.

Saúdo o Governador do Estado da Bahia, que nos honra enormemente com sua presença e demonstra o respeito que tem à memória de Jorge Amado; o filho do homenageado, João Jorge Amado, que aqui representa toda a sua família, sua irmã Paloma, que não pôde estar presente, esteve em Berlim e se dispôs imediatamente a participar desta cerimônia; seus netos, filhos de João Jorge, aqui presentes.

Saúdo meu companheiro de representação da Bahia e requerente, juntamente com o também Senador João Durval, Senador Walter Pinheiro; o Exmo. Sr. Deputado Roberto Freire, requerente da presente sessão na Câmara dos Deputados, assim como os dois Deputados Alice Portugal e Amauri Teixeira, que aqui não puderam estar; o Exmo. Sr. Deputado Antonio Imbassahy. Ao Sr. Arthur Sampaio, Presidente da Fundação Jorge Amado, agradeço a presença; aos Secretários de Estado do Estado da Bahia, estimuladores desta homenagem: da Cultura, Albino Rubim; de Turismo, Domingos Leonelli; e ao Diretor de Teatro, consagrado na Bahia, Fernando Guerreiro, que aqui está e está montando, em homenagem ao centenário de Jorge Amado, *O Sumiço da Santa*.

Quero também registrar as presenças do Assessor Especial do Ministério da Cultura, Sr. José Ivo Vannuchi, representando a Ministra, Exma. Sra. Ana de Hollanda; do Chefe de Gabinete da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, ex-Deputado Jairo Carneiro, representando o Sr. Eduardo Seixas de Salles, Secretário; do Coral do Senado Federal, ao qual quero agradecer a bela apresentação aqui no dia de hoje, que não poderia cantar uma música que não fosse a de Dorival Caymmi, seu irmão e companheiro de toda a vida.

Exmos. Sras. e Srs. Parlamentares, Exmos. Sras. e Srs. Embaixadores e demais representantes do corpo diplomático, senhoras e senhores também que nos acompanham pelos órgãos de divulgação da Casa, certa feita, analisando o ostracismo a que estava condenada a obra do escritor gaúcho Érico Veríssimo, Jorge Amado fez a seguinte observação: *“quando você morre em um país sem memória, imediatamente eles*

te esquecem. Quando eu morrer, vou passar uns 20 anos esquecido.”

Estamos, portanto, hoje reunidos nesta sessão solene numa contestação a Jorge, numa demonstração de que o Brasil está mudando no trato de sua memória e de seus valores, e que o Congresso Nacional sintoniza-se com essas mudanças, contribuindo para o resgate de nossa cultura, de nossa história, ao realizar essa sessão solene em homenagem ao centenário de nascimento desse inesquecível escritor baiano e brasileiro, Jorge Amado.

Há exatos 11 anos, em 6 de agosto de 2001, quase às vésperas do seu aniversário, a Bahia perdia seu maior escritor, aquele que a mais conhecia e amava. Jorge Amado tinha então 88 anos de idade, dos quais mais de 60 dedicados à literatura.

Nascido em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, sul da Bahia, conheceu a dura sobrevivência dos trabalhadores rurais do cacau, a arrogância dos coronéis daquele tempo, a violência dos jagunços na constante disputa pelas terras e pelo domínio político e a retratou.

Aos 15 anos, já um jovem adulto, com todas as responsabilidades da vida, conhecerá no Pelourinho, coração da cidade da Bahia, como ele chamava – e como já chamavam os baianos do seu tempo – Salvador, uma nova realidade urbana, que também irá povoar seus romances, a vida dos pais e mães de santo, dos estivadores do porto, dos vendedores de peixe na rampa do Mercado Modelo, das crianças abandonadas nas ruas, das prostitutas ou das putas, como aqui já foi dito, dessa miríade que conformava os setores populares da Salvador dos anos 30.

E foi esse território, a Bahia, que o ajudou a construir no imaginário nacional e internacional a realidade dessa gente tão marginalizada e oprimida a quem Jorge Amado deu vez e voz em sua obra com seus mais de 500 personagens, em seus 21 romances, espalhados pelo mundo, traduzidos em 48 línguas, em mais de 52 países.

Como ele mesmo disse, certa vez: *“A Bahia é meu tema, meu território físico e moral. Sei dela de um saber sem dúvidas, vivido, e não observado do lado de fora. Estou do lado de dentro”*.

E foi esse saber dividido tão generosamente, com tamanha força e originalidade, que conquistou um lugar único na literatura mundial, dando protagonismo ao povo mais simples e, pela primeira vez, dando rosto e personalidade aos negros, atualmente chamados afrodescendentes brasileiros. Definia-se assim, como já destacou o Presidente Sarney: *“em verdade sou um obá”*. Em língua iorubá da Bahia, obá significa ministro, velho, sábio. Sábio da sabedoria do povo. Jorge foi o maior divulgador dos candomblés da Bahia.

Precocemente, com apenas 18 anos, escreve, em 1930, seu primeiro livro, *O País do Carnaval*, publicado no ano seguinte pela editora de Augusto Frederico Schmidt. Sua estreia como escritor dá-se num momento conturbado da sociedade brasileira, que começava a vivenciar os primeiros efeitos das mudanças geradas pela Revolução de 30, que alçou Getúlio Vargas à Presidência.

Nesse século, marcado por grandes conflitos armados, revoluções, duas guerras mundiais e, a partir da década de 50, pela Guerra Fria, que se estenderia até 1990, com a dissolução da União Soviética, assistiu, em 1917, à vitória da Revolução Bolchevique, na Rússia, que iria fortemente influenciar e/ou intensificar os movimentos proletários nos países capitalistas centrais e periféricos.

Nas décadas de 30 e 40, acentua-se a polarização entre os blocos capitalista e socialista, com o surgimento do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha. Essa polarização seria aprofundada no Brasil durante o Governo de Vargas, tornando-se um foco permanente de instabilidade e crises políticas.

Em 1933, quando do lançamento de *Cacau*, o seu segundo livro, Jorge já se tornara um militante do Partido Comunista Brasileiro e, por esse motivo, censurado, perseguido, malvisto pelo regime de Vargas, que começava a cercar-se do nazifascismo.

A primeira edição de 2 mil exemplares do romance é apreendida. E, após a sua liberação, esgota-se em apenas 40 dias. Nesse livro, já se percebe o engajamento político do autor, em que seus personagens seguem uma trajetória de conscientização política por meio da luta operária, segundo os padrões do realismo soviético ou do romance proletário, como ele próprio definiu:

“Tentei contar, neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?”

Em 1934, lança seu livro *Suor*, que também é sucesso de vendas. No ano seguinte, publica *Jubiabá*, sendo *Cacau* e *Suor* traduzidos para o russo. Nos anos subsequentes, são lançados: *Mar Morto*; *Capitães de Areia*; o livro de poemas *A Estrada do Mar*; *O Cavaleiro da Esperança*; *Terras do Sem Fim*; em 1944, *São Jorge dos Ilhéus*; em 1945, *Bahia de todos os Santos*; em 1946, *Seara Vermelha*; *O Amor de Castro Alves*, peça posteriormente intitulada *O Amor do Soldado*, em 1947; e *Subterrâneos da Liberdade*, trilogia constituída pelos volumes *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A luz no Túnel*, em 1954.

Esse período é considerado como a primeira fase do escritor que percebia na literatura uma ferramenta

da militância política, utilizando-a para construir seus personagens a partir de uma perspectiva ideológica eivada de profunda crítica social e política ao País, que, à época, oscilava entre o arcaico e o moderno. “*Eu continuo firmemente pensando em modificar o mundo e acho que a literatura tem uma grande importância*”, afirmou Jorge Amado.

Após o rompimento com o PCB, em 1955, Jorge Amado publica o romance *Gabriela, Cravo e Canela*. Em 1958, inaugura sua segunda fase literária. A partir daí, seus personagens são libertados das amarras ideológicas impostas ao militante político. “*Agora penso com a própria cabeça*”, justificou. Nessa nova fase, deixa para trás a perspectiva única do romance proletário e opta pelo romance de costumes.

Em 1958, publica duas novelas pela *Revista Senhor*: *A Morte e A Morte de Quincas Berro d'Água* e *De Como o Mulato Porciúncula Descarregou seu Defunto*. Em 1961, é lançado *Os Velhos Marinheiros*, e *Gabriela, Cravo e Canela* atinge sua 20ª edição brasileira, com a tiragem de 160 mil exemplares.

Em 1963, ele lança em livro *A Morte e A Morte de Quincas Berro d'Água* e *Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso*. Em 1964, ele publica *Os Pastores da Noite*. Em 1966 é lançado *Dona Flor e Seus Dois Maridos*. Em 1969, é a vez de *Tenda dos Milagres*. Em 1972, é publicado *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Em 1977, é lançado o romance *Tieta do Agreste* e, em 1979, *Farda, Fardão e Camisola de Dormir*.

Em 1982, com 50 anos de carreira literária, lança *O Menino Grapiúna* e, em 1985, publica *Tocaia Grande: a Face Obscura*. Em 1988, Jorge publica *O Sumiço da Santa*.

Na década de 1990 vêm à luz: *Navegação de Cabotagem*, memórias (1992); *A Descoberta da América pelos Turcos* (1994), a novela *O Compadre de Ogun* (1995) e o livro *O Milagre dos Pássaros* (1997).

A literatura amadiana é repleta de referências à cultura afro-brasileira, em especial à religião, à culinária, à música e à capoeira, elementos presentes no cotidiano dos personagens negros ou mulatos, protagonistas de muitos dos seus romances.

Na época em que era perseguido por sua militância política, ele e outros companheiros tiveram refúgio nos terreiros, que também eram reprimidos pelo aparato policial. Daí nasce uma solidariedade imorredoura.

Eleito Deputado Federal, em 1945, pelo Partido Comunista Brasileiro de São Paulo, participou da Assembleia Constituinte, em 1946, tendo sido autor da lei de liberdade de culto religioso, vigente até hoje, garantindo a liberdade de culto aos adeptos das religiões de matriz africana, perseguidos até a década

de 70 no Brasil. Na Bahia, teve que haver um decreto particular do Governo do Estado, do Governador Roberto Santos, para tornar livre o culto do candomblé em nosso Estado.

Mesmo afastando-se do PCB, Jorge nunca abandonou sua visão do mundo, sua postura ideológica. Quando da queda do Muro de Berlim, declarou: “*O capitalismo conserva-se o mesmo sistema frágil e injusto, produtor de guerras, de miséria, baseado no lucro, na ânsia do dinheiro. São razões muito miseráveis*”.

Jorge permaneceu solidário, ajudando com seu apoio a Esquerda brasileira e baiana. Na Constituinte de 1988 assinou manifesto de apoio – para não entrar na polêmica – às candidaturas ligadas ao PCB, do seu grande amigo Fernando Santana, e de Domingos Leonelli, e ao PCdoB, de Haroldo Lima e a minha própria.

Tive especial alegria de receber sua manifestação de apoio na campanha das três mulheres que encabecei numa chapa ao Governo do Estado juntamente com Bete Wagner (PCB) e Salete Silva (PSB). Uma chapa só de mulheres de três partidos socialistas, PCdoB, PCB e PSB, era novidade demais para não ter o apoio de Jorge. E logo depois, novamente, fui honrada com sua simpatia, na chapa Lídice/Bete, vitoriosa à prefeitura de Salvador em 1992, e sua visitação permanente em diversos momentos do nosso Governo.

O amor à cultura brasileira tornou-se a luta de Jorge Amado para salvar uma secular festa realizada anualmente, no dia 15 de agosto, pela irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em louvor à Nossa Senhora da Boa Morte, na cidade em que nasci, a histórica Cachoeira. Na época – permiti-me puxar, João Jorge, a brasa para a minha sardinha –, a sede da irmandade estava em ruínas, e a cada ano a festa era realizada em um local diferente.

Inconformado com o abandono, por parte dos poderes públicos, de uma importante manifestação religiosa e cultural, indignado e impaciente por não vislumbrar uma solução em curto prazo, enviou à *Folha de S. Paulo* uma carta aberta, *Tomo da Cuia de Es-moler*, publicada em 17 de janeiro de 1995. Em 1º de fevereiro, a *Folha* publicava uma nota intitulada *Pronta Resposta*, segundo a qual, após ler artigo de Jorge Amado, sexta, na *Folha*, o Presidente da República de então mandou *fax* ao escritor dizendo ter instruído o Ministério da Cultura a identificar modalidades de apoio à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, considerada “entidade de inestimável importância cultural para a comunidade baiana e para o Brasil”.

A Festa da Boa Morte é hoje um dos ícones do turismo étnico-afro, recebendo anualmente dezenas de visitantes afro-americanos dos Estados Unidos. E deve isso, sem dúvida alguma, a Jorge.

Outro aspecto que impressiona em Jorge Amado é que nenhum escritor brasileiro teve até hoje tantas obras adaptadas para o cinema e a televisão. Seus personagens, oriundos das classes marginalizadas e oprimidas de nosso País, a exemplo de trabalhadores, pescadores, mães de santo, desempregados, entre outros, ganharam voz e tratamento afirmativo, que a sociedade lhes negava. E, por isso mesmo, os personagens amadianos angariaram a afeição das camadas populares brasileiras, que com eles se identificaram, razão do sucesso de público das adaptações dos romances de Jorge Amado para o cinema e a televisão.

É, sem dúvida, o escritor que melhor percebeu, que melhor captou o coração, a vida, do povo trabalhador do nosso País, em especial da Bahia.

Entre 1964 e 2011, foram realizados sete filmes baseados na obra de Jorge Amado, e para a televisão foram adaptadas as seguintes obras: *Terras do Sem Fim* (1966); *Gabriela* (1975); *Tieta do Agreste* (1989); *Tenda dos Milagres* (2002). E quatro minisséries adaptaram suas obras: *Pastores da Noite* (2002); *Dona Flor e seus dois Maridos* (1998); *Tereza Batista* (1992) e *Tenda dos Milagres* (1985).

O Brasil hoje se deleita novamente com a nova adaptação de *Gabriela* para a televisão. Aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer, a nova geração de brasileiros, tem hoje a oportunidade de sentir a força dos personagens de Jorge Amado na atual novela.

Sobre a adaptação de suas obras para a televisão, Jorge comentou:

“A adaptação de qualquer obra de um autor é sempre uma violência, mas considero as versões de meus romances para a televisão muito positivas, porque levam a obra a milhões de pessoas que não leriam o livro”.

Jorge Amado foi também um mestre na arte de fazer amigos, como liderança de um movimento cultural, que ganhava sempre novos adeptos e os cooptava para a Bahia. Tinha entre seus amigos personalidades do mundo inteiro, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e José Saramago, e os brasileiros Graciliano Ramos e Osman Lins. Além dos baianos ilustres, como o seu especial companheiro, amigo, parceiro e irmão, Dorival Caymmi, Calazans Neto, Mário Cravo Júnior, Sante Scaldasferri, João Ubaldo, entre tantos outros. Foi o responsável pela permanência de Floriano Teixeira, do artista plástico argentino Caribé, de Pierre Verger, que se radicaram na Bahia.

Jorge Amado amou tanto o povo baiano quanto a Bahia territorialmente. E advogou de forma tão especial que, na verdade, fundou um movimento cultural que, como diz o Secretário de Turismo da Bahia,

fundou a Bahia no imaginário popular do mundo. Os seus personagens contam a Bahia – e Leonelli diz que a Bahia é fruto de uma invenção literomusical: Jorge e Caymmi inventaram essa Bahia, terra da felicidade, essa Bahia da negritude. Isso contaminou a Bahia de tal forma, que nós orgulhosamente passamos a nos sentir e a ter orgulho da negritude baiana.

Essa referência de fundação, que é também traduzida nas artes plásticas da Bahia, nas ilustrações dos livros de Jorge, compunha a Bahia daqueles anos 40, 50, e compunha também a ideia do Brasil, a ideia do mundo que almejava a igualdade social, que almejava o socialismo. Toda a obra de Jorge em todas as suas fases é impregnada por esses valores centrais de que ele declarava que não abria mão. *“Entre o pobre e o rico, eu estarei com os ricos; entre o capitalismo e o socialismo, eu estarei com o socialismo”*, em declarações do próprio Jorge.

Mas em outro 6 de agosto, em 2001, esse guerreiro, com seus vastos cabelos brancos, deu o seu último suspiro em sua casa no Rio Vermelho, na Rua Alagoinhas, 33, ao lado de sua amada Zélia Gattai, com quem dividiu os seus sonhos e a sua vida.

Com relação à casa de Jorge Amado, não pretendo entrar na polêmica, apenas esclarecer. Nessa Casa, repousam as cinzas de Jorge e Zélia, e recebi do Governo da Bahia a afirmação da intenção de transformá-la num espaço de visitação pública e de preservação da memória de Jorge e Zélia, conforme posição aprovada no Conselho de Cultura, em 6 de agosto de 2008, após ter sido negada em 2006.

O Governo da Bahia, através da Secretaria de Cultura, coloca-se à inteira disposição para negociar com sua família qual o modelo mais adequado para manter a Casa aberta à visitação pública dos baianos e de todo o mundo, transformando-a em um lugar de memória para as futuras gerações sobre esse grande homem a quem a Bahia tanto deve nesses 100 anos de seu nascimento.

Seu centenário é comemorado por todos nós. No interior, na capital, no Brasil inteiro, todos comemoramos o centenário de Jorge Amado. O Governo Estadual promove uma grande campanha nacional em homenagem a Jorge neste momento, bem como a abertura de uma exposição no Museu de Arte Moderna ainda nesta semana. No próximo dia 10, data de seu centenário, será realizado um grande concerto no Teatro Castro Alves, com a Orquestra Sinfônica da Bahia e grandes cantores e compositores baianos. No dia 11 de agosto, não poderia deixar de ser, o Pelourinho vira festa, com a apresentação desse mesmo grande concerto promovido pelas Secretarias de Cultura, de Turismo e de Comunicação da Bahia. É a Bahia e seu povo re-

verenciando aquele que sempre tanto amou sua terra e sua gente, aquele que, na sua obra, nunca deixou o povo perder. Em toda a obra de Jorge Amado, o povo sempre é vencedor.

É exatamente a mensagem de esperança nas transformações da vida política, social do nosso País em que Jorge acreditava: o povo como protagonista, o povo vencedor. E a esperança tem de se traduzir na vitória do povo. Portanto, é esse mesmo povo que homenageia Jorge Amado, homenageia Jorge Amado em Ilhéus, tão cantada, tão traduzida por suas obras; em Itabuna e em todo o interior do Estado da Bahia, mas o homenageia também em Salvador nesta semana.

E o Senado Federal e a Câmara dos Deputados, demonstrando sua coerência e sua identidade com o desejo do povo brasileiro, também transformaram esta sessão numa sessão solene do Congresso Nacional para homenagear Jorge Amado, o mais amado de todos os escritores brasileiros.

Salve Jorge, amado pelos baianos e pelos brasileiros!

Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Com a palavra o Sr. Deputado Roberto Freire, signatário na Câmara dos Deputados nesta sessão.

O SR. ROBERTO FREIRE (Bloco/PPS-SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner; filho de Jorge Amado, João Jorge Amado; jovens familiares de Jorge Amado; Senadora Lídice da Mata; Exmo. Senador Walter Pinheiro; Deputado Antonio Imbassahy; Presidente da Fundação na Casa de Jorge Amado, Sr. Artur Sampaio.

Quem deveria estar aqui no meu lugar – até porque esta é uma comemoração de 100 anos, nacional e internacional, mas é uma comemoração fundamentalmente baiana – era o inesquecível companheiro Fernando Santana, baiano, comunista, amigo de Jorge Amado, que nos representaria com muito maior galhardia e baianidade, que é o que esta comemoração tem de mais profundo. Mas me coube o encargo, como Presidente Nacional do PPS, sucessor do PCB.

Quero dar a esta homenagem aquilo que foi marcante em Jorge, inclusive marcante na sua literatura, pelo menos na literatura do início de sua vida como literato, e na sua militância política, e militância política no Partido Comunista Brasileiro.

Fiz um longo discurso, mas quero acalmar todos, porque, depois do discurso do Presidente e Senador José Sarney, seria desnecessário repetir muito do que S.Exa. disse. Evidentemente diria menos do que ele afirmou, mas talvez até com um tempo maior do que

o que S.Exa. dispôs. Parece que meu discurso era um pouco mais longo, até porque quis ressaltar algumas intervenções de Jorge Amado na sua militância política, que tem muito a ver com coisas de hoje, algumas delas até lamentando que não tivessem tido continuidade, porque aqui foi dito.

Faço ainda certo paralelo de um admirador do literato Jorge Amado e admirador também do político, de coincidências. Coincidências de militância no partido, da militância na juventude comunista. Ele no Direito, no Rio de Janeiro, em 1932; eu, em 1962, na Faculdade de Direito do Recife, também entrando. Só não tive uma Rachel de Queiroz me indicando para militar na juventude comunista; tive, sim, gente com menor dimensão, menor escopo, mas, de qualquer forma, também com a mesma generosidade de pensar o mundo diferente. Tive depois, um nordestino eleito por São Paulo, tal como um nordestino, que na época não se falava, mas do norte que vinha, Jorge Amado, Deputado Federal por São Paulo. Mais do que isso, Constituinte de 1946 e Constituinte de 1986 pelo Partido Comunista Brasileiro, ambos. Coincidências.

Claro, que boa coincidência Jorge teve ao ser autor da liberdade religiosa na Constituinte. Não precisamos disso na Constituinte de 1986. Mas ele lá foi vitorioso, nós fomos derrotados. A República Laica Brasileira em 1946 foi garantida, quando lá não se teve a obrigação do ensino religioso nas escolas públicas.

Só que nós aqui, em 1986, tivemos que admitir isso que afronta a liberdade, inclusive de crença, porque ao Estado não é dado fazer nenhuma perspectiva de proselitismo de qualquer das religiões, apenas garantir que as religiões sejam livres nas igrejas e nas famílias.

Não tivemos essa possibilidade que Jorge teve na Constituinte de 1946. Há várias outras. Também não tivemos aquilo que ocorreu naquela década de sermos cassados. Terminamos a Constituinte.

E mais, tivemos a grata satisfação, como os baianos Leonelli, Lídice e tantos outros, de receber o apoio de Jorge. Não era baianos, mas era na eleição de 1989 para Presidente da República. Ele que, não só ele, mas a sua família inclusive, participou da campanha no Largo da Mariquita, em Salvador, num comício, se fez presente para defender o candidato comunista Roberto Freire. Eu não sei, mas parece inclusive por quem a esposa do Senador José Sarney tinha simpatia naquela campanha de 1989. Era uma simpatia em função de uma ideia generosa, mas que gerou problemas graves, de que tomamos conhecimento. Eu, evidentemente, sem ter consciência, mas em 1956, Jorge, com muita consciência, e tantos outros se afastaram por conta dos crimes de Stalin, a denúncia que foi feita por muito dos erros cometidos por nós comunistas.

Posso falar sem nenhum problema sobre isso, porque não precisei fazer travessia. Em 1962, o PCB, há algum tempo, já tinha deixado o stalinismo de lado, já tinha absorvido a ideia do valor universal da democracia e tinha se encaminhado para aquilo que foi, talvez, o grande momento do partido junto com democratas brasileiros na criação da frente democrática que derrotou uma segunda ditadura que Jorge também enfrentou.

É bom afirmar isso para acabar com essa ideia, que é um mito, de que com o rompimento de Jorge com o PCB, na raiz da denúncia dos crimes de Stalin, ele tenha se afastado daquilo que era a sua vida, daquilo que era a sua dimensão como ser humano, dos seus valores, das suas utopias. Ele se afastou daquilo que foi um erro, que foi corrigido. Eu não sei se tão corrigido, até porque não adianta voltarmos na história porque isso é *déjà vu*. Foi página importante no século XX, mas evidentemente não há mais nada a dizer, salvo manter viva a ideia de uma utopia da sociedade mais justa, sem mais nada a dizer para o século XXI, salvo como página da história que pode aqui ser rememorada.

Jorge Amado fez travessia, como muitos outros intelectuais e muitos outros militantes, mas não deixou de estar ancorado no porto, porque durante todo esse tempo lutou contra o regime militar e se pronunciou. Em momentos importantes contávamos com Jorge, e talvez a sua maior indignação até bem recentemente em 1969, em regime militar recém-instalado, com o assassinato de Marighella, grande companheiro seu, baiano e militante do Partido Comunista Brasileiro. Portanto, são questões daquela época na Aliança Libertadora Nacional ou Nacional Libertadora, dois momentos do movimento comunista brasileiro.

Então, dizendo isso, vou pedir que meu discurso seja dado como lido. Eu gostaria de, com esse introito, dizer que nós do PPS, do velho Partido Comunista Brasileiro, algo que faz parte da nossa história, fez parte da história de Jorge; que ele é uma honra nacional. E mais: é uma honra do mundo, por ter sido um grande, um grande, ser humano. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Deputado Roberto Freire, a Mesa pede a V.Exa. que permita mandar transcrever nos Anais o discurso que V.Exa. havia preparado.

SEGUE, NA ÍNTEGRA, DISCURSO DO SR. DEPUTADO ROBERTO FREIRE.

O SR. ROBERTO FREIRE (Bloco/PPS-SP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quando tivemos a iniciativa de solicitar a realização desta sessão especial do Congresso, para registrar o centenário de nascimento do escritor

Jorge Amado, sem dúvida um dos mais brasileiros e mais universais dos nossos romancistas, não pretendíamos apenas homenagear este gigante da literatura, mas também lembrar para os mais antigos e dar conhecimento às novas gerações do dedicado e exemplar militante comunista do PCB, por cuja legenda foi Deputado Federal Constituinte, durante os anos de 1946 a 1948, eleito por São Paulo.

Eu pediria ser dispensado no tocante à abordagem dos aspectos mais ligados à vida literária deste baiano que foi um dos mais famosos escritores brasileiros de todos os tempos, cujas dezenas de livros foram traduzidos em 55 países, em 49 idiomas e dialetos, existindo também exemplares em *braille* e em fitas gravadas para cegos. Como autor de romance ficcional, até hoje ele não teve paralelo em termos de sucesso de público e de crítica. Sua obra literária também conheceu inúmeras adaptações para cinema, teatro, rádio e televisão, para histórias em quadrinhos, não só no Brasil, mas também em Portugal, França, Itália, Argentina, Suécia, Alemanha, Polônia, ex-Tcheco-Eslováquia e Estados Unidos, além de ter sido tema de escolas de samba e de grupos carnavalescos em várias capitais brasileiras. Ele é o autor mais adaptado da TV brasileira, provocando permanentes sucessos, dentre outros, com *Gabriela*, *Cravo e Canela*, *Tieta do Agreste* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*, além de *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tenda dos Milagres*.

Permitam-me, então, até por estarmos festejando os 90 anos da presença comunista no Brasil, que eu me debruce, concentrando-me, sobre a trajetória deste sempre irrequieto ser político. Curioso é que, mesmo nascido numa fazenda de cacau e filho de um grande proprietário de terras numa área que fazia parte do Município de Itabuna, o nosso querido Jorge, desde muito jovem, deixou-se sensibilizar pela realidade social, onde quer que ele desembarcasse.

Seu roteiro de vida é dos mais singulares. Com apenas 10 meses, banhou-se com o sangue do pai, ferido este numa tocaia dentro da própria fazenda. Logo depois de completar 1 ano de existência, uma praga de varíola obriga a família Amado a se estabelecer na cidade vizinha de Ilhéus. Com 5 anos, a família muda-se para outra fazenda, com seu pai voltando ao campo. Em 1918, já alfabetizado pela mãe, Jorge retorna a Ilhéus e passa a frequentar a escola de Dona Guilhermina, professora que não hesitava usar a palmatória e impor outros castigos a seus alunos. Entre a fazenda e a cidade, nas terras bravias do cacau, assistiu ao drama da conquista da selva; e conheceu os trabalhadores rurais e sua vida de bestas de carga. Com 10 anos, criou um jornalzinho, *A Luneta*, que foi distribuído pelos orgulhosos pais e vizinhos e parentes.

Para cursar o secundário, vai para Salvador, em 1925, sendo internado no Colégio Antonio Vieira, de padres jesuítas. Ali dá um salto qualitativo, já que, após apresentar ao Padre Luiz Gonzaga Cabra uma redação intitulada *O Mar*, ganha elogios e faz com que o religioso passe a lhe emprestar livros de autores portugueses e de outras partes do mundo. No ano seguinte, após suas férias na fazenda, o pai leva-o até o colégio, despede-se dele, e o nosso travesso, em vez de entrar no centro religioso, foge. Viaja por largo tempo até chegar à casa de seu avô paterno, em Sergipe. Seu tio, após alguns dias, o leva de volta para a fazenda paterna.

Seu pai vai a Salvador e matricula-o, então, novamente como interno, no Ginásio Ipiranga, em Salvador, e ali Jorge passa a dirigir o jornal do grêmio escolar, *A Pátria*. Já com 15 anos, passa para o regime de externato e vai morar num casarão no Pelourinho, tempo em que começa a curtir a liberdade das ruas da cidade grande, misturado ao povo dos mercados e feiras, do cais dos saveiros, nas rodas de capoeira e festas de candomblé e no átrio das igrejas católicas centenárias, tudo isso considerado por ele como sua melhor universidade, pois lhe deu o pão da poesia, que vem do conhecimento das dores e das alegrias de sua gente, realidade que iria marcar profundamente sua vida e sua obra.

Apaixonado pela arte da escrita, ao enturmar-se construindo novas amizades, tomou-se um dos fundadores do jornal *A Folha*. Talvez em busca da sua independência, conseguiu emprego como repórter policial no *Diário da Bahia* e pouco depois foi trabalhar em *O Imparcial*, ao tempo em que acrescentava suas contribuições de crítica social e literária à revista *A Luva*, de 1927/1928.

Participante ativo da vida intelectual da cidade, incorporou-se ao grupo de jovens aguerridos que, em torno do experimentado jornalista e poeta Pinheiro da Veiga, fundaram a Academia dos Rebeldes, de que faziam parte, dentre outros, os futuros companheiros de PCB, como Édison Carneiro, Walter da Silveira e Áydano do Couto Ferraz, os quais criaram as revistas *Meridiano* e *O Momento*, abrigo para os trabalhos literários de seus integrantes.

Em 1930, deixou a Cidade da Bahia, como ele gostava de chamá-la, e desembarcou no Rio de Janeiro, a fim de concluir seu curso preparatório e fazer seus estudos universitários.

Jorge teve a sorte de começar a entender a vida – da adolescência aos primeiros anos de adulto – para se tornar um militante político e um criador literário, num período sociopolítico e intelectual de grande agitação e mudanças no País. De um lado, as investidas armadas

e populares para derrotar a Primeira República, também chamada de República Velha, e que culminaram com os eventos conhecidos hoje como a Revolução de 30, e, de outro, as ações de jovens escritores, descontentes com o Movimento Modernista, por ser muito intimista, as quais desembocaram no Romance Social, cujo pontapé primeiro foi dado pelo paraibano José Américo de Almeida, com o seu famoso *A Bagaceira*.

Esse clarão intelectual criou movimentos afins distintos em todo o País, tendo Jorge integrado uma dessas facções, a importantíssima geração nordestina, da qual também tomaram parte pensadores e políticos, como Amado Fontes, Gilberto Freyre, o próprio José Américo de Almeida – que sacramentou a expressão “*São os do Norte que vêm*” –, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, além de outras personalidades que, mesmo de espírito conservador, demonstravam suas inquietações depois da Revolução de 30. Para Amado, essa nova geração de romancistas chegava à vida e para a criação literária com “*o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro, em busca de caminhos para a solução dos nossos problemas*”.

A atual Faculdade Nacional de Direito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, na qual ele entrou como um dos primeiros colocados no vestibular de 1931 e se formou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1935, sem jamais, no entanto, ter exercido a advocacia, era, naqueles tempos agitados, um polo de discussões políticas e de arte, ambiente talhado para um espírito revoltado como o dele. Foi ali que ele travou seus primeiros contatos com o movimento de esquerda organizado, culminando com sua entrada na União da Juventude Comunista – UJC, braço juvenil do PCB, em 1932, levado pelas mãos da jovem escritora cearense Rachel de Queiroz, e onde desenvolveu relações de amizade com intelectuais da mais variada estirpe. Dois anos depois, foi eleito membro do Comitê Dirigente da UJC.

Curioso e – permitam-me o registro – é que, 30 anos depois, em 1962, aconteceu algo em muito parecido comigo, na também famosa e tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde conheci colegas que me foram emprestando livros e outras publicações de conteúdo ideológico, apresentando temas e discutindo a realidade mundial e brasileira, incorporando-me a ações e movimentos estudantis e também políticos, o que teve seu desfecho também com a minha adesão à UJC e, por ela, ao Partido Comunista Brasileiro.

Jorge Amado, no mesmo ano em que chegou à capital da República, com apenas 18 anos de idade, faz sua estreia em livro, por uma editora carioca, com a novela *Lenita*, escrita em colaboração com seus

conterrâneos Dias da Costa e Édison Carneiro. Logo depois, vai ser redator-chefe da revista *Rio Magazine* em 1933. Inspirado e estimulado pela rica e desigual realidade que conhecera desde a infância, ele passa a lançar, quase que a cada ano, um romance popular e sempre de grande sucesso. O primeiro deles foi *O País do Carnaval*, 1931, pela Editora Schmidt, com prefácio de seu dono, o poeta Augusto Frederico Schmidt. O livro recebe elogios dos críticos e seus mil exemplares têm boa venda. Seguem-se os romances *Cacau*, 1933; *Suor*, 1934; *Jubiabá*, 1935; *Mar Morto*, 1936, e *Capitães de Areia*, 1937, os quais vão ganhando edições sucessivas de 2 a 3 mil exemplares. Nos anos 50 e 60, as edições eram na faixa dos 100 mil a 150 mil exemplares. O incrível é que ele, ao mesmo tempo em que desenvolvia seu trabalho de jornalista e escritor, participava de vários movimentos literários e populares na Bahia e no Brasil.

Na Cidade Maravilhosa, além das atividades com dirigentes e intelectuais comunistas, ele passa a manter contato e a conviver com gente da qualidade dos poetas Vinicius de Moraes, Jorge de Lima e Raul Bopp; dos romancistas José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Amado Fontes; dos cientistas sociais Gilberto Freyre, Otávio de Faria e Gastão Cruis, sem falar em Aurélio Buarque de Holanda. Mais uma atitude inusitada do nosso Jorge é que, ao ter acesso aos originais de *Caetés*, romance de Graciliano Ramos, empolga-se com o talento do escritor alagoano e viaja a Maceió só para conhecê-lo, iniciando uma amizade que duraria até a morte do autor de *Vidas Secas*.

Com a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, em 1933, e com o avanço do fascismo no mundo, a Internacional Comunista adota a política de Frente Popular contra o fascismo, incluindo comunistas, socialistas, liberais e outros, tática que, aplicada no Brasil pelo PCB, dá origem à Aliança Nacional Libertadora – ANL, tendo Luíz Carlos Prestes como presidente de honra. Jorge, então, vai ser redator do órgão da ANL, no jornal *A Manhã*, em 1935, ao lado de figuras comunistas da qualidade de Álvaro Moreyra, Di Cavalcanti e Aparício Torelli, o nosso querido Barão de Itararé.

O crescimento da Aliança chega a assumir grandes proporções não só pelo entusiasmo das massas, mas também pelo apoio e adesão de líderes políticos e militares progressistas e de expressão na época. Mas, em julho, ela é declarada ilegal por Getúlio Vargas, utilizando o pretexto de um manifesto e discurso de Prestes, que afirmava haver no Brasil uma situação pré-revolucionária e revelava uma tentativa de instrumentalizar a ANL por parte dos comunistas. Quanto mais se isolava, mais a ANL organizava a rebelião, por meio dos quartéis, o que ocorreu no dia 23 de no-

vembro, por meio do 21º Batalhão de Caçadores, em Natal, sob a liderança do seu querido amigo baiano Giocondo Dias, com os revoltosos assumindo o Governo Estadual por uns poucos dias; no dia 24, no Recife, no 29º BC, com os amotinados, entre eles Gregório Bezerra e Severino Theodoro de Mello, mantendo a cidade em estado de guerra por 3 dias, sendo depois desbaratados ou se dispersando pelo interior; e, no dia 27, irrompendo no Rio de Janeiro, sublevando o 3º Regimento de Infantaria e a Escola de Aviação Militar, sem ao menos conseguir sair às ruas.

A chamada Intentona Comunista termina em completo fracasso. Daí em diante, o PCB em particular e o movimento operário e outros setores progressistas em geral passam a sofrer violenta repressão, que durará vários anos.

É nesse clima que Jorge conhece sua primeira prisão, em 1936, no edifício sede da Polícia Central do Rio, junto com dezenas de outros detidos, dentre comunistas e outros democratas, acusado de participar do levante ocorrido na cidade de Natal. Numa das noites de cárcere, ele desperta ao ouvir ruídos, e reconhece, dentre os novos hóspedes ali chegados, o Deputado Federal João Mangabeira, seu conterrâneo, preso pelo crime de cumprir com dignidade seu mandato, uma das poucas vozes que não se deixava calar no Parlamento de então, por acusar os donos do poder e defender os presos políticos, e que se tornou posteriormente um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, aqui neste ato representado pela Senadora, também baiana, Lídice da Mata.

Avançava novos passos o autoritarismo do governo provisório de Vargas, após a Constituição imposta de 1934 – a chamada Polaca –, dando sequência ao processo de liquidação da democracia então vigente no País.

Em 1937, atendendo a convites e também para afastar-se de ambiente tão carregado, viaja pela América Latina e, em seguida, vai aos Estados Unidos. Enquanto estava fora, sai no Brasil um dos seus clássicos, *Capitães de Areia*. Ao retornar ao País, chegando a Belém do Pará, é avisado pelo escritor paraense Dalcídio Jurandir de que Vargas dera um golpe de Estado. Não mais que de repente, foge para Manaus, e lá é preso, sendo libertado só no ano seguinte. Seus livros, considerados subversivos, são queimados em plena Salvador por determinação da Sexta Região Militar. Segundo as atas militares da época, foram queimados 1.694 exemplares de seus mais populares romances. Por determinação superior, embora já fosse nome famoso – em 1936, *Mar Morto* recebera o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras –, seus livros são retirados de circulação pela censura estado-novista.

Com as dificuldades surgidas nesse período ditatorial, inicialmente instala-se em São Paulo, onde reside com Rubem Braga, depois vai para a Bahia e, em seguida, Sergipe. Nessa época, imprime uma pequena edição do livro de poemas *A Estrada do Mar*, que distribui para os amigos, quando comemorou ter estreado em dois consagrados idiomas literários do Ocidente: *Suor*, que sai em inglês, pela New America, de Nova Iorque, e *Jubiabá*, em francês, pela prestigiosa Gallimard. Sobre sua edição francesa, não se pode deixar de fazer um importante registro: o famoso escritor franco-argelino Albert Camus, futuro Nobel de Literatura em 1957, escreve artigo no jornal *Alger Républicain* classificando o romance de “magnífico e assombroso”; e entusiasmado com a leitura dessa obra, o fotógrafo e francês Pierre Verger viajou para a Bahia, radicou-se em Salvador, tornando-se um dos amigos mais íntimos de Amado.

Jorge, então, retorna ao Rio no ano de 1939, onde exerce intensa atividade política, num momento em que há desarticulação do PCB e denúncia de que há torturas praticadas sobre vários companheiros presos. Graças a seu prestígio, torna-se redator-chefe das revistas *Dom Casmurro* e *Diretrizes* – esta teve sua publicação suspensa por ordem da Polícia Política – e colaborador da revista *Vamos Ler*. Não suportando as ameaças e perseguições, é obrigado ao exílio. Vai para Buenos Aires, onde colabora em periódicos como *La Crítica*, *Sud*, dentre outros, e depois segue para Montevideu.

Decide, então, escrever um livro sobre Luíz Carlos Prestes, que se encontrava preso, já pensando numa possível campanha por sua anistia. Nessa direção, ele, nas duas importantes capitais do Prata, faz pesquisas e recolhe material para esse memorial sobre o líder da Coluna. Decorrente desse esforço, publica, na capital portenha, em língua espanhola, no ano de 1942, as biografias *ABC de Castro Alves* e *A Vida de Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança*, sendo que este foi trazido para venda clandestina no Brasil.

Com a declaração do rompimento de relações do Brasil com o Eixo nazifascista, Jorge Amado foi um dos primeiros exilados a voltar ao País, em setembro de 1942, para colaborar com os movimentos e ações patrióticos. Eis que dias depois de desembarcar, em Porto Alegre, fizeram-no preso e o enviaram para o Rio de Janeiro, sendo recolhido à prisão da Ilha Grande, ao lado de dezenas de aliancistas e comunistas. Posto em liberdade em novembro, a Polícia Política lhe estabeleceu, como residência obrigatória, a cidade de Salvador, para onde ele seguiu.

Integrando-se à vida baiana, em janeiro de 1943, passa a trabalhar na redação de *O Imparcial*, no qual

escrevia diariamente crônicas da cidade e artigos sobre a guerra, verdadeiros primores que ganharam grande público. Ao lado disso, enfronha-se no movimento antifascista, animando-o, mas sobretudo atraindo seus admiradores, além dos simpatizantes do PCB e os meios jornalísticos e intelectuais. Em torno dele gravitava a atividade a um intenso trabalho cultural que se desenvolveu paralelamente ao movimento patriótico que empolgava a Bahia, fortalecendo-o com seu prestígio intelectual e político.

Nesse mesmo mês, em artigo para a revista *Seiva*, que havia sido criada pelos comunistas, tendo à frente João Falcão, ele defendeu a orientação do PCB e conclamou os líderes das correntes democráticas a abandonar tudo o que pudesse desunir e considerar apenas o que unia a todos: “*a defesa do Brasil e a luta ativa contra o germano-fascismo*”. Ele exemplificou com o comportamento positivo dos povos da China e de Cuba, que souberam colocar-se acima das divergências ideológicas e pessoais entre Governo e Oposição para encararem o essencial: “*a defesa da pátria ameaçada*”.

E finalizou, categórico: “*É por isso que me espanta a resistência oferecida por determinados políticos de larga trajetória democrática à concretização da União Nacional em torno do governo do presidente Vargas*”. Ressalte-se que o romance *Terras do Sem Fim* é o seu primeiro livro a ser vendido livremente em Salvador e no Rio, após 6 anos de censura.

Na Bahia, ele viajou a muitas cidades do interior, de onde choviam convites de amigos e admiradores para visitá-las, e a esses rincões afastados ele levava as palavras de ordem do partido e a campanha de mobilização popular contra o nazifascismo. Atendia também a convites para palestras, por entidades estudantis, de profissionais liberais, de trabalhadores e de intelectuais, e todas contavam sempre com uma assistência fora do comum. E, mesmo sem gostar, participava de comícios, nos quais fazia emocionados discursos e arrancava aplausos da multidão.

Sua casa, no subúrbio de Periperí, tornou-se uma espécie de meca dos literatos da Bahia, nos 2 anos durante os quais ele sacudiu Salvador e grande parte da Bahia, servindo à causa democrática e antifascista. Para lá se dirigiam, aos domingos, companheiros de partido, intelectuais amigos e até admiradores, a quem oferecia almoço de pratos típicos baianos. Nessa sua nova fase baiana, ele ainda encontrou tempo para escrever *São Jorge dos Ilhéus*, *Bahia de Todos os Santos* e *O Amor de Castro Alves* – para teatro, a pedido da atriz Bibi Ferreira, cuja companhia teatral é desfeita antes da encenação desse belo espetáculo.

Em janeiro de 1945, Jorge Amado vai para São Paulo, para ser um dos organizadores do I Congresso de Escritores Brasileiros, importante encontro concebido e coordenado por intelectuais comunistas, do qual, além de chefe da delegação baiana, foi um dos seus vice-presidentes. Além dos seus debates e resoluções condenarem a ditadura e exigirem a retomada do processo democrático, a sessão de encerramento desse histórico evento se constituiu um ato contra o Estado Novo, o que irritou os setores fascistas ainda existentes na máquina governamental, provocando a detenção, por várias horas, de Jorge Amado, Caio Prado Júnior e Oswald de Andrade.

Iniciava-se aí nova fase na sua vida. Aproveitando-se de sua presença na capital paulista e considerando que não tardaria a volta dos partidos à legalidade, inclusive a do Partido Comunista, e que haveria eleições presidenciais e para uma Assembleia Nacional Constituinte, até o final do ano, a direção nacional do PCB teve encontros com ele, que culminaram com o convite para dirigir o jornal diário *Hoje*, em São Paulo, e candidatar-se a Deputado Federal pelo Estado paulista.

Admitam-me aproveitar esta oportunidade para fazer uma comparação ligeira entre dois tipos de ditaduras que infelicitaram o País no século XX e realçar uma orientação política no enfrentamento delas: a do Estado Novo, implantada em 1937 e que durou até 1945, e a militar, de 1964, que se arrastou por cerca de 20 anos. É que o PCB, nesses períodos de atropelo às liberdades, foi o único partido que, mesmo atuando de forma clandestina e sob violenta repressão – sem deixar de cometer equívocos aqui e acolá –, procurou aproveitar as brechas surgidas no combate a esses regimes de exceção, de forma a estimular a participação crescente de pessoas e correntes de opinião em todas as ações que criassem condições concretas no sentido de levar o País a isolar e derrotar o autoritarismo e conquistar a retomada do processo democrático.

Na ditadura populista de Vargas, que num primeiro momento se manifestava simpática à política e aos avanços nazifascistas dentro do contexto da II Guerra Mundial, os comunistas brasileiros agiram de forma a convencer os democratas, independente de sua convicção política e/ou ideológica, de que o caminho para reconquistar a democracia passava por desenvolver um amplo movimento na sociedade capaz de pressionar e levar o Brasil a declarar guerra ao eixo, pois a derrota deste na Europa forçosamente criaria as condições para pôr fim ao Estado Novo. Dito e feito.

O mesmo ocorreu, nos anos 60/70, quando o PCB, não se distanciando de suas formulações renovadoras iniciadas em 1958, propôs a formação de uma ampla aliança da esquerda com democratas de

centro e até conservadores como o caminho para superar o regime ditatorial. Como todos sabem, foi, assim, através do Movimento Democrático Brasileiro – MDB, partido criado artificialmente pelo regime e que pela resistência se transformou na grande frente democrática que se desenvolveu e foi instrumento da luta política aberta e de massas e com a qual se isolou e se derrotou a ditadura no País. No seio das forças de esquerda, a divisão se delimitou muito nítida: entre os que defendiam a reconquista da democracia, pela via aberta da política de massas, e os que optavam pelo combate estreito da luta armada, via guerrilha urbana e rural, de minúsculos grupos tidos como revolucionários para assaltar o poder e nele implantar a ditadura do proletariado.

Para enfrentar e obter bons resultados no pleito nacional que se realizaria no dia 2 de dezembro de 1945, o PCB decidiu adotar uma iniciativa inovadora em termos de disputa eleitoral. É que, tendo clareza sobre a importância da comunicação para conquistar corações e mentes, o partido passou a implantar, com a ajuda de companheiros e aliados, gráficas e editoras em várias e importantes capitais do País e, apoiado nelas, a lançar jornais, revistas e livros, difundindo informações, análises e propostas que iam ampliando seu raio de ação e sua força política. O diário *Hoje*, por exemplo, de São Paulo, dirigido por Jorge Amado, era o de terceira maior tiragem na capital, com uma edição de 70 mil exemplares, o que era algo extraordinário para a época.

Algo muito pouco sabido é que Jorge Amado também tinha pendores publicitários. Em 1934, no Rio, tornara-se chefe de publicidade da Livraria José Olympio Editora, que veio a ser uma das maiores casas editoriais do País – uma das suas estratégias era preparar e remeter *press releases* a todos os veículos de comunicação, principalmente emissoras de rádio, jornais e revistas. Na José Olympio, ajudava também na parte editorial, tendo influenciado na publicação de *O Conde e o Passarinho*, primeiro livro do cronista capixaba Rubem Braga, e no lançamento de autores latino-americanos como o uruguaio Enrique Amorim, o equatoriano Jorge Icaza, o peruano Ciro Alegría e o venezuelano Rómulo Gallegos – de quem traduziu o romance *Dona Bárbara*.

Em 1945, engenhoso como poucos, passou a criar e coordenar o trabalho de divulgação visual do PCB, no centro político do País, a capital da República. Juntamente com o escritor paraense Dalcídio Jurandir, criou o slogan “*Falam os muros da cidade*”. Os militantes foram orientados a espalhar cartazes e faixas pelas cidades, com palavras de ordem do tipo “*Estado Novo nunca mais*”, “*Legalidade para o PCB*”,

“*Viva a democracia*”, “*Cuida-te contra os secretas de Filinto*” – alertava os comunistas e demais democratas contra os agentes infiltrados da Polícia Política do Governo Vargas.

Na campanha eleitoral, Jorge dirigiu inicialmente a propaganda para o pleito de dezembro, utilizando os slogans “*Constituinte e liberdade*”, “*Morte ao Nazi-fascismo*” e “*Elejamos o Cavaleiro da Esperança para o Senado*”. Inclusive, ele sugeriu a Prestes passar a visitar favelas e escolas de samba, ao mesmo tempo em que, com a ajuda do compositor Dorival Caymmi, compôs o hino da campanha do futuro Senador, arrebataando multidões por onde passava, segundo o compositor Heitor Villa-Lobos. Mais que isso, foi dele a proposta de se organizar dois grandes comícios e que se concretizaram, o primeiro, em maio, no Rio, no campo de São Januário, do Vasco da Gama, onde Luiz Carlos Prestes, recém-saído da prisão, discursou para um estádio completamente lotado, e o segundo, em julho, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, onde também a multidão se espalhava pela Praça Charles Miller, tidas como as maiores manifestações populares realizadas no País até então. Outros grandes comícios aconteceram em outras capitais, como no Recife e em Salvador, nos meses de agosto e setembro. Para o evento paulista, Jorge trouxe seu querido amigo e companheiro de lutas do PC chileno, o poeta Pablo Neruda – que viria a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura, 26 anos depois. Foram acontecimentos muito importantes no contexto da época, reveladores do prestígio do Cavaleiro da Esperança, do Partido Comunista e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, então vitoriosa junto com aliados, à frente os Estados Unidos, na luta contra o nazifascismo na II Guerra Mundial.

Para a batalha em busca de votos, o PCB, além de contar com os seus jornais diários ou semanais, nas mais importantes cidades do País, por meio dos quais faziam a propaganda dos seus candidatos, apresentando suas biografias, suas qualidades e seus méritos, e as propostas que tinham para o País, torna-se inovador na estratégia dentro do projeto de eleger o máximo de seus candidatos. Tratava-se de imprimir e envelopar não apenas o modelo de cédula que o eleitor deveria usar no dia da eleição, mas também um pequeno panfleto com uma análise da realidade mundial e brasileira sob a ótica do partidão e a lista dos seus candidatos. À época, a ênfase maior era sobre o partido e não apenas sobre o candidato, por mais importante e visível que este fosse.

Toda a capacidade de mobilização dos comunistas se destinava a fazer o até hoje conhecido porta-a-porta em cada rua e bairro. Cada militante tinha como

missão conquistar seus parentes, vizinhos, compa-
nheiros e amigos e estimulá-los a contatar casas ou
conjuntos residenciais, pedindo licença para entregar
aos membros da família o modelo de cédula eleitoral
e lhe transmitir algumas informações e ideias sobre a
eleição e como melhor se posicionar sobre os candi-
datos, levando em conta os interesses do País e de
sua gente. No caso de Jorge, além de sua visibilidade
natural, por ser um nome famoso, ele escrevia, além
de no jornal *Hoje*, também na *Folha da Manhã*, e era
secretário do Instituto Cultural Brasil-URSS, cujo diretor-
geral era Monteiro Lobato, num momento em que, com
a vitória dos Aliados sobre o nazifascismo, a imagem
da União Soviética era das mais positivas e simpáticas.

Graças ao extraordinário desempenho nas elei-
ções de dezembro de 1945, nas quais o seu candidato
a Presidente da República, Yeddo Fiúza, obteve cerca
de 10% do total de votos, ficando em terceiro lugar, o
PCB alcançou papel de destaque na Assembleia Na-
cional Constituinte, ao se constituir a quarta maior ban-
cada, de um total de 9 partidos disputantes, elegendo
1 senador e 15 deputados – 4,7%. Os representantes
dos interesses das classes dominantes, sobretudo das
oligarquias, eram o Partido Social Democrático, com
54,7%, e a União Democrática Nacional, com 26,3%,
que juntos dariam as cartas na elaboração da nova
Constituição, seguidos do Partido Trabalhista Brasileiro,
PTB, ainda em organização por Getúlio Vargas, que
foi o terceiro colocado, com 6,8%. Estruturados nacio-
nalmente, os comunistas haviam lançado candidatos
em todas as Unidades da Federação, fato possibilita-
do pela articulação deles com bases organizacionais
previamente existentes.

A bancada pecebista era composta pelo enge-
nheiro e ex-Capitão do Exército, o gaúcho Luiz Carlos
Prestes, eleito Senador pelo Distrito Federal; e pelos
Deputados por Pernambuco, o ex-Sargento do Exército
e líder camponês Gregório Bezerra, o médico Alcedo
Coutinho e o ferroviário e operário mecânico Agostinho
de Oliveira; pela Bahia, o jornalista Carlos Marighela;
pelo Distrito Federal, o operário e marinheiro cearense
João Batista Neto, o contador e desenhista técnico pa-
raense João Amazonas, e o jornalista baiano Maurício
Grabois; pelo Rio de Janeiro, o operário metalúrgico e
carpinteiro Alcides Sabença e o ferroviário e carpinteiro
Claudino Silva, o primeiro negro eleito Deputado no
País; por São Paulo, o médico e jornalista Milton Caires
de Brito – destacado militante comunista na Bahia e
um dos principais responsáveis pela reorganização do
PCB após a Conferência da Mantiqueira, no Rio, em
1943), o advogado, jornalista e escritor baiano Jorge
Amado, o ex-sargento do Exército, pedreiro e alfaia-
te paraense Jose Maria Crispim, e o estivador e líder

sindical em Santos, o sergipano Osvaldo Pacheco; e
pelo Rio Grande do Sul, o operário metalúrgico Abílio
Fernandes e o ex-militar Trifino Correia.

Já no tocante ao perfil social de seus integrantes,
a bancada comunista era a mais jovem da Constituín-
te, sendo que 56,2% de seus membros tinham menos
de 40 anos – o mais jovem, Osvaldo Pacheco, não
completara ainda 30 anos. O PCB era também a agre-
miação com a maior porcentagem de Parlamentares
sem curso universitário – 62,5% – e também o único
partido cuja metade de seus membros era constituída
de pessoas que exerceram profissões manuais como
atividade principal – 50% – e representavam 80% do
total de todos os Constituintes. Outro detalhe a consi-
derar é que, apesar de todos eles terem tido militân-
cia clandestina, apenas quatro não haviam ainda sido
presos, no caso Alcides Sabença, Batista Neto, Milton
Caires de Brito e Osvaldo Pacheco.

Instalada a Constituinte, em fevereiro de 1946,
o Presidente eleito, Marechal Eurico Gaspar Dutra,
desencadeou ativa repressão contra os “subversivos”.
Além do mais, os Parlamentares dos demais partidos
olhavam os comunistas com suspeita, quando não de
repulsa. Qualquer emenda ou projeto da bancada via-
-se rejeitado *in limine*. Senadores e Deputados conser-
vadores e/ou reacionários do PSD e da UDN – 81%
da ANC – descobriam na proposição mais inocente o
famigerado dedo de Moscou, uma ameaça à socie-
dade estabelecida, à moral e aos bons costumes, à
família brasileira. Foi nesse período que houve o lan-
çamento dos seus audaciosos livros *Seara Vermelha*,
pela Editora Martins, e, pela Edições Horizonte, do Rio
de Janeiro, *Homens e Coisas do Partido Comunista*.

Jorge Amado, como Parlamentar ativo em Plená-
rio e nas Comissões, denunciava os espezinhamen-
tos por parte do Governo e concentrava sua atuação
na luta pela ampliação das liberdades individuais e
políticas e na defesa das propostas do PCB. Logo no
início dos trabalhos constituintes, interveio várias ve-
zes para justificar propostas da bancada comunista ao
Regimento Interno, realizando pronunciamentos, nos
quais leu documento de seu partido em que reivindica-
va a imediata revogação da antidemocrática Carta de
1937, imposta por Vargas ao País, e justificava emen-
da de sua autoria – rejeitada –, suprimindo dispositivo
regimental que concedia ao Presidente da Assembleia
Nacional a prerrogativa de censurar “expressões não
parlamentares” dos discursos de Constituintes.

Em outras fases do processo de elaboração cons-
titucional, ocupou a tribuna para proferir discursos de-
nunciando o fechamento do Sindicato dos Estivadores
e da União Geral do Sindicato dos Trabalhadores de
Santos; protestando contra a apreensão de edições

do diário comunista *Tribuna Popular*, por “esbirros da ordem política e social”; e declarando voto contra o projeto constitucional, aproveitando a ocasião para justificar longamente uma série de emendas apresentadas pela bancada comunista ao projeto. Além disso, foi encarregado pelo PCB de saudar, em nome da bancada comunista, várias personalidades de destaque em visita ao Parlamento.

Em março, a situação internacional começava a sofrer alterações, com o início da chamada Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, o Governo Dutra e diversos setores das classes dominantes tudo faziam para isolar e barrar o crescimento do PCB, que se expressava, sobretudo, na conquista da hegemonia do movimento sindical, seja no Movimento de Unificação dos Trabalhadores – MUT, cujo objetivo era inserir os sindicatos e o movimento operário na política geral, seja na Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil – CGTB, e na influência junto a amplos setores da intelectualidade. Ainda em 1946, o Governo proíbe a existência do MUT, ao tempo em que decreta a intervenção nos sindicatos e a suspensão das eleições sindicais.

Na condição de membro da Comissão de Estudo das Indicações e mesmo vivenciando um clima anticomunista crescente, Amado formulou diversas indicações e pareceres sugeridos por outros Constituintes. Dentre estes, destacam-se seus pareceres positivos às indicações de Luíz Carlos Prestes, propondo a desaprovação, pela Constituinte, do Decreto-Lei nº 9.070, baixado pelo Governo Dutra, proibindo o direito de greve e protestando contra a presença de agentes da Delegacia de Ordem Política e Social nas assembleias sindicais; de Horácio Lafer – PSD-SP, sugerindo a criação de um órgão governamental para estimular o plantio de trigo no Sul do País; e da UDN baiana, solicitando a restituição aos cacauicultores da Bahia da diferença entre os preços de compra e exportação do cacau adquirido pelo Instituto do Cacau durante o Estado Novo. Além disso, declarou voto contra a moção do líder pessedista Nereu Ramos – PSD-SC –, louvando as Forças Armadas pela dissolução a tiros de comício organizado pelo PCB no Largo da Carioca, na capital federal, e manifestou-se favorável à ruptura de relações diplomáticas com a ditadura franquista e à supressão das polícias políticas. Foi ainda contrário à invocação da “proteção de Deus” no preâmbulo da Constituição, ao ensino religioso obrigatório nas escolas de 1º e 2º graus e ao “Estado de Sítio preventivo”.

Nesse sentido, é importante registrar que a bancada do PCB, na Constituinte de 1987/1988, da qual éramos o líder, defendendo a República laica, também se posicionou contrariamente à proposta dos repre-

sentantes do pensamento da Igreja Católica no sentido de tornar obrigatório nas escolas públicas o ensino da religião dominante. Algumas lideranças cristãs evangélicas temiam pelo que poderia acontecer com essa liberdade que tenderia a fortalecer a hegemonia católica, mas votaram a favor.

Jorge Amado chegou a apresentar 15 emendas ao Projeto de Constituição, das quais se destacam, dentre outras, a que suprimia a necessidade de censura prévia para a publicação de livros e periódicos; a que, pela primeira vez no País, garantia direitos autorais; e a que eliminava dispositivo que facultava apenas a brasileiros natos o exercício das profissões liberais. Porém, orgulhava-se de duas delas, que foram transformadas em lei, tornando-se fundamentais para a futura liberdade de ação e expressão: uma diz respeito à liberdade religiosa e a outra refere-se à facilidade para que a imprensa e as editoras obtivessem papel de imprensa a preços acessíveis, a fim de imprimirem suas publicações.

Na sua vida, desde muito jovem, constatara que a liberdade de professar uma crença ou religião, com a separação entre o Estado e a Igreja, definida quando da implantação da Constituição da República, em 1891, não passara do papel, de uma farsa. Cursando a vida popular baiana, inclusive nas casas-de-santo, nos terreiros de candomblé, foi-lhe dado testemunhar a violência desmedida com que os poderes do Estado e da Igreja tentavam aniquilar os valores culturais provenientes da África. Além da discriminação religiosa, havia perseguição aos orixás, violência contra pais e mães-de-santo que eram presos, espancados e humilhados, e tinham seus lugares sagrados invadidos e destruídos.

A segunda lei de sua autoria derrubou algo vigente há anos no Estado Novo, ou seja: a aquisição de papel era profundamente controlada pelo Governo Vargas, aproveitando-se a ditadura das dificuldades inerentes à época, devido à Segunda Guerra, para também dificultar ao extremo a mobilização de forças opositoras, entre estas os comunistas, que precisavam de papel para suas atividades políticas e culturais – desde o mais simples panfleto de rua até a confecção de jornais, revistas e livros.

Mesmo sofrendo uma desonesta campanha, por todos os meios possíveis, em que eram acusados de “dirigidos por uma potência estrangeira”, “teleguiados de Moscou”, “espiões soviéticos” e coisas similares, nas eleições estaduais de janeiro de 1947, os comunistas confirmaram sua votação anterior, elegendo um número razoável de Deputados em vários Estados, além de obter uma grande votação nos pleitos municipais – em

algumas cidades, conquistando a maioria dos eleitos para as Câmaras Municipais.

No dia 7 de maio desse ano, manifestando-se sobre denúncia do Deputado Barreto Pinto, o tribunal cassou o registro do PCB, acusado de ter dois estatutos, de se denominar Partido Comunista do Brasil e não Brasileiro, de utilizar símbolos internacionais – foice e martelo –, etc. A partir desse momento, ampliou-se a perseguição, suspendendo o funcionamento da UJC, fechando as sedes partidárias, apreendendo seus arquivos e fichários, demitindo todos os funcionários públicos suspeitos e decretando o fechamento da CGTB, a maior organização de trabalhadores existentes no País e que tinha a hegemonia comunista.

No dia 7 de janeiro de 1948, os Parlamentares do PCB têm seus mandatos cassados, e a polícia invade e depreda as redações de mais de uma dezena de jornais comunistas, nas principais capitais brasileiras. O partido é jogado na clandestinidade. Ao se referir à data, Jorge Amado comenta:

“Dia triste, de derrota política, a batalha pelos mandatos durara meses, árdua e áspera – batalha perdida –, sabíamos desde o começo. Dia alegre, pois me livreí do fardo da deputação, não nasci para parlamentar, sou refratário às tribunas e aos discursos. Custou-me esforço colocar-me à altura do mandato, creio que não fui de todo mau deputado, apesar de minhas limitações e das decorrentes da suspeição que cercava a bancada comunista e do sectarismo que dirigia sua atuação”.

Prezados senhoras e senhores, se dependesse da vontade ou sonho dele, como se vê, nosso homenageado não teria se candidatado à Assembleia Constituinte. Resistiu até onde lhe foi possível. Mas aceitou a tarefa colocada pela direção nacional do PCB, assumindo o compromisso pessoal com o próprio Prestes de permanecer no máximo 3 meses na Câmara Federal, quando as mais importantes questões da nova Carta Magna deveriam ter sido apresentadas e discutidas, para aprovação no Plenário da Assembleia Nacional Constituinte. Jornalista e escritor que era, adorava concentrar-se nessas atividades que tanta satisfação lhe davam, como militante engajado.

Gostava de proferir palestras ou conferências, e não se furtava a discursar, onde quer que fosse, a convite ou por determinação partidária, porém jamais gostou de subir em palanques e/ou tribunas, já que nunca se considerou um orador ou mesmo alguém que pretendesse permanecer no Parlamento por vários mandatos. Quando, por acaso, isso ocorria, ele repetia sempre que cumpria apenas mais uma tarefa do partido.

Com o PCB posto na ilegalidade, tendo cassado seu mandato e seus livros considerados como material subversivo, Jorge Amado, ainda no mês de janeiro de 1948, parte sozinho em exílio voluntário para Paris. Em fevereiro, sua casa no Rio é invadida por agentes federais, que apreendem livros, fotos e documentos. Logo após o episódio, Zélia e o filho partem para Gênova, na Itália, onde Jorge os apanha, levando-os a residir com ele em Paris. Para ele, naquele momento, que vivia exclusivamente dos direitos autorais das suas obras, não havia outro caminho para dar continuidade ao seu trabalho literário e desenvolver suas atividades políticas. Para alegria sua, foi, nessa ocasião, que o escritor travou amizade com Jean-Paul Sartre, Picasso e outros expoentes da literatura e da arte mundial, assim como com os maiores dirigentes comunistas do planeta.

Sempre atento militante político, além dos contatos que desenvolvia com intelectuais comunistas e outros democratas, ele muito contribuiu para a realização exitosa, em Wroclaw, na Polônia, em 1948, do Congresso Mundial de Escritores e Artistas pela Paz, do qual foi um dos vice-presidentes, e tendo como ilustres presenças, dentre outras as de Picasso, Louis Aragon e Ilyá Ehrenburg, seus amigos pessoais. Foi também, naquele período, um dos ativos dirigentes do Conselho Mundial da Paz, como representante do Brasil e cuja sede era em Praga.

Nessa sua intensa atividade internacional, desde seu exílio europeu, destacam-se ainda sua participação, em 1949, no Congresso de Escritores na então Tchecoslováquia, e em uma promoção de autógrafos organizada pelo Comitê Francês de Escritores em Paris; em 1950, sua colaboração ao Movimento Mundial Pró-Libertação do poeta e à época Senador Pablo Neruda; sua presença no Congresso dos Escritores Romenos, em Bucareste; no Congresso Albanês pela Paz, em Tirana; e no II Congresso de Escritores Poloneses; sua participação como presidente do I Congresso Continental de Cultura, em Santiago do Chile, em 1953; assim como no II Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou, em 1954; e na 1 Exposição Internacional do Livro Infantil, no Rio de Janeiro, em 1958.

Em 1951, recebeu em solenidade no Kremlin, em Moscou, o Prêmio Stalin da Paz, depois renomeado para Prêmio Lênin da Paz. Recebeu também títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Argentina, Chile, Espanha, França, Portugal e Venezuela, além de ter sido feito Doutor Honoris Causa por dez universidades em Portugal, Itália, Israel, França e no Brasil, onde, em abril de 1961, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, cadeira 23, cujo patrono é José de Alencar. Foi também membro correspondente

da Academia de Ciências e Letras da antiga República Democrática Alemã; da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Paulista de Letras; e membro especial da Academia de Letras da Bahia.

De volta à pátria, instalou-se no Rio, onde organizou a coleção *Romances do Povo*, de 25 volumes, lançados pela Editorial Vitória, criada pelo PCB, no Rio de Janeiro, de 1954 a 1956, e foi um dos fundadores do jornal *Para Todos*, no ano de 1956. No ano de 1954, lançou o romance *Os Subterrâneos da Liberdade*, do qual sentia um grande orgulho por entender que – bem ou mal escrito – era o único painel histórico verdadeiro, na literatura brasileira contemporânea, a confrontar diretamente “os esbirros do Estado Novo, os trotsquistas e os quinta-colunas integralistas”.

Em seguida, ele concebeu e editou sucessos da qualidade dos romances *Gabriela, Cravo e Canela*, 1958; *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, 1961; *Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso*, 1961; *Os Pastores da Noite*, 1964; *O Compadre de Ogum*, 1964; *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, 1966; *Tenda dos Milagres*, 1969; *Tereza Batista Cansada de Guerra*, 1972; a historieta infanto-juvenil *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, 1976; os romances *Tieta do Agreste*, 1977, e *Farda, Fardão, Camisola de Dormir*, 1979; os contos *Do Recente Milagre dos Pássaros*, 1979 e as memórias *O Menino Grapiúna*, 1982; o de literatura infantil *A Bola e o Goleiro*, 1984; os romances *Tocaia Grande*, 1984, e *O Sumiço da Santa*, 1988; as memórias *Navegação de Cabotagem*, 1992; o romance *A Descoberta da América pelos Turcos*, 1994; a fábula *O Milagre dos Pássaros*, 1997; e as crônicas *Hora da Guerra*, 2008.

É profundamente lamentável que os seus problemas de saúde o tenham impedido de concluir o romance picaresco *Bóris, o Vermelho*, que, segundo dizia a amigos, seria uma sátira não só ao anticornunismo profissional brasileiro, mas a todo tipo de tirania.

Foram-lhe outorgados no Brasil e no exterior os maiores prêmios que um intelectual e político merece, exceção apenas do Nobel. Dentre outros estrangeiros: Prêmio de Latinidade, Paris, 1971; Prêmio do Instituto Ítalo-Latino-Americano, Roma, 1976; Prêmio Risit d'Aur, Udine, Itália, 1984; Prêmio Moinho, Itália, 1984; Prêmio Dimitrov de Literatura, Sofia, Bulgária, 1986; Prêmio Pablo Neruda, da Associação de Escritores Soviéticos, Moscou, 1989; Prêmio Mundial Cino Del Duca da Fundação Simone e Cino Del Duca, 1990, e Prêmio Camões – o maior das outorgas em língua portuguesa –, Lisboa, 1995. No Brasil, dentre outros: Prêmio Nacional de Romance, do Instituto Nacional do Livro, 1959; Prêmio Graça Aranha, 1959; Prêmio Paula Brito, 1959; Prêmio Jabuti, 1959 e 1970; Prêmio Luísa

Cláudio de Sousa, do Pen Club do Brasil, 1959; Troféu Intelectual do Ano, 1970; Prêmio Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro, 1982; Prêmio Nestlé de Literatura, São Paulo, 1982; Prêmio Brasília de Literatura – Conjunto de Obras, 1982; Prêmio Moinho Santista de Literatura, 1984; prêmio BNB de Literatura, 1985.

Recebeu também diversos títulos honoríficos, nacionais e estrangeiros, entre os quais: Comendador da Ordem Andrés Bello, Venezuela, 1977; Commandeur de l'Ordre des Arts et des Lettres, da França, 1979; Commandeur de la Légion d'Honneur, 1984, também da França; Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia, 1980, e do Ceará, 1981; Doutor Honoris Causa, pela Universidade Degli Studi de Bari, Itália, 1980, e pela Universidade de Lumière Lyon II, França, 1987; Grão Mestre da Ordem do Rio Branco, 1985, e Comendador da Ordem do Congresso Nacional, Brasília, 1986.

No último triênio do século XX, é convidado a proferir conferências na Universidade da Pensilvânia, EUA, 1971; a participar do I Congresso de Escritores da Língua Portuguesa, Lisboa, 1989; a representar o Brasil na Comissão Internacional que assessorou o projeto de reconstrução da antiga biblioteca de Alexandria, Egito, 1990; a fazer parte da Mesa-Redonda sobre a Literatura Brasileira, promoção da Seção da América Latina da Associação France-Amérique e do Pen Club, França, 1990. Participou ainda, no ano seguinte, de uma série de atividades, em que se destacam uma tarde de autógrafos no Salão do Livro – Evento Primavera do Livro, em Cassis, França; do I Encontro Mundial das Artes, organizado pelo Fórum Mundial das Artes, em Veneza, Itália; fez parte do júri do Prêmio Nonino, na Itália; do Grupo dos Cem, composto de intelectuais e escritores latino-americanos em defesa do meio ambiente e do Fórum Internacional sobre Cultura e Democracia em Praga, República Tcheca. Já em 1992, além de ser escolhido como membro colaborador da Fundação Guillén, em Havana, Cuba, participou do Seminário *Reencontro de Dois Mundos*, em comemoração ao IV Centenário do Descobrimento da América, em Paris, França.

Um aspecto pouco conhecido do grande Jorge é que também se lançou no mundo da composição, sendo autor de letras para músicas, em parceria com Dorival Caymmi e João Gilberto das quais a que mais aprecio, pois muito me emociona já que adoro ver panorama em beira de praia: É doce morrer no mar. Ele também compôs, com Caymmi e Carlos Lacerda, a serenata *Beijos pela noite*. E mais curioso ainda: fez papel de pescador no filme *Itapuã*, de Ruy Santos, no qual também colaborou na criação do argumento. Na área do cinema, aliás, 1947, por exemplo, foi um ano

de vários acontecimentos para ele: a Atlântida comprou os direitos de *Terras do Sem Fim*; ele escreveu os diálogos do filme *O Cavalo Número 13*, uma produção de Fernando de Barros, e ainda o argumento de *Estrela da Manhã*, que seria dirigido por Mário Peixoto, encarregado também do roteiro – o filme acabou sendo feito, mas não por Peixoto.

Como adorava escrever, Amado deixou mais de cem mil páginas em formas de cartas trocadas com gente do mundo inteiro, contendo relatos sobre livros e obras de arte, assim como sobre fatos do cotidiano. Grandes escritores, poetas e intelectuais de seu tempo se corresponderam com ele: Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato e Gilberto Freyre, entre outros brasileiros; Pablo Neruda, Gabriel García Márquez e José Saramago, entre tantos outros estrangeiros.

No campo da política, a correspondência se estabeleceu com nomes os mais variados como Juscelino Kubitschek, François Mitterrand, Antônio Carlos Magalhães e José Sarney, tendo mantido estreita relação de amizade e elogiado seus trabalhos literários, desde que leu seu livro de contos *Norte das Águas*, no qual, diz Jorge, “*encantou-me o conhecimento íntimo que revelava da vida popular da gente maranhense, (que) ele a recriou numa escrita rica de invenção*”.

Faço um destaque especial, nesse plano, para o cidadão baiano Giocondo Gerbasi Alves Dias, considerado por Jorge como um irmão siamês dele. Ante o desenlace, em 1987, do sucessor de Prestes na Secretaria Geral do PCB, escreveu Amado:

“Morreu Giocondo Dias, agora sou metade apenas. Ele cravejou a certeza no peito, jamais renegaria mesma se a evidência o deixasse – e o deixou – sozinho em meio à multidão de camaradas. (...) Viveu clandestino boa parte de sua existência, na Bahia, com nome falso, era a cabeça do PC, quem de fato o dirigia (...), tinha bom senso, ouvia e aprovava, e a algargava dos arruda-boys que arrotavam marxismo – alguns ainda o arrotam e peidam. Só nós dois, ele e eu, sabíamos por fora e por dentro e poderíamos contar daqueles anos da guerra na Bahia. (...) Nos encontrávamos nas esquinas do mundo, nas encruzilhadas do Brasil (...), Giocondo, modesto e discreto sorria, era ternura e desengano, jamais o desencanto pela vida: abandonar, isso nunca, tomava-me do braço, afirmativo: ‘mais além da merda, chegaremos à relva de flores, ao rio de águas puras, à decência do homem’. (...) Juntos batalhamos, erramos e aprendemos. Aprendemos na carne a diferença entre a grandeza dos ideais e

a miséria da ideologia, ficamos sabendo que o grande homem pode diminuir em anão quando o vírus do mundo – ainda que seja nesga ínfima do poder absoluto – lhe invade o sangue e lhe atinge o coração. Havíamos aprendido tudo o que havia a aprender e ninguém mais podia nos enganar, mas não ficamos nem áridos nem pérfidos, conservamos intacto o sonho que iluminou nosso percurso” (...) Sou metade de mim mesmo (...).”

Assim como para Jorge Amado, Giocondo foi para mim também uma espécie de outra metade, pois foi dele a iniciativa de me levar à direção nacional do PCB e nela me valorizar, criando as condições para que eu me tornasse, ao lado de Salomão Malina, seu principal dirigente.

Nascido em uma família católica, tendo estudado em colégio interno religioso, e mesmo dizendo-se materialista, Jorge Amado era simpatizante do candomblé, religião na qual exercia o posto de honra de Obá de Xangô, no Ilê Opó Afonjá, do qual muito se orgulhava. Sua introdução ao terreiro se dá, em Salvador, em 1927, quando conhece o pai-de-santo Procópio, que o nomeará ogã – protetor –, o primeiro de seus muitos títulos religiosos. Suas amizades nessa área foram construídas, com o passar dos anos, com destaque para as mães-de-santo Mãe Aninha, Mãe Senhora, Mãe Menininha do Gantois, Mãe Stella de Oxóssi, Olga de Alaketu, Mãe Mirinha do Portão, Mãe Cleusa Millet, Mãe Carmem e o pai-de-santo Luís da Muriçoca.

No plano estritamente familiar, Jorge era filho de João Amado de Faria e Eulália Leal, teve três irmãos mais jovens que ele: Jofre, 1915, o médico neuropediatra; Joelson, 1920; e o escritor James Amado, 1922.

Casou-se, em primeiras núpcias, em 1933, com a sergipana Matilde Garcia Rosa, com quem escreveu e lançou o livro infantil *Descoberta do Mundo*, e teve com ela uma filha, Eulália Dalila. Desquitou-se desta em 1944 e, a partir de julho de 1945, passou a viver com a escritora paulista Zélia Gattai, tendo oficializado, em 1978, esta sua relação, da qual nasceram João Jorge, em 1947, e Paloma, em 1951.

Para sintetizar tão produtiva e militante vida, nada mais posso dizer que não apenas na sua intensa atividade política, que durou mais de meio século, mas na sua criativa e imorredoura produção intelectual, Jorge Amado teve pautada sua trajetória colocando-se sempre pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero. Como ele mesmo escreveu, “*jamais fui nem*

serei imparcial nessa luta do homem, na luta do futuro e o passado, entre o amanhã e o ontem”.

A trilha por ele escolhida foi a de constante fidelidade aos ideais democráticos e o caminho nada cômodo de compromisso com os que nada têm e lutam por uma oportunidade igual aos outros, com os que, mesmo sendo criadores e construtores dos bens do mundo, deles não usufruem. E pagou caro por essa opção, não apenas várias vezes sendo perseguido, estrangido e preso, como também obrigado ao exílio, o que ocorreu durante momentos em que as liberdades democráticas eram espezinhadas no País.

Não é estranho, portanto, que suas obras, consideradas como uma das mais significativas da moderna ficção nacional, com dezenas de livros de enorme sucesso de público e de crítica, tenham como temas constantes os problemas e injustiças sociais, a política, as crenças e tradições, e também e de forma pioneiramente acentuada a sensualidade do povo brasileiro.

Sobre o rompimento com o stalinismo, Jorge Amado, ao deixar a militância, além de recusar inúmeros convites para se integrar a partidos que também se diziam de esquerda, ainda criticava, aberta e juntamente com Astrojildo Pereira, Ênio Silveira, Nelson Werneck Sodrê, Oscar Niemeyer e outros antigos, o surgimento de partidos com a palavra comunista em suas siglas respectivas, considerando-os apenas meros oportunistas.

Ressalte-se ainda que, mesmo magoado, jamais renegou o seu passado comunista e nem as láureas do tipo Prêmio Stalin da Paz, recebido em 1951, sendo de ressaltar que a então União Soviética e o restante do então bloco socialista jamais vetaram o seu nome para presidir ou simplesmente participar de encontros internacionais pela cultura e/ou pela paz, depois que se afastou do PCB.

Esse seria apenas um dado pequenino da nossa história, que ajudaria muito a desmontar, neste seu primeiro centenário de nascimento, a lenda de que ele tenha abandonado de vez os seus princípios, que haja se omitido ante o advento do golpe de 1964 e até mesmo que se mantivera neutro ao regime dos militares, conforme versões desonestas que circularam na imprensa da época. Jorge Amado, muito pelo contrário, além de só se referir aos golpistas como gorilas, assinou o manifesto do Comando Geral de Trabalhadores Intelectuais, criado pelo PCB, em plena clandestinidade, e também ajudou concretamente dezenas de perseguidos políticos, de todos os partidos, a deixarem o País, além de auxiliar seus respectivos familiares, enquanto se batia contra as prisões e sobretudo contra as torturas.

Tão odiado pelos protofascistas militares e civis, quanto qualquer um de nós, ainda militante do dia a dia, ele usava o seu prestígio de romancista para enviar notícias ao exterior, pedindo liberdade e também a respeito da participação oficial brasileira na Operação Condor. O auge de sua irritação contra 1964 se deu quando os militares mataram, em São Paulo, em uma emboscada, no dia 4 de novembro de 1969, o seu amigo de adolescência baiano, camarada de PCB e depois colega de Constituinte, Carlos Marighela – apesar de discordar das novas formas de luta deste contra a ditadura.

Nesse sentido, foi motivo de muita alegria e orgulho para mim, quando o PCB me lançou candidato à Presidência da República, na primeira eleição direta, após 25 anos de ausência de disputa democrática, em 1989, ter recebido de Jorge todo o seu apoio, sob a forma de declarações públicas e até de gravação de imagem. Ele afirmava abertamente que eu era o portador das melhores ideias e propostas na luta para fazer reformas estruturantes, sem as quais o Brasil continuaria sendo um gigante de pés de barro.

Salve Jorge Amado, o intelectual e o militante político, em seu primeiro centenário de nascimento! Salve Jorge!

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Com a palavra o Sr. Governador da Bahia, Jaques Wagner.

O SR. JAKES WAGNER – Boa tarde a todos.

Com muita alegria cumprimento o querido Senador José Sarney, Presidente desta Casa do Congresso Nacional, e agradeço-lhe a aula recém-proferida mais do que sobre o trabalho de Jorge, sobre o ser humano Jorge Amado, que só podem contar aqueles que tiveram o privilégio, como o senhor, de conviver muito proximamente com ele.

Quero cumprimentar João Jorge Amado, filho de Jorge Amado, e, em nome dele, todos os familiares do nosso querido escritor, a Senadora Lídice da Mata, proponente de realização desta sessão, o Deputado Roberto Freire, também proponente na Câmara, o Senador Walter Pinheiro, o Deputado Antonio Imbassahy, o querido Artur Sampaio, Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, os Secretários da Cultura, o Secretário do Turismo do Estado da Bahia, os membros da diplomacia aqui representados e outros amigos presentes.

Saúdo os Exmos. Srs. Senadores, as Senadoras e todos os presentes nesta sessão solene em comemoração ao centenário de nascimento do escritor maior Jorge Amado.

É com muita satisfação que estou na Casa do Povo brasileiro, celebrando o centenário de um ilustre baiano, de um ilustre brasileiro Jorge Leal Amado de

Faria, o imortal Jorge Amado. Jorge do *Cacau*, de *Gabriela*, de *Capitães da Areia*, de *Dona Flor*, de *Tereza Batista*, de *Quincas Berro d'Água*, de *Navegação de Cabotagem*, de *Tenda dos Milagres* e de tantos outros. Romancista, cronista, contista, intelectual, escritor membro da Academia Brasileira de Letras, falecido aos 88 anos, em 6 de agosto de 2001, mas que se faz presente por seu legado e vulto literário importantíssimo para a cultura brasileira, especialmente para a cultura da Bahia.

Além das várias contribuições indiscutíveis no mundo literário, Jorge deixou a sua grande contribuição para a democracia quando criou a lei, ainda em vigor, que assegura o direito à liberdade do culto religioso.

Jorge Amado, por Zélia Gattai, por seus filhos e familiares, fez-se conhecido no mundo que o acolheu e acolheu a Bahia por meio de suas obras traduzidas para 55 países em tantos outros idiomas.

As obras de Jorge transcendem seu tempo e permanecem atuais ao retratar as angústias e mazelas de um povo sofrido. A crítica social se faz presente na obra de Amado Jorge, seja pelas denúncias das desigualdades sociais, desonestidades das classes dominantes, seja pela sensibilidade das crianças marginalizadas e sem esperança em *Capitães da Areia*, onde o garoto professor dizia a Pedro Bala: “*Tu bem sabe que no meio da gente só pode sair ladrão. Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão. Só ladrão.*”.

As obras de Jorge nos fazem até hoje refletir em como se deu o processo de desenvolvimento do nosso País, onde poucos eram beneficiados com a riqueza produzida.

No romance *Gabriela*, *Cravo e Canela*, descreveu a realidade dos coronéis, como dizia ele: “*Os preços do cacau em constante alta significavam ainda maior riqueza, prosperidade e fartura, dinheiro a rodo.*”. Realidade que se contrastava com o trapiche abandonado em que os capitães da areia viviam.

A ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos sociais injustos antes mesmo que o feminismo da década de 60 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política e cultural do Brasil.

Além da sensualidade e beleza da mulher baiana, as suas personagens femininas se revelam mulheres fortes. A trama de *Gabriela*, na Ilhéus de 1925, num momento de mudanças econômicas, políticas e sociais na região, enfatiza as transformações da condição feminina, quando a menina Malvina, filha da elite do sul da Bahia, solteira, não se submete ao casamento, fugindo para São Paulo em busca da realização pessoal.

Segundo Jorge, dera-se conta da vida das senhoras casadas igual à de sua mãe, sujeitas ao dono,

pior do que freira. Malvina jurava para si mesma que jamais, jamais, nunca, jamais se deixaria prender. Da mesma forma Gabriela, uma humilde retirante da seca, mantém em comum com a menina burguesa Malvina a mesma ânsia de liberdade e o desejo de agir segundo a própria vontade.

Gabriela era trabalhadeira, alegre, espontânea, sensual. Era excelente cozinheira de Nacib, dono do Vesúvio. Vivía a receber proposta para ter uma vida de luxo. Mas o que realmente queria eram os vestidos de chita, as chinelas, os brincos, o broche, uma pulseira. Dos sapatos não gostava, pois lhe apertavam os pés.

Os reveses da vida foram exacerbados em *A Morte* e *A Morte de Quincas Berro d'Água*, como também em *Gabriela*, quando descreve a ascensão do exportador carioca Mundinho Falcão e o declínio dos coronéis, como Ramiro Bastos.

Por meio de suas obras Jorge apresenta a seus leitores de todo mundo a Bahia de todos os santos, como uma terra em que, segundo ele, o povo é doce, acolhedor e ruidoso, mas também dotado de certa timidez, fruto da mistura de portugueses e negros. Nessa cidade onde se conversa muito sopra uma aragem marítima constante, e o tempo ainda não adquiriu a velocidade dos grandes centros urbanos. A topografia privilegiada, situada entre o mar e o morro, divide-se entre Cidade Alta e Cidade Baixa e se abre para o mar.

Da mesma forma, refere-se a Salvador como sendo a cidade religiosa da Bahia de todos os santos e do Pai de Santo Jubiabá. A cidade colonial, cidade negra da Bahia, igrejas suntuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis, antigos sobradões onde a miséria habita ruas e ladeiras calçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos.

O amado Jorge sintetizou com maestria o tipo festeiro e alegre do nosso povo, como na estreia do Afoxé Filhos da Bahia em *Tenda dos Milagres*, no qual Jorge narra: “*O povo veio correndo e batia palmas, gritava a pular e a dançar em louco entusiasmo.*”.

O jeito típico de falar e agir, a afetividade, religiosidade e sensualidade de seus personagens retratam a mistura étnica existente na formação social da Bahia, onde os elementos africanos, juntamente com os valores nativos e europeus determinaram a peculiaridade cultural, a baianidade, o jeito de ser do povo baiano e suas manifestações culturais nas festas, comidas, na capoeira, no samba de roda, nos afoxés e batuques.

Jorge Amado conseguiu expressar de forma tão particular a baianidade em suas diversas dimensões por ser um baiano e ter-se mantido imerso de fato ou, em alguns momentos, como observador, em que o ser baiano se manifesta mais fortemente na Bahia.

Jorge foi um conhecedor dos costumes baianos, viveu intensamente esses costumes por escolha, mas também pelas circunstâncias da vida, que lhe fez nascer baiano. Há uma verdadeira simbiose na relação de Jorge com a Bahia. Jorge só é Jorge porque nasceu e foi criado na Bahia. A Bahia só é Bahia porque tem filhos como Jorge, Castro Alves, Rui Barbosa, Glauber e tantos outros.

A Bahia tem um amor especial por Jorge – todos temos. Jorge foi um homem de muitas inspirações. O cacau das fazendas e seus coronéis foram grande fonte de inspiração para muitas das lindas obras que ele produziu. E isso tudo não o inspirou à toa. O cacau sempre foi importante para o desenvolvimento da Bahia, principalmente para a região de Ilhéus.

O cacau ainda hoje é importante para a nossa economia. O agronegócio do cacau representa anualmente em torno de 6,3 bilhões, considerando as exportações de cacau e derivados. Este ano, como parte das homenagens ao centenário de nascimento de Jorge Amado, conseguimos trazer para a Bahia, pela primeira vez no Estado e na América Latina, o evento internacional Salão do Chocolate, o principal evento mundial dedicado ao cacau e ao chocolate, realizado em várias cidades do mundo, mas que, pela primeira vez, como eu já disse, ocorreu num país único como o Brasil, que é produtor de cacau e também de chocolate. Nesse evento, prestamos as justas homenagens ao centenário de nascimento de Jorge Amado.

É importante observar que a Bahia de Jorge está se desenvolvendo com a atração de grandes investimentos, intervenções na infraestrutura, a exemplo do Porto Sul, da Ferrovia Oeste-Leste e do novo Aeroporto de Ilhéus.

A Bahia de hoje está obtendo recordes na geração de empregos e nos saldos comerciais. Comungamos com a crítica social de Jorge. Por isso, a redução das desigualdades e o resgate da cidadania são prioridades da nova Bahia, uma Bahia que preserva a sua cultura, a sua história, mas que se moderniza e melhora a realidade social do nosso povo com mais educação, luz, água, moradia digna e emprego.

Estamos trazendo novas oportunidades e mais dignidade aos homens e às mulheres da Bahia, uma terra rica, que era chamada por Jorge Amado de *Terras do Sem Fim* e que nós temos a ousadia de pretender fazer dela a terra de todos nós.

Todos temos um amor especial por Jorge Amado e temos a certeza de que ele, apaixonado por Zélia, pelos seus, pela vida e pela liberdade, nunca será esquecido. Sempre reverenciaremos a sua memória e suas inúmeras contribuições para a nossa cultura. Salve Jorge, amado Jorge!

Presidente José Sarney, quero apenas lhe dizer que percebo, como todos os admiradores de Jorge Amado, o momento em que possamos encontrar uma solução que atenda a todos em relação à Casa do Rio Vermelho. O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia já deu a sua opinião, o Conselho Estadual, mas é claro que eu, como conciliador por natureza, espero que se construa, entre tantos que querem ver Jorge sempre reverenciado, a unanimidade, eu não diria, mas o consenso que possibilite aquilo que Sônia Braga colocou nos *sites* que, efetivamente, a Casa do Rio Vermelho, da forma, repito, mais consensuada, possa se transformar, efetivamente, num canto e recanto de visitação de tantos pelo mundo que são amantes, como nós, de Jorge Amado.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney – PMDB-AP)

– Com a palavra o Senador Walter Pinheiro.

O SR. WALTER PINHEIRO (PT-BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Senador José Sarney, quero fazer uma saudação muito especial ao amado João Jorge, do Jorge Amado de todos nós, como representante da família, ao Sr. Artur Sampaio, Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, à minha companheira de Senado, Senadora Lídice da Mata, pela brilhante iniciativa, ao Deputado Roberto Freire, pela iniciativa na Câmara dos Deputados, ao baiano, também Deputado, Antonio Imbassahy, e ao meu Governador Jaques Wagner que, com sua presença, aqui traz exatamente essa boa referência da Bahia de todos nós, a Bahia que Jorge buscou construir, a Bahia que Jorge tanto falou em versos e prosas, a Bahia que foi de forma muito enfática sempre anunciada pelos quatro cantos.

Falamos de Jorge, Jorge do compromisso, Jorge da transparência e o Jorge que amava a verdade. Falamos do Jorge que soube lançar sobre um olhar muito, mas muito especial à crítica social e à política, que é a coisa mais importante, da forma como pôde traduzir, de *Capitães da Areia*, ali, da malandragem da rua, o ensinamento ao enfrentamento das greves, de um Jorge que, acima de tudo, um cidadão atento às causas de sua terra e de tantos nordestinos. Além de universalizar esses nossos cidadãos brasileiros, agora retratados, de forma muito clara, nos traços, nas letras, mas principalmente chegando às mentes de todos pelo mundo afora. De Jorge que expôs o Brasil como ele tanto conhecia e fez o debate das suas ideias através do caminho da arte, levantando as discussões, promoveu a reflexão e auxiliou na construção fundamental do caminho por mudanças sociais. De um Jorge que trouxe temas raciais, de um Jorge que aprofundou as relações na simplicidade do porto, na minha primeira

experiência, João Jorge, de ter lido inclusive *Mar Morto*, ainda garoto, de frequentar ali o comércio para ver o retrato do porto. De um Jorge que escrevia com mais maestria, de um Guma e Livia, de um saveiro que se foi. Sobrou-nos aquela relação maravilhosa de um comércio que exalava os velhos marinheiros das letras, que pareciam palavras de um Jorge cada vez maestro.

Essa experiência é a experiência de um novo tempo, que na política e na vida Jorge destacou principalmente o ser humano. Fez das letras a forma de traduzir essas deferências, essas características de juntar os homens que se aliavam ao pensamento, ao pensamento democrático, ao pensamento de liberdade, ao pensamento de atitudes.

E realçava isso, reafirmava o que cada um carregava consigo de mais bonito do ponto de vista da democracia. De um Jorge de envolver-se em debates com conceitos da democracia, da questão racial, do povo da memória, das lutas e dos traços, das ruas e dos amores, do mar e da vida. De um Jorge que pôde fazer com tamanha representação nas letras o que ele via nas ruas: a sociedade, a aceitação, as diferenças. Imagine um Jorge enfrentando principalmente os preconceitos que hoje tão fortes imaginemos naquela época. De um Jorge que tocava com maestria nessa ferida social. De um Jorge que falava com beleza das relações de amores extraídas do mar, mas cada vez mais profundas na relação do dia a dia.

E hoje, nesta homenagem, com a presença dos seus familiares, amigos, e amigos ilustres, não fiquei tão apavorado, meu caro Presidente Sarney, como ficou a minha companheira Lídice da Mata. Sabe por quê? Porque eu tive a oportunidade de exatamente beber nos pronunciamentos dessas duas grandes Excelências, uma que viveu e teve a oportunidade de dar o testemunho da presença, da convivência. A outra, minha companheira Lídice, a partir exatamente daquela baianidade, da busca das letras.

Então, ficou muito mais fácil para mim e para outros – como Roberto Freire, Jaques Wagner – falar depois de V.Exas., até porque tiveram a oportunidade de nos brindar com a parte mais profunda de Jorge. Falar de Jorge é citar exatamente o que ele disse, meu caro Presidente Sarney, porque ele o tempo inteiro reafirmava que os brasileiros, que principalmente a democracia para os brasileiros não tinha outro caminho. Era a democracia ou a democracia.

Por isso, a minha alegria de encerrar, fazendo parte dessa arte retratada aqui de forma muito clara e franca dos heróis e até anti-heróis de suas obras. Tivemos a oportunidade de conhecer e compreender melhor o ser humano que Jorge tentava retratar, de

cada leitor, de cada informação, de cada mudança e, principalmente, de cada crítica.

Por isso, quero agradecer muito a esse grande autor baiano que nos permitiu, no dia de hoje, aqui, Lídice da Mata, fazer essa saudação a alguém das Letras, a alguém que, como Jorge, mostrou um Brasil amado, expôs de maneira especial e conseguiu promover e ainda promove mudanças essenciais para o Brasil continuar sendo um país amado.

E quero encerrar, Presidente José Sarney, com palavras ditas pelo Jorge, pelo Jorge Amado de todos nós: *“Eu continuo firmemente pensando em modificar o mundo e acho que a literatura tem grande importância”*.

Jorge afirmava de forma categórica: *“Eu me sinto mal. Porque acho que devia ter cinquenta escritores mais lidos no Brasil”*. De um Jorge, Imbassahy, que se preocupava para que chegasse exatamente ao povo da rua a oportunidade de ter acesso à leitura, à literatura, às letras e às artes e combinar a vida com essa vida real, a arte sendo impregnada, a arte sendo praticada.

João Jorge escreveu uma das coisas mais bonitas: *“Eu acho que o escritor verdadeiro é aquele que escreve sobre o que ele viveu”*.

Amado Jorge, Jorge Amado, amado por todos nós. Muito obrigado. (Palmas.)

SEGUE, NA ÍNTEGRA, DISCURSO DO SR. SENADOR WALTER PINHEIRO.

O SR. WALTER PINHEIRO (PT-BA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, familiares e amigos do nosso homenageado, senhoras e senhores presentes, para prestar homenagem a Jorge Amado eu não poderia deixar de destacar alguns traços marcantes deste baiano: o seu profundo compromisso com a transparência e a verdade.

Jorge Amado soube lançar seu olhar à crítica social e à política ao mostrar o País, com posições de um brasileiro engajado e, acima de tudo, como um cidadão atento às causas da sua terra e de tantos nordestinos, além de universalizar todos os cidadãos brasileiros retratados em suas obras.

Jorge Amado expôs o Brasil, que ele tanto conhecia. E foi pelo debate de ideias, sempre no caminho da arte, que ele ajudou a levantar discussões e, assim, promoveu reflexões que auxiliaram na construção das importantes e necessárias mudanças sociais do nosso País.

A verdade e a transparência sempre estiveram presentes nas suas exposições de temas, como os preconceitos sociais.

Jorge Amado trouxe à tona temas raciais. Atentou-se para a questão da má distribuição das riquezas e de tantas outras realidades, abertamente, expostas nas dezenas de obras deixadas por esse baiano.

Na política e na vida, Jorge Amado destacou o ser humano. E aos especiais que elegeu como referência fez todas as suas deferências, buscando se juntar aos nomes que também se alinhavam ao seu pensamento democrático. Apostou nas qualidades dos homens e sempre reafirmou as atitudes democráticas de cada um.

E, por se envolver em debates com conceitos como a “democracia racial” e do “povo”, a memória de Amado esteve sempre relacionada às políticas culturais e sociais que valorizam o Brasil. Tudo isso é refletido na tamanha representação social e aceitação de sua obra junto a difretes públicos.

E hoje, nessa homenagem, na presença dos familiares, dos amigos e todas as presenças ilustres neste plenário, confesso:

Como baiano é um momento particular eu poder estar nesta tribuna para celebrar o centenário desse brasileiro de tantas qualidades e de inúmeras atitudes democráticas! Jorge Amado lembrou aos brasileiros que a democracia não tem outro caminho: é ou não é!

Sinto-me orgulhoso, pois sei que foi a verdade – um dos traços mais marcantes desse baiano – que prevaleceu.

E é com a arte desse ilustre brasileiro retratada em cada herói e anti-herói de suas obras que também tivemos a oportunidade de melhor compreender o ser humano, conhecer mais a nossa Nação, o seu povo, suas alegrias e suas aflições, ampliando o debate social e promovendo mais mudanças.

A cada leitor de sua obra, a plateia nos teatros e aqueles que ainda hoje estão atentos nas cenas nas telas da TV ou nos filmes do autor no cinema – todos ainda ganhamos com a obra de Jorge Amado por ter a oportunidade e a chance de acesso à reflexão e ao conhecimento.

Ganhamos com cada informação capaz de promover mudanças a partir das ideias críticas do autor com temas ainda tão atuais sobre as questões sociais e políticas do Brasil.

Por isso agradecemos ao grande autor baiano, pois suas pautas continuam sendo disseminadas e promovem pensamentos críticos e transformadores.

Jorge Amado mostrou o Brasil e o expôs de maneira especial. E foi assim que conseguiu promover e ainda promove mudanças essenciais para um Brasil melhor continuar sendo amado.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Concedo a palavra ao Deputado Antonio Imbassahy, pela Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

O SR. ANTONIO IMBASSAHY (PSDB-BA. Pela Liderança. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, José Sarney, realmente, V.Exa. não tinha tempo para ser breve. Quero dizer que, interpretando o pensamento de todos que tiveram a alegria, a satisfação e o orgulho de ouvi-lo, ficamos embevecidos, não apenas pelo discurso em si, que, por si só, já revela uma importância tão grande das relações de Jorge Amado com as letras e a vida plena que ele teve, mas também, Sr. Presidente, pela satisfação que o senhor passava a cada momento.

O discurso foi longo, realmente, mas ao mesmo tempo breve, porque V.Exa. passava a cada palavra que era lida ou improvisada, uma alegria impressionante. Brilhavam os olhos de V.Exa., e sua voz nos traduzia um sentimento de grande satisfação. Muito obrigado, Sr. Presidente. Como brasileiro e, especialmente, como baiano sei o quanto nos orgulhamos de Jorge Amado.

Cumprimento o Presidente José Sarney, João Jorge Amado, Governador Jaques Wagner, Senadora Lídice da Mata, Senador Walter Pinheiro, Deputado Roberto Freire, Dr. Artur Sampaio, presidente da Casa de Jorge Amado, demais autoridades presentes e os queridos familiares de Jorge Amado.

Serei não muito breve, desculpem-me, mas pelo menos uns 10 minutinhos eu tenho direito de utilizar, até porque também tive a graça, a sorte e o privilégio que Deus me concedeu de conviver com a família de Jorge Amado durante um longo tempo. Sr. Presidente, quando me deparei com essa honrosa tarefa de representar o meu partido, o PSDB, nesta sessão, solicitei imediatamente auxílio a Myriam Fraga, escritora e poetisa, membro da Academia de Letra da Bahia. Incontinênti, Myriam me mandou um material tão vasto, que as minhas dificuldades, que já eram enormes, assumiram dimensões amazônicas.

Falar de Jorge, confesso, é demasiadamente desafiador. Aliás, sobre essa dificuldade, o romancista Érico Veríssimo já havia se pronunciado quando das primeiras obras de Jorge: “*Se eu tivesse engenho e arte, havia de escrever o a-bê-cê de Jorge Amado, um sujeito que nasceu na Bahia, foi rebelde, fugiu de casa, viu a vida e viveu-a com ânsia; um sujeito que ama os humildes e os oprimidos e que, aos 23 anos, é um dos maiores romancistas que o Brasil já tem*”. E, depois do discurso do Presidente Sarney, imaginem as minhas dificuldades para falar do Jorge Amado.

Para facilitar as coisas, Sr. Presidente, achei melhor lembrar alguns trechos ditos e escritos pelo homenageado e por outras personalidades a seu res-

peito em momentos significativos da sua vida. Aliás, fiquei a indagar qual teria sido o momento que não fora significativo na vida de Jorge.

E começo por um relato de Jorge ao rememorar a sua infância quando tinha apenas seis anos: “*Meu pai tinha um empregado, Deocleciano, que fazia as contas dos empregados e que lia. Meu pai lia Alexandre de Mar, Os Miseráveis, minha mãe lia os folhetins, aqueles que se vendiam às quintas-feiras, mas esse Deocleciano lia jornais e os livros típicos de literatura quase infantil, livros populares, e esse homem foi mais meu professor que muitos. Lia os livros dele*”. Uma homenagem a um trabalhador rural que influenciou bastante sua formação.

Ainda sobre o início da sua vasta vida acadêmica, com referência ao novo professor de português Padre Cabral, do Colégio Antonio Vieira, em Salvador, que havia solicitado à classe uma descrição tendo o mar como tema, Jorge faz o seguinte registro:

“Padre Cabral levava os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar 11 anos”.

Já com *Cacau* e *Suor* publicados, recebeu comentário de Oswald de Andrade de que *Jubiabá* era por ele considerado como “*Ilíada Negra e o mais belo comício que o Brasil ouvira depois de Navio Negroiro, de Castro Alves*”. Após lançar *Gabriela, Cravo e Canela*, o livro que lhe deu popularidade jamais alcançada por escritor brasileiro à época, Jorge publica *A Morte e A Morte de Quincas Berro d'Água*, fazendo o poeta Vinícius de Moraes declarar: *Que saíra da leitura da novela com a sensação de bem-estar físico e espiritual, como só dão os prazeres do copo e da mesa, quando se está com sede e com fome, e os da cama, quando se ama*. Uma frase própria do Vinícius!

Já *Tenda dos Milagres* traz o personagem que Jorge mais gosta, que julga mais completo de toda a sua obra, Pedro Arcanjo, autor da afirmativa: “*Meu materialismo não me limita*”. O protagonista da assertiva também sentencia: “*Se o Brasil concorreu com alguma coisa válida para o enriquecimento da cultura universal, foi a miscigenação. Ela marca a nossa presença no acervo do humanismo. É a nossa contribuição maior para a humanidade*”.

Sobre o *Mar Morto*, Jorge escreve um comentário muitíssimo sugestivo a respeito de um diálogo que ele travou com Samuel Wainer.

“Mistério da criação. Os absurdos do ofício do romance. Os imprevisíveis segredos dos personagens. Por volta de 1938, descíamos no elevador da redação de Diretrizes, e Samuel Wainer, de repente, me interpelou: Tenho uma coisa que desejo lhe perguntar desde que li *Mar Morto*: por que diabo o velho Francisco não quis receber o irmão que apareceu depois de tantos anos? Por que o expulsou? Não está no livro! Por que foi? Me diga!. Não sei, o velho Francisco não me disse a razão. Devia ser grave. Também eu gostaria de saber”.

As personagens de Jorge misturam-se naturalmente com o cotidiano e com as memórias da vida do povo brasileiro. Em 2004, tive a honra de, a convite de Zélia, ser um dos conselheiros do Memorial Jorge Amado a ser instalado na conhecida Casa do Rio Vermelho. A propósito fiquei muito alegre, Governador Jaques Wagner, em ouvir uma reafirmação de V.Exa. do empenho e do esforço para viabilizar o Memorial, e valorizar mais ainda a Casa da Rua Alagoinhas, nº 33, do Rio Vermelho. Naquela ocasião combinamos que antes de Zélia deixar a sua morada, fariamos a despedida com um evento do qual algumas das mais famosas personagens de Jorge, representadas por atores baianos, habitariam a casa durante um dia. E assim foi.

Dona Flor e seus Dois Maridos no quarto de casal, na cama de Jorge e Zélia. Os Capitães de Areia nos jardins, jogando pedrinhas. Tieta, sentada na varanda, flertando com quem passasse. Quincas Berro d'Água no bar. Nacib, posicionado atrás de um balcão, e Gabriela no telhado da varanda estimulando fantasias das centenas de convidados que ali passavam. Tudo isso, Sr. Presidente, tendo como anfitriã a dona da casa, Zélia Gattai, muito feliz com esse evento.

Entre as várias homenagens prestadas em vida a Jorge Amado, lembro a do Carnaval de 1997, em Salvador, ocasião em que eu era Prefeito da cidade, e pude testemunhar a alegria dos baianos e brasileiros ao aplaudir e saudar Jorge e sua amada Zélia, que participaram da festa, comparecendo todos os dias ao camarote oficial. Naquela ocasião, dedicamos o carnaval a Jorge como o tema Tieta. Era emocionante assistir a população passar na praça do Campo Grande e, ao ver Jorge, parar, muitos ajoelhando-se no chão, postando as mãos na direção do homenageado, reverenciando-o. Em vários momentos Jorge chegou a lágrimas de emoção.

Durante o mesmo carnaval, outra inesquecível cena, Sr. Presidente. Quando o bloco passou em frente a Jorge com a marinete de Mangue Seco, cheia de personagens do romance *Tieta* em cima do trio, ao lado de Caetano Veloso, que cantava a música tema, Jorge não se conteve e declarou: *“Este é um dos momentos mais significativos da minha vida: ver minha Tieta nos braços do povo da Bahia”*. Gravei bem isso. Em entrevista concedida à imprensa na terça-feira de carnaval, perguntaram-lhe sobre a homenagem, ele simplesmente respondeu: *“Tieta, eta carnaval porreta!”*

Dirijo-me agora, mais uma vez, Sr. Presidente, a V.Exa. Em 2 de julho de 1986, em memorável cerimônia que instituiu a Fundação Casa de Jorge Amado, iniciativa estimulada por V.Exa. quando exercia a Presidência da República, e que nós baianos somos gratos, Jorge destacava a importância da Fundação e da sua localização.

“Desejo que esta Fundação seja um centro de estudos da literatura brasileira, em especial, da literatura baiana. Da ficção brasileira, tão diversa, rica e poderosa, uma das mais importantes do mundo. Da ficção brasileira e da ficção baiana. Meu irmão, o escritor James Amado, doou à casa um exu, obra de Tati Moreno, que guardava o jardim da sua residência. De agora em diante, será assentada em frente a entrada da Fundação, presidirá os debates da cultura, os estudos literários. O Pelourinho, onde correu o sangue dos escravos, é o território principal da parte da minha obra que tem como cenário a cidade do Salvador, a cidade da Bahia, como dizemos nós, os velhos baianos. Num dos casarões do Pelourinho transcorre a ação de suor, nas suas ruas e ladeiras, no largo do Pelourinho Antônio Balduino lutou boxe e Mestre Pastinha lutou capoeira, viveram aventura e poesia os Capitães da Areia, discutiram da vida e do amor Jesuíno Galo Doido, o negro Massu, Pede Vento, Curió e o Cabo Martim. Nas proximidades da igreja azul do Rosário dos Negros morreu Pedro Arcanjo e ressuscitou Quincas Berro d’Água, e do alto da sua escadaria Tereza Batista, com o apoio de Castro Alves, que para tanto eu fiz descer do monumento para a luta do povo, Tereza Batista comandou a greve das putas da Bahia. O Exu – volta ao Exu – doado por James vai ser colocado diante do Largo, em frente à porta da Fundação (...) Alguém avisou: Olha, com o Exu aí assentado, todas as manhãs o passeio estará repleto de ebós: galinhas pretas, farofa amarela, garrafas de cachaça, calcinhas de

mulher. Respondi, feliz da vida: É isso exatamente o que desejo que aconteça, pois quero que essa Fundação Casa de Jorge Amado seja a casa do povo da Bahia. Essa homenagem que hoje aqui se presta no Palácio do Planalto não é prestada a mim. Homenageia-se o povo da Bahia, a quem o escritor que sou deve tudo quanto sabe e tudo quanto fez. Toda a minha criação nasce do que aprendi com o povo” (Jorge Amado).

Em outra oportunidade, até arrematou: *“O povo desta cidade é doce e cordial, e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso”*. É importante aqui repetir que Exu é um orixá dos mais importantes da liturgia dos candomblés. É um orixá que gosta de se movimentar muito e às vezes é confundido, no sincretismo com a religião católica, com o diabo. Mas não tem nada a ver.

O amor de Jorge e sua família pela cidade de Salvador foi revelado em vários momentos, um deles em seus escritos.

“Há duas cidades que acho que foram feitas à medida do homem, no sentido de cidade para o homem viver. Uma é a cidade de Salvador, da Baía de Todos os Santos, a outra é Paris. São as únicas duas cidades onde creio que se pode realmente viver. Você pode estar em todas as outras cidades, mas elas são, mais ou menos todas elas, campos de trabalho. E nem a Bahia nem Paris são campos de trabalho, são cidades para o homem viver”.

Encerro como o próprio Jorge firmou: Jorge Amado, um obá – em língua iorubá da Bahia, obá significa Ministro, sábio da sabedoria do povo. Salve Jorge! Viva Jorge!

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Concedo a palavra à Sra. Senadora Ana Amélia.

A SRA. ANA AMÉLIA (PP-RS. Pela Liderança. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Caro Presidente desta sessão, Senador José Sarney, caro Governador Jaques Wagner, caro João Jorge Amado, que aqui representa a família desse grande brasileiro, cidadão do mundo, que orgulha todos, cara amiga Senadora Lídice da Mata, que foi autora, junto com o Deputado Roberto Freire, de requerimento de realização desta sessão de justíssima homenagem a Jorge Amado, caro amigo Senador Walter Pinheiro, caro Deputado Antonio Imbassahy, ex-Prefeito da cidade, caro Artur Sampaio, que preside a Fundação Casa de Jorge Amado, e demais convidados, prometo que serei breve.

O Presidente José Sarney e todos os oradores que me antecederam não fizeram um denso, profundo

e erudito discurso sobre Jorge Amado. O Presidente José Sarney, que embeveceu todos, contou uma linda história, a história de dois amigos, de dois escritores, de dois intelectuais, de dois políticos, de dois cidadãos do mundo. Por isso, teve o jeito e a forma de contar essa história que nos embeveceu, falando da densidade da obra de Jorge Amado e de sua brasilidade e baianidade genuínas.

Lídice da Mata, a cocadinha que V.Exa. distribuiu aos convidados é um pouco do sabor baiano que tanto nos atrai, por tudo que essa grande Bahia tem de bom, Bahia de todos os santos, Bahia de todos os brasileiros.

Governador Jaques Wagner, como cidadã gaúcha que admira os baianos e a Bahia, conheço muito bem seu Estado, por tantas vezes ter ido lá, alegrou-me muito a afirmação de V.Exa. de tentar encontrar uma solução para a Casa do Rio Vermelho, pedida pelo Presidente José Sarney e invocada pela grande Sônia Braga, que retratou no primeiro seriado e filme *Gabriela* aquela personagem tão rica e tão comovente, que está entusiasmando todos neste *remake*, a refitura de *Gabriela*. Pois eu lhe digo isso, porque, em janeiro, conheci a maravilhosa Casa de Isla Negra, de Pablo Neruda e da paixão intensa pela sua Matilde, ali enterrados. Percorrendo os caminhos daquela casa na beira do Pacífico, com ondas maravilhosas, vendo o quarto de dormir, percebi que ali estava escrita, sem a gente ler, uma grande e profunda história de amor. Tenho certeza de que a Casa do Rio Vermelho terá para nós brasileiros e para os turistas que vierem de todas as partes do mundo o mesmo significado: uma história de amor entre Zélia e Jorge. Tive a honra de conhecê-los nessa casa, com V.Exa. e o grande Marcos Vilaça, grande amigo e querido amigo também de Jorge Amado.

Tive a honra, Presidente Sarney, de estar em Moscou em 1985. Em uma das fotos que integram meu arquivo pessoal, da minha profissão de jornalista, estou anotando declarações de Jorge Amado. Isso faz parte da minha história. Eu estava lá quando vi os jovens estudantes da Universidade de Moscou reverenciar esse brasileiro que muito nos honra.

Portanto, é uma alegria muito grande poder aqui, em nome do Partido Progressista e no meu próprio, falar nesta homenagem.

Peço que meu curto pronunciamento seja transcrito.

Quero falar aqui sobre a importância do regionalismo da literatura de Jorge Amado que nos fez, no Rio Grande do Sul de Erico Veríssimo, de Vianna Moog, conhecer a realidade nordestina e, sobretudo, a baianidade, que é um estado do espírito, um jeito de ser, uma forma de ver a Bahia e o amor pela Bahia. Nós

gaúchos também somos bairristas, amamos a nossa terra. Por isso, talvez compreendamos bem o que é esse sentimento, essa baianidade. O gauchismo está para nós assim como a baianidade está para os baianos.

Para encerrar, Sr. Presidente Sarney – esta sessão foi muito bonita, tendo início com o coral cantando o nosso hino e músicas baianas –, vou contar uma historinha de uma gaúcha que, aos 12 anos, escondida da mãe, uma professora que achava que eram muito fortes as cenas eróticas, leu *Jubiabá*. Carol Fantinel, ao ler esse livro, encantou-se por Salvador.

Os cenários descritos pelo autor maravilhoso, Jorge Amado, aqui homenageado com tanta justiça, despertaram a curiosidade e o desejo dessa menina gaúcha em morar na mesma cidade em que vivia o personagem descrito por Jorge Amado, Antônio Balduino.

Diz ela para o site G1:

“Lembro que lia escondida da minha mãe, pois eu era muito nova. E o livro, na opinião dela, era recheado de cenas impróprias para uma menina daquela idade.”

Conta a comunicóloga, que na época tinha apenas 12 anos. Não demorou muito para essa gaúcha se inspirar na coragem de Balduino e, aos 19 anos, embarcar para Salvador, sozinha e com uma mochila nas costas.

Há 7 anos vivendo na Capital baiana, Carol Fantinel relata o choque cultural que vivenciou logo quando chegou para morar naquela cidade:

“Vim de Caxias do Sul, na serra gaúcha, com 19 anos, e fui logo morar com uma família tipicamente baiana em uma ladeira do Engenho Velho da Federação. Andei por lugares que nunca imaginei. Conheci pessoas e fui apresentada a histórias incríveis. Fui bem recebida no candomblé pela mãe de santo e pelos orixás.”

Conta a comunicóloga gaúcha que aos 19 anos conseguiu fincar pé e sua própria história por ali:

“Foi uma fase muito complicada do ponto de vista do estabelecimento emocional e financeiro, mas, ao mesmo tempo, foi a fase mais intensa e mais viva que tive em toda a minha vida aqui na Bahia.”

Essa história e essa declaração de amor a uma cidade, por conta do que escreveu Jorge Amado, dá a dimensão humana desse escritor em traduzir com maestria o cotidiano de pessoas simples, de todos os níveis, os acadêmicos, a elite. E agora nós nos encantamos novamente com o seriado *Gabriela*. Ele foi um cidadão político envolvido com o seu tempo, com as ideias, com a ideia de justiça, com a ideia de igualda-

de, liberdade e transparência. É esse o homem, essa figura que nós estamos homenageando hoje.

Na condição de gaúcha e Senadora pelo meu Rio Grande, onde temos tantos talentos, fico muito honrada e feliz em prestar essa justa homenagem, a fim de que não se confirme o que ele imaginava: que 20 anos após sua morte não se estaria mais falando nele. É mentira, Jorge! Todos nós vamos sempre lembrar você!

Obrigada, Presidente Sarney.

Parabéns à família! Parabéns a todos os baianos, que têm a honra de ter um conterrâneo com essa grandeza.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP)

– A Mesa defere o pedido de V.Exa. no sentido da publicação, na íntegra, do seu discurso.

SEGUE, NA ÍNTEGRA, DISCURSO DA SRA. SENADORA ANA AMÉLIA.

A SRA. ANA AMÉLIA (PP-RS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, a intensa vida e a extraordinária obra de Jorge Amado foram praticamente identificadas em cada um dos ricos personagens dos 38 livros que ele escreveu e encantou o Brasil inteiro e milhares de leitores espalhados por todos os cantos do planeta. No Rio Grande do Sul, aprendemos mais e entramos intensamente na cultura do Nordeste e da encantadora Bahia pela obra espetacular de Jorge Amado.

Ele sempre procurou falar de sua Bahia, da esfuizante Capital Salvador, do plantio do cacau, exibindo o gosto, o cheiro, a cor daquele multicolorido Estado, transformando o livro e suas páginas em um veículo de muitas dimensões, como agora acompanhamos, na tela, o seriado *Gabriela*.

Ao mesmo tempo, Jorge Amado é o que pode se chamar de o romancista baísta, mas ao mesmo tempo romancista universal.

Ele mostrou que é possível dar asas a personagens do seu dia a dia e igualmente transformá-los em personagens do mundo.

A forma como sempre contou a vida desses homens e dessas mulheres faz parte do que se chamou de movimento regionalista, iniciado no século XIX, caracterizando a literatura que era produzida fora do Rio de Janeiro.

O regionalismo reunia autores de diferentes regiões e períodos históricos. E teve um dos seus mais importantes capítulos a partir dos anos 30.

Esse regionalismo está nas obras de Jorge Amado, mas também Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e do nosso conterrâneo Erico Veríssimo, no Rio Grande do Sul.

Em artigo dos professores Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a UNESP, a explicação desse surto regionalista vem de um elemento diferenciador: o fato de que esse estilo literário expõe a miséria humana da população sertaneja e as mazelas das relações sociais e de poder, que deram origem a vários brasis e a uma certeza: a existência de regiões com realidades socioeconômicas e culturais muito diferenciadas, um desenvolvimento desigual, chegando mesmo, em muitos casos, a extremos entre províncias e Estados.

Jorge Amado, um mestre do romance regional, consegue mostrar tudo isso, com maestria. Ao mesmo tempo em que nos leva à intensidade e dificuldade da vida nordestina, dos personagens que viviam nas ruas, nos becos e nas ladeiras de Salvador, nas estradas e nos campos de cacau, nos latifúndios do sertão de beatos e cangaceiros, como ele gostava de pontuar, encanta-nos com coisas que todos sentem ou sonham: o amor, a paixão, a sensualidade. Ele era o melhor exemplo de como ser universal, falando de sua própria aldeia.

O acadêmico Alberto Costa e Silva, um dos coordenadores da coleção de Jorge Amado para a editora Companhia das Letras, resume:

“Para ele, a miscigenação é o nosso maior patrimônio, que temos de valorizar e preservar. Jorge Amado sempre considerou a mestiçagem um elemento que caracteriza o Brasil no mundo, que nos diferencia da sociedade ocidental. Foi homem materialista que sabia conciliar o ateísmo com a crença do candomblé. Jorge Amado foi eleito, em 1945, Deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro e, como membro da Assembleia Constituinte propôs leis como a que assegura a liberdade de culto religioso e outra que tratava dos direitos autorais. Teve seus direitos políticos cassados, foi exilado na Europa, uma violência que nunca tirou do gênio literário a arte de criar. Era um homem de muitos amigos, e que amigos!, senhoras e senhores. Conviveu com os principais nomes do século XX, como Pablo Neruda, Picasso, Sartre e Simone de Beauvoir.”

Outro acadêmico, Carlos Heitor Cony já afirmou:

“Jorge Amado conseguiu o absurdo de ser cético e de ser crente. Só na Bahia podia nascer um sujeito assim.”

O mundo inteiro aprendeu a amá-lo. O jornal francês *Le Monde* o definiu como o notável contador de histórias, espelho do Brasil, explicador do país verde e amarelo e liberador do povo brasileiro através da escrita.

Hoje contamos os números de seu sucesso. Foram obras que se multiplicaram em 55 diferentes países, traduzidas em 49 diferentes idiomas e exibidas nas adaptações de TV, cinema, teatro, obras repetidas e cantadas em prosa e versos.

Jorge Amado se dedicava a seus personagens e ao mesmo tempo era apaixonado por Zélia Gattai, seu grande amor desde 1945 até a sua morte, em 6 de agosto de 2001, na cidade de Salvador.

Representou o regionalismo que aguça os valores de cada região, mas que ao mesmo tempo representa o nosso Brasil.

Somos assim, somos a Bahia de Jorge Amado, o sul de Erico Veríssimo. Somos o Brasil de diferentes temperos, cores e amores.

Numa data tão especial como esta para a cultura brasileira, quero apontar aqui a importância de darmos incentivo a nossa literatura e apoio aos nossos escritores.

Precisamos intensificar os estudos de literatura brasileira e desmentir o próprio Jorge Amado, que em uma entrevista em 1991 disse: *“O Brasil é um país sem memória, quem morre é imediatamente esquecido. Quando eu morrer, vou passar uns 20 anos esquecido.”*

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Com a palavra o Deputado Emiliano José, pela Liderança do PT.

O SR. EMILIANO JOSÉ (PT-BA. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Ilmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional e requerente da presente sessão, Senador José Sarney; querido Governador Jaques Wagner, que teve que sair; Sr. João Jorge Amado, filho de Jorge Amado; queridíssima amiga e Senadora Lídice da Mata, que tanto se empenhou para que ocorresse esta sessão, como sei; Deputado Roberto Freire, requerente desta sessão; companheiro e amigo Senador Walter Pinheiro, do meu partido, também requerente desta sessão; Deputado Antonio Imbassahy; Presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, Arthur Sampaio; Assessor Especial do Ministério da Cultura, José Ivo Vannuchi; Chefe de Gabinete da Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, Jairo Carneiro; netos e filhos de João Jorge Amado, Sr. Bruno Amado e Sr. João Jorge Amado Filho; todos os Parlamentares; amigos; senhoras e senhores; meus queridos amigos da Bahia; Secretários Domingos Leonelli, Albino Canelas Rubim, que, creio, teve que sair por compromissos; Zulu Araújo, querido amigo; e tantos outros amigos aqui presentes.

“Na vida o que vale é o espanto”. A frase é de Oscar Niemeyer. Foi-me lembrada esses dias – eu falava sobre isso agora para Zulu Araújo – por Hamilton Pereira ou o poeta Pedro Tierra, como é conhecido,

Secretário de Cultura aqui do Governo Federal. De um depoimento no DOPS, hoje Memorial da Resistência em São Paulo, ele lembrou essa frase agora estes dias. *“A capacidade de surpreender é que revela o ser humano, a densidade do ser humano, a riqueza do ser humano. Sem o espanto, a vida é cinzenta, rotineira, sem o impacto do maravilhoso.”*

Jorge Amado foi um espanto permanente, um assombro constante, uma metamorfose ambulante, uma tempestade de vida a cada um dos mais de 5 mil personagens que povoaram sua existência – porque os personagens povoaram a existência de Jorge – e suas dezenas de livros.

Nascido em 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas, Município de Itabuna, falece em 6 de agosto de 2001, na Cidade da Bahia, nossa querida Salvador da Bahia de Todos os Santos, à qual ele tanto amava. Suas cinzas estão sob a mangueira que lhe deu sombra durante tanto tempo, no jardim da casa do bairro do Rio Vermelho.

“Não é exagero dizer: Jorge Amado foi o inventor do Brasil moderno”. É dessa maneira que a ele se refere o jornalista e escritor José Castello. Na visão dele, não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada à de nosso País quanto Jorge Amado, lembrado aqui hoje pelo seu centenário, graças à iniciativa de Senadores, de Deputados, especialmente da minha querida amiga Senadora Lídice da Mata, sempre atenta à vida dos melhores intérpretes da Bahia, entre os quais avulta a figura extraordinária de Jorge.

Nosso amado Jorge, o inventor do Brasil moderno, via a literatura como brincadeira de menino. Nunca acreditou-se um literato, apenas um homem que gostava de escrever, um escritor e nada mais.

Eu tenho a tentação, nesse centenário amadiano, de dizer que a minha geração – e há aqui alguns amigos de geração: Leonelli, por exemplo; Zulu é mais novo, mas é da minha geração também – parte deste Brasil moderno, de suas grandezas e misérias, de suas lutas e esperanças, e foi, de uma certa maneira, plasmada por ele, teve sua existência marcada por Jorge Amado. Falo de uma geração nascida nos meados da década de 40, especialmente de uma parte dela que se envolveu nas lutas do pré-64 e, de modo especial, na luta para derrotar a ditadura, longa noite de sombra e terror que envolveu a sociedade brasileira a partir daquele fatídico 1º de abril de 1964.

Fomos, essa geração, leitores ávidos da primeira fase de Jorge Amado – Leonelli me dizia isso vindo do aeroporto, eu também –, aquela iniciada no frescor de seus 19 anos, com *O País do Carnaval*, em setembro de 1931, ao qual se seguem *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães da Areia*, *ABC de Castro Alves*,

O Cavaleiro da Esperança, Terras do Sem Fim, São Jorge dos Ilhéus, O Amor do Soldado, O Mundo da Paz e a extraordinária trilogia *O Subterrâneo da Liberdade*, entre outros, para nós extraordinária naquele momento.

Aqui revela-se um País que carrega o olhar crítico de Jorge Amado. Aqui aparece o comunista, o admirador do socialismo, o Deputado eleito pelo PCB do Estado de São Paulo, o militante, o homem de esquerda, o amigo e companheiro de Carlos Marighella e de Luiz Carlos Prestes.

Se quiséssemos rotular, poderíamos dizer – e alguns chegam a dizer – que aqui ele era influenciado pelo realismo socialista, mas isso, penso, traduz pouco tudo o que ele produziu nesse período.

Se algumas obras têm aquela característica, outras não, embora o conjunto, de fato, esteja até vinculado àquela concepção. Não se queira, no entanto, diminuir a qualidade de seu trabalho da época, que traduzia um Brasil que se industrializava, que já contava com uma significativa classe operária, com um Partido Comunista ao qual ele pertencia, apresentava uma Bahia agrária, de latifundiários e pistoleiros, e o mar e seus pescadores e seus amores, e o Pelourinho e suas belezas e suas misérias, um Brasil que contava com um povo em luta.

Essa fase fez surgir uma obra que revelava sofisticação literária, construção de personagens densos, que mereceu de Mário de Andrade a frase direta, seca: “*Seu Jorge, doutor em romance*”, de Mário de Andrade, na abertura de uma correspondência de 1936.

Na carta que envia a Jorge, Mário de Andrade revela-se encantado com os romances anteriores – já haviam sido publicados *O País do Carnaval, Cacau, Suor, Jubiabá* –, mas, sobretudo, com *Mar Morto*. Chega a dizer: “*Por que você mata Guma?*”

A minha geração, a que acreditou ser possível derrotar a ditadura e que contra ela lutou, morreu, desapareceu e também sobreviveu – e estamos aqui tantos –, talvez admirasse mais o lado, chamemos assim, engajado da obra do que a sofisticação da criação dos personagens – talvez. Mais, talvez, *o Cavaleiro da Esperança* ou *Os Subterrâneos da Liberdade* ou *Terras do Sem Fim* do que *Mar Morto*, por exemplo. A leitura daquelas obras de Jorge Amado era um alento para nós, em outros tempos.

Se ele havia vivido os anos 30, a ditadura Vargas, fora preso 11 vezes, vivera a primavera pós-Vargas e depois o Vargas democrático, nós, na nossa juventude, fomos tragados pela noite do terror ditatorial em 1964 e levados a nos fortalecer com sua literatura militante, em outro tempo, diverso do dele e parecido com o dele. A ditadura nos revisitava, e Jorge Amado nos acompanhava com sua palavra alentadora, intérprete de um

Brasil que ainda não amadurecera para a democracia. Jorge Amado, a seu modo, com sua literatura, formou politicamente muitos de nós, estimulou muitos de nós.

Mas, Jorge, o amado, ao sofrer uma profunda decepção com as revelações dos crimes de Stalin, expostos numa reunião do Comitê Central do PCB, em 1956, para a qual fora convidado, mesmo não sendo membro, foi se preparando internamente para nos causar outro espanto. O choque que recebera não fora pequeno. Isso o levou a afastar-se da militância orgânica, direta, do PCB e, quem sabe, a refletir sobre a vida e sobre os rumos de sua literatura. Submergiu, escrevendo. A lembrar o que disse o Deputado Roberto Freire, nunca Jorge desvinculou-se dos ideais do socialismo e da liberdade. Submergiu, escrevendo.

E veio 1958, e trouxe um novo espanto, assombroso espanto, a nos maravilhar, nos embevecer, nos encantar e a surpreender o mundo com *Gabriela* – é, ela mesma –, *Cravo e Canela*, até hoje a invadir nossas noites, presença repetida e sempre nova, revelação continuada sobre a cultura, a vida do povo baiano e brasileiro.

Jorge, o amado, resolvera mergulhar em outro Brasil, um Brasil bem menos esquemático, bem mais diverso, mais colorido, mais revelador da complexidade e da beleza do povo baiano e brasileiro. O que se anunciava, aqui e ali, nas obras anteriores – porque afinal ele sempre bebeu na diversidade, no colorido, nas agruras e esperanças do povo baiano –, aqui, com *Gabriela, Cravo e Canela*, acontece uma explosão de sensualidade, afirmação da mulher, revelação também das violências e dos preconceitos contra ela, celebração da alegria, a vida como ela é, sempre um espanto, sempre um susto.

A Morte e A Morte de Quincas Berro d'Água sucedem *Grabriela, Cravo e Canela* a anunciar um novo e maravilhoso e sofisticado ciclo que o acompanhará vitoriosamente até o fim de seus dias, com *Os Pastores da Noite*, com o candomblé fortemente em cena; *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, que o consagra, como diria José Castello, como o grande retratista do Brasil; *Tenda dos Milagres; Tereza Batista Cansada de Guerra; Tieta do Agreste; Tocaia Grande*, entre outros.

Não posso me querer intérprete de minha geração, mas sei que alguns dos que a ela pertenceram e pertencem, experimentaram, como eu, lendo Jorge ou não, a sensação também dessa mudança.

A vida não pode ser uma permanente escolha entre o bem e o mal – e de alguma forma nossa militância de esquerda, que valorizo e vivo até hoje com tantos companheiros, muitas vezes era isso. Jorge Amado, com sua notável literatura dessa segunda fase, indicava-nos um outro caminho e nos mostra outro Brasil, o de

Dona Flor, que entre Vadinho e Teodoro, fica com os dois. Fica com os dois.

Em *Dona Flor* – é também a análise de José Castello –, aceitam-se os paradoxos e as incoerências e a beleza que definem o humano. Ao aceitar a vida como uma experiência múltipla, nem sempre coerente, linear, ao buscar a felicidade no cipoal aparentemente incoerente da existência, os personagens de *Dona Flor* revelam-se fortalecidos como seres humanos: fortes e fracos, coerentes e incoerentes, e felizes no meio de tudo isso.

Os muitos personagens dessa nova fase de Jorge Amado, mais do que nunca doutor em romance, revelarão que a felicidade não é um estado contínuo, mas pode ser vivida, buscada, em meio a cenários de dificuldades. A vida não caminha em linha reta. Não cabia torcer contra a Seleção Brasileira porque a ditadura aproveitava-se eventualmente das vitórias dela. Os militantes dos ásperos tempos passavam a acreditar que tinham direito à felicidade, ao prazer. E o Jorge, nosso amado doutor em romance, firma suas convicções libertárias, despe-se de maniqueísmos, abre-se amplamente para o mundo, apaixona-se mais e mais pela religião negra, pelo candomblé. Ele se torna um apaixonado completo e visceral pelo candomblé. Tenho a tentação de cantar: “Ah, minha mãe, minha mãe Menininha”. Menininha do Gantois fortalece seus personagens negros, eleva a mulher e sua liberdade e sua sensualidade e seu direito ao prazer. As duas fases de Jorge são complementares e o tornam um escritor singular, artista da alma e das lutas do povo brasileiro.

Ao fincar sua literatura na Bahia, maravilhosa Bahia, ao singrar mares, viver com pescadores, ser ogã de Mãe Senhora, discípulo de Mãe Menininha, correr campos, colher cacau, sentir o agreste, caminhar por terras do sem fim, conhecer coronéis e pistoleiros, brincar com os capitães da areia, dançar com Gabriela, sentir o suor dos estivadores, conhecer o trabalho dos operários, ao mergulhar na vida do povo baiano, Jorge Amado tornou-se um romancista universal, o mais traduzido autor brasileiro no exterior.

Ao traduzir sua aldeia, ao revelar a alma de sua terra, conseguiu tocar a alma do mundo. E só tocou a alma do mundo porque “*só aquele conhecimento que se viveu dia a dia, minuto a minuto, no erro e no acerto, na alegria e na tristeza, no desespero e na esperança, na luta e na dor, na gargalhada e no choro, na hora de nascer e na hora de morrer, só esse conhecimento possibilita a criação*”, como o próprio Jorge Amado o disse.

Viva Jorge Amado, eterno Jorge, doutor em romance, o romance da vida, o romance do espanto ininterrupto, sonho em forma de palavra!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP)

– Concluída a lista de oradores, vamos ter a honra e a satisfação de ouvir o Sr. João Jorge Amado, que falará e fará os agradecimentos em nome da família.

Comunico à Casa que a partir das 18 horas estará aberta, na biblioteca do Senado, a exposição dos livros de Jorge Amado.

Comunico também que o Deputado Paes Landim foi indicado pela Liderança do Partido Trabalhista Brasileiro para representá-lo nesta sessão. Entretanto, S.Exa. não pôde comparecer, por motivos de saúde.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP)

– Com a palavra o Sr. João Jorge Amado.

O SR. JOÃO JORGE AMADO – Sr. Senador Presidente do Congresso Nacional, escritor José Sarney, Srs. Senadores, Srs. Deputados, meus amigos, prometo que vou falar muito pouco e rapidamente, pois não preparei nada. Além dos agradecimentos de praxe, gostaria de abordar alguns pequenos pontos, alguns pequenos detalhes que me parecem pertinentes.

Primeiro, a posição que meu pai teve em relação ao problema racial no Brasil. Meu pai era um seguidor de Gilberto Freyre. Acreditava que Gilberto Freyre era extremamente atual. Ao contrário do que diz – como ele escreveu há 40 anos, 50 anos –, que ele está ultrapassado, ele não está. Ele é extremamente atual.

O Brasil é um país mestiço. Mesmo a primeira geração de brasileiros, filhos de estrangeiros, é culturalmente mestiça. Então, nós somos um país mulato. As pessoas não têm de ser como meu pai, que era pataxó, negro, cristão novo, enfim, era uma mistura de tudo. O filho do coreano nascido no Brasil, de pai e mãe coreanos, é culturalmente mestiço. Não há como fugir dessa mestiçagem. Essa mestiçagem é a principal contribuição do Brasil à humanidade. É a única solução existente para o problema racial, se aqui ainda existe alguém que acredite que há raças além da raça humana.

Segundo ponto, hoje faz 11 anos exatamente da morte de meu pai. Ele deixou um romance apenas iniciado, que era a apostasia universal às margens do São Francisco. É uma história curiosa de um coronel senhor de terras, numa pequena cidade às margens do São Francisco, que tem a mulher que enlouqueceu e que ele cuida dela, mas não é mais a mulher dele; é uma louca de quem ele cuida. De repente, ele se apaixonou por uma moça, que também se apaixonou por ele, mas recusa-se a ir com ele para a cama, porque não são casados. E ele tenta se casar com ela, mas o padre se recusa a realizar o casamento porque ele é casado. Ele tem uma mulher que enlouqueceu, mas é mulher dele. E ele aconselha o amigo, que conhece a história da Inglaterra. Sabe que, na Inglaterra, o rei,

para se casar novamente, mudou a religião do país. Ele importa para a cidade um pastor e declara que, a partir daquele momento, aquela cidade é protestante, o que lhe permitiria casar-se com a moça. E, nessa cidade, todos se tornam protestantes, porque ninguém era besta de contrariar o coronel. Depois que ele se casa, descobre que realmente a moça não era virgem e não havia por que ter tido tanto pudor de ir com ele para cama e tudo o mais. Esse romance ficou inconcluso.

Tudo isso que estou contando aos senhores é para mostrar como é grande a perda, a morte dele, para todos nós, há 11 anos, o que nos priva de ler essa história, sobre a qual pude dar uma linha geral, que nunca foi concluída e nunca será. Isso é uma lástima.

A saudade dele é uma coisa que eu sinto a cada dia e que me traz uma dor física.

O último ponto é sobre a posição política. Eu estava com meu pai em Paris por ocasião do esfacelamento da União Soviética. Nós tínhamos assistido à queda do Muro, e a União Soviética estava se esfacelando naquele momento. Eu lhe perguntei: *“E agora? O que acontece?”* Eu estava naquela perplexidade, porque acho que isso atingiu muitas pessoas. Ele disse: *“Olha, houve duas revoluções fundamentais que marcaram o destino da humanidade: a Revolução Francesa, revolução democrática burguesa, e a Revolução de Outubro, a revolução socialista”*.

Na Revolução Francesa houve os maiores absurdos, os maiores crimes: Robespierre, guilhotina e tudo mais. Nada disso impediu que ela fosse de uma importância imensa para que a humanidade fosse à frente. Depois da Revolução Francesa, com Napoleão, voltou-se à monarquia. E depois de Napoleão voltaram os Luíses. Foi um pequeno retrocesso, mas não impediu que a humanidade desse um passo à frente e seguisse com os ideais da Revolução Francesa.

E viu-se o mesmo acontecer com a Revolução de Outubro, com a revolução socialista. Houve crimes, não só de Stalin, como também alguns crimes que permaneceram e o desvio da democracia. Passou-se a ter um

socialismo sem democracia. Mas isso não impede que a humanidade continue andando e um dia vai chegar a um socialismo, que é o destino da humanidade. Essa visão deu certo alento. Disse: *“Olha, a coisa não é tão ruim quanto se pinta, não é tão feia”*.

Trouxe apenas esses pequenos pontos que mostram uma visão dele, uma coisa pouco conhecida do pensamento dele.

Muito obrigado, senhores. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB-AP) – Agradeço a todos os que compuseram a Mesa, aos autores de requerimento e a todos os presentes a honrosa participação nesta sessão.

Quero, uma vez mais, dizer que o Senado cumpre o seu dever para com o País – um dever eterno, de rememorar e manter vivos aqueles grandes homens que fizeram esta Nação. Entre eles, Jorge Amado é uma expressão do pensamento brasileiro que jamais desaparecerá.

Muito obrigado. (Palmas.)

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 14 horas e 28 minutos.)

De Jorge o mais amado e o mais realizado dos nossos escritores não só pela sua divulgação no mundo inteiro, pela sua humanidade como homem comprometido com seu tempo, e por ter sido um demiurgo que nos inventou como uma nação de mestiços. De um povo excepcionalmente belo e criador. Especialmente os mais humildes e injustiçados, trabalhadores, crianças e mulheres, sem esquecer que além de genial escritor, foi um exemplo de parlamentar que teve a excepcional postura de enquanto comunista defender na constituinte de 45 a liberdade de expressão e de culto religioso. Defendendo os valores das crenças dos afro-descendentes perseguidos na época. Saúdo nossa Senadora por essa Sessão histórica de nosso Senado. – Salvador, 6 de agosto de 2012. – **José Carlos Capinan**.

COMISSÕES MISTAS

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO

(Resolução nº 1/2006-CN)

Número de membros: 10 Senadores e 30 Deputados

COMPOSIÇÃO ²

Presidente: Deputado Paulo Pimenta ⁴
1º Vice-Presidente: Senador Cássio Cunha Lima ⁴
2º Vice-Presidente: Deputado Reinaldo Azambuja ⁴
3º Vice-Presidente: Senador Vicentinho Alves ⁴

Instalação: 27-3-2012

Relator do PLDO / 2013: Senador Antonio Carlos Valadares ⁶**Relator do PLOA / 2013:** Senador Romero Jucá ⁶**Relator da Receita:** Deputado Cláudio Puty ⁶

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT/PDT/PSB/PCdoB/PRB)	
Wellington Dias (PT/PI)	1. Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM)
Antonio Carlos Valadares (PSB/SE)	2. Angela Portela (PT/RR)
Paulo Paim (PT/RS)	3. Ana Rita (PT/ES) ⁷
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB/PP/PV/PSC)	
Romero Jucá (PMDB/RR)	1.
Benedito de Lira (PP/AL) ⁵	2. Sérgio Souza (PMDB/PR)
Clésio Andrade (PMDB/MG)	3. ³
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB/DEM)	
Cássio Cunha Lima (PSDB/PB)	1.
Flexa Ribeiro (PSDB/PA)	2.
PTB	
Armando Monteiro (PTB/PE)	1. Mozarildo Cavalcanti (PTB/RR)
PR	
Vicentinho Alves (PR/TO)	1. Antonio Russo (PR/MS)
PSD ¹	
Sérgio Petecão (PSD/AC)	1. Kátia Abreu (PSD/TO)

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designação na Sessão do Senado Federal de 20-3-2012.

3- Em 26-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 042/2012, da Liderança do PMDB, comunicando a retirada do nome do Senador Benedito de Lira.

4- Mesa eleita em 27-3-2012, conforme Of. Pres. nº 40/2012/CMO.

5- Designado o Senador Benedito de Lira, como membro titular, em substituição ao Senador Ciro Nogueira, em 16-4-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 67, de 2012, da Liderança do PMDB.

6- Designados o Senador Romero Jucá para o cargo de Relator-Geral do PLOA/2013, o Senador Antonio Carlos Valadares para o cargo de Relator do PLDO/2013, e o Deputado Cláudio Puty para o cargo de Relator da Receita, em 17-4-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 183/2012, da Presidência da CMO.

7- Designada a Senadora Ana Rita, como membro suplente, em 26-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 84, de 2012, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
João Paulo Lima (PT/PE)	1. Cláudio Puty (PT/PA)
Josias Gomes (PT/BA)	2. Leonardo Monteiro (PT/MG)
Paulo Pimenta (PT/RS)	3. Assis Carvalho (PT/PI) ^{8 e 9}
Waldenor Pereira (PT/BA)	4. Vander Loubet (PT/MS)
Zeca Dirceu (PT/PR)	5. Vanderlei Siraque (PT/SP)
PMDB	
Aníbal Gomes (PMDB/CE)	1. Celso Maldaner (PMDB/SC) ²
Edio Lopes (PMDB/RR) ²	2. Joaquim Beltrão (PMDB/AL)
Eliseu Padilha (PMDB/RS)	3. Hugo Motta (PMDB/PB)
Leandro Vilela (PMDB/GO)	4. Osmar Serraglio (PMDB/PR) ⁷
Lucio Vieira Lima (PMDB/BA) ⁷	5.
Mauro Lopes (PMDB/MG)	
PSDB	
Duarte Nogueira (PSDB/SP) ³	1. Carlos Alberto Leréia (PSDB/GO) ³
Reinaldo Azambuja (PSDB/MS)	2. Marcus Pestana (PSDB/MG) ¹⁰
Wandenkolk Gonçalves (PSDB/PA)	3. Nelson Marchezan Junior (PSDB/RS) ¹³
PP	
João Leão (PP/BA) ⁴	1. Roberto Balestra (PP/GO)
Renato Molling (PP/RS)	2. Toninho Pinheiro (PP/MG)
Cida Borghetti (PP/PR)	3. Waldir Maranhão (PP/MA)
DEM	
Augusto Coutinho (DEM/PE) ⁶	1. Eli Correa Filho (DEM/SP) ⁶
Felipe Maia (DEM/RN)	2. Lira Maia (DEM/PA) ^{11 e 12}
Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM/TO)	3. Luiz Carlos Setim (DEM/PR)
PR	
João Maia (PR/RN)	1. Giacobbo (PR/PR)
Luciano Castro (PR/RR)	2. Jaime Martins (PR/MG)
PSB	
Paulo Foletto (PSB/ES)	1. Sandra Rosado (PSB/RN)
Laurez Moreira (PSB/TO) ^{14 e 15}	2. Antonio Balhmann (PSB/CE)
PDT	
Giovanni Queiroz (PDT/PA)	1. Félix Mendonça Júnior (PDT/BA)
Paulo Rubem Santiago (PDT/PE)	2. Marcos Rogério (PDT/RO)
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	
Arnaldo Jardim (PPS/SP)	1. Roberto De Lucena (PV/SP)
Paulo Wagner (PV/RN)	2. Stepan Nercessian (PPS/RJ)
PTB	
Arnon Bezerra (PTB/CE)	1. Antonio Brito (PTB/BA)
PSC	
Ratinho Junior (PSC/PR)	1. Leonardo Gadelha (PSC/PB)
PCdoB	
Osmar Júnior (PCdoB/PI)	1. Manuela D'Ávila (PCdoB/RS) ⁵
PMN ¹	
²	²

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Vaga cedida pelo PMN ao PMDB, conforme Ofício nº 296/2012/SGM/P, de 13-3-2012.

3- Designado o Deputado Duarte Nogueira, em substituição ao Deputado Carlos Alberto Leréia, como membro titular, e o Deputado Carlos Alberto

- Leréia, como membro suplente, em 21-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 311/2012, da Liderança do PSDB.
- 4- Designado o Deputado João Leão, em substituição ao Deputado Lázaro Botelho, como membro titular, em 21-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 144/2012, da Liderança do PP.
- 5- Designada a Deputada Manuela D'Ávila, como membro suplente, em 28-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 097/12, da Liderança do PCdoB.
- 6- Designado o Deputado Augusto Coutinho, como membro titular, em substituição ao Deputado Eli Correa Filho, que passa a ser suplente, em 12-4-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 76-L-Democratas/12, da Liderança do DEM.
- 7- Designado o Deputado Lucio Vieira Lima, como membro titular, em substituição ao Deputado Osmar Serraglio, que passa a ser suplente, em 12-4-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 323, de 2012, da Liderança do PMDB.
- 8- Em 19-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 176/2012/PT, do Líder do PT na Câmara dos Deputados, solicitando a retirada do nome do Deputado Rubens Otoni da suplência na Comissão.
- 9- Designado o Deputado Assis Carvalho, como membro suplente, em 10-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 231, de 2012, da Liderança do PT.
- 10- Designado o Deputado Marcus Pestana, como membro suplente, em 24-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 561, de 2012, da Liderança do PSDB.
- 11- Designado o Deputado Ronaldo Caiado, como membro suplente, em substituição ao Deputado Lira Maia, em 4-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 155, de 2012, da Liderança do DEM.
- 12- Designado o Deputado Lira Maia, como membro suplente, em substituição ao Deputado Ronaldo Caiado, em 4-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 156, de 2012, da Liderança do DEM.
- 13- Designado o Deputado Nelson Marchezan Junior, como membro suplente, em 4-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 692, de 2012, da Liderança do PSDB.
- 14- Designado o Deputado Pastor Eurico, como membro titular, em substituição ao Deputado Laurez Moreira, em 12-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 119, de 2012, da Liderança do PSB.
- 15- Designado o Deputado Laurez Moreira, como membro titular, em substituição ao Deputado Pastor Eurico, em 1º-8-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 121, de 2012, da Liderança do PSB.

Secretária: Maria do Socorro de L. Dantas

Telefones: (61) 3216-6892 / 3216-6893

Fax: (61) 3216-6905

E-mail: cmo@camara.gov.br

Local: Câmara dos Deputados, Anexo Luis Eduardo Magalhães (Anexo II), Ala "C" – Sala 08 – Térreo

Endereço na Internet: www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cmo

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO**I – COMITÊ DE AVALIAÇÃO, FISCALIZAÇÃO E CONTROLE DA EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA – CFIS****COMPOSIÇÃO****Coordenador:** Senador Sérgio Souza (PMDB/PR)**Senado Federal**

Bloco / Partido	Membros
Bloco Parlamentar União e Força (PTB / PR / PSC)	Armando Monteiro (PTB/PE)
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PV)	Sérgio Souza (PMDB/PR)
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	Paulo Paim (PT/RS)

Câmara dos Deputados

Bloco / Partido	Membros
PT	João Paulo Lima (PT/PE)
PMDB	Celso Maldaner (PMDB/SC)
PSDB	Reinaldo Azambuja (PSDB/MS)
PDT	Paulo Rubem Santiago (PDT/PE)
PTB	Antonio Brito (PTB/BA)
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	Paulo Wagner (PV/RN)
PCdoB	Osmar Júnior (PCdoB/PI)

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO**II – COMITÊ DE AVALIAÇÃO DA RECEITA – CAR****COMPOSIÇÃO****Coordenador:** Deputado Cláudio Puty (PT/PA)**Senado Federal**

Bloco / Partido	Membros
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PV)	Clésio Andrade (PMDB/MG)
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	Flexa Ribeiro (PSDB/PA)
PSD	Sérgio Petecão (PSD/AC)

Câmara dos Deputados

Bloco / Partido	Membros
PT	Cláudio Puty (PT/PA)
PMDB	Osmar Serraglio (PMDB/PR)
PSDB	Duarte Nogueira (PSDB/SP)
PP	Renato Molling (PP/RS)
DEM	Luiz Carlos Setim (DEM/PR)
PR	Giacobo (PR/PR)
PSB	Paulo Foleto (PSB/ES)

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO**III – COMITÊ DE AVALIAÇÃO DAS INFORMAÇÕES SOBRE OBRAS E SERVIÇOS COM INDÍCIOS DE IRREGULARIDADES GRAVES – COI****COMPOSIÇÃO****Coordenador:** Deputado Mauro Lopes (PMDB/MG)**Senado Federal**

Bloco / Partido	Membros
Bloco Parlamentar União e Força (PTB / PR / PSC)	Vicentinho Alves (PR/TO)
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	Wellington Dias (PT/PI)

Câmara dos Deputados

Bloco / Partido	Membros
PT	Josias Gomes (PT/BA)
PT	Vanderlei Siraque (PT/SP)
PMDB	Mauro Lopes (PMDB/MG)
PSDB	Wandenkolk Gonçalves (PSDB/PA)
DEM	Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM/TO)
PSB	Laurez Moreira (PSB/TO)
PDT	Félix Mendonça Júnior (PDT/BA)

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO**IV – COMITÊ DE ADMISSIBILIDADE DE EMENDAS – CAE****COMPOSIÇÃO****Coordenador:** Deputado Marcus Pestana (PSDB/MG)**Senado Federal**

Bloco / Partido	Membros
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM)
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PV)	Benedito de Lira (PP/AL)
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	Cássio Cunha Lima (PSDB/PB)

Câmara dos Deputados

Bloco / Partido	Membros
PT	Leonardo Monteiro (PT/MG)
PMDB	Edio Lopes (PMDB/RR)
PSDB	Marcus Pestana (PSDB/MG)
PP	Roberto Balestra (PP/GO)
PR	João Maia (PR/RN)
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	Arnaldo Jardim (PPS/SP)
PSC	Leonardo Gadelha (PSC/PB)

COMISSÃO MISTA PERMANENTE SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS – CMMC

(Criada pela Resolução nº 4/2008-CN)

Número de membros: 11 Senadores e 11 Deputados**COMPOSIÇÃO**

Presidente: Deputado Márcio Macedo^{15 e 20}
Vice-Presidente: Senadora Vanessa Grazziotin^{15 e 20}
Relator: Senador Sérgio Souza^{15 e 20}

Instalação: 10-4-2012^{15 e 20}**Senado Federal**

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Jorge Viana (PT/AC) ⁷	1. Wellington Dias (PT/PI) ⁷
Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM) ^{7, 13 e 17}	2. Lindbergh Farias (PT/RJ) ⁷
Blairo Maggi (PR/MT) ⁷	3. Antonio Carlos Valadares (PSB/SE) ⁷
Cristovam Buarque (PDT/DF) ⁷	4. ^{7 e 17}
Bloco Parlamentar (PMDB / PP / PSC / PMN / PV)	
Sérgio Souza (PMDB/PR) ^{3 e 14}	1. Vital do Rêgo (PMDB/PB) ³
Eduardo Braga (PMDB/AM) ³	2. Romero Jucá (PMDB/RR) ³
Ciro Nogueira (PP/PI) ^{3, 11 e 12}	3. Renan Calheiros (PMDB/AL) ³
Sérgio Petecão (PSD/AC) ^{3 e 18}	4. ^{3 e 19}
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Aloysio Nunes Ferreira (PSDB/SP) ²	1. Cyro Miranda (PSDB/GO) ²
Jayme Campos (DEM/MT) ^{6 e 10}	2. José Agripino (DEM/RN) ^{6 e 10}
PTB	
João Vicente Claudino (PTB/PI) ⁴	1. ^{8, 9 e 12}
PSOL¹	
Randolfe Rodrigues (PSOL/AP) ⁵	1.

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designados os Senadores Aloysio Nunes Ferreira e Cyro Miranda em 18-2-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 35/2011, da Liderança do PSDB.

3- Designados os Senadores Ricardo Ferraço, Eduardo Braga, Pedro Simon, Sérgio Petecão, Vital do Rêgo, Romero Jucá, Renan Calheiros e Wilson Santiago em 18-2-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 47/2011, da Liderança do PMDB.

4- Designado o Senador João Vicente Claudino em 2-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 55/2011, da Liderança do PTB.

5- Designado o Senador Randolfe Rodrigues em 2-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 65/2011, da Liderança do PSOL.

6- Designados os Senadores Kátia Abreu e Jayme Campos em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 26/2011, da Liderança do DEM.

7- Designados Senadores Jorge Viana, João Pedro, Blairo Maggi, Cristovam Buarque, Wellington Dias, Lindbergh Farias, Antonio Carlos Valadares e Vanessa Grazziotin em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 34/2011, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

8- Em 28-3-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 70/2011, da Liderança do PTB, cedendo provisoriamente, ao PP, a vaga de suplente.

9- Designado o Senador Ciro Nogueira, para vaga cedida pelo PTB, em 29-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 21/2011, da Liderança do PP.

10- Designado o Senador Jayme Campos, como membro titular, em substituição à Senadora Kátia Abreu, e o Senador José Agripino, como membro suplente, em substituição ao Senador Jayme Campos, em 5-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 32/2011, da Liderança do DEM.

11- Em 27-4-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 115/2011, da Liderança do PMDB, comunicando a retirada do nome do Senador Pedro Simon.

12- Designado o Senador Ciro Nogueira em 28-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 130/2011, da Liderança do PMDB.

13- Vago em razão da reassunção do titular, Senador Alfredo Nascimento, em 7-7-2011.

14- Designado o Senador Sérgio Souza em 25-8-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 236/2011, da Liderança do PMDB.

15- Comissão instalada em 30-8-2011 (Sessão do Senado Federal); eleitos Presidente e Vice-Presidente, conforme Ofício nº 1/2011-CMMC.

16- Ofício nº 6/2011-CMMC, publicado no DSF de 22-9-2011.

17- Designada a Senadora Vanessa Grazziotin em 20-10-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 130/2011 – GLDBAG, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

18- Em 1-11-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lida comunicação do Senador Sérgio Petecão, informando a sua filiação ao Partido Social Democrático – PSD.

19- Em 8-11-2011, vago em virtude de o Senador Wilson Santiago (PMDB/PB) ter deixado o mandato.

20- Comissão instalada em 10-4-2012, eleitos Presidente, Vice-Presidente e Relator, conforme Ofício nº 2/2012-CMMC.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Fernando Ferro (PT/PE) ²	1. Francisco Praciano (PT/AM) ²
Márcio Macêdo (PT/SE) ²	2. Leonardo Monteiro (PT/MG) ²
PMDB	
Valdir Colatto (PMDB/SC) ^{2, 5 e 6}	1. Celso Maldaner (PMDB/SC) ²
André Zacharow (PMDB/PR) ^{2, 9 e 10}	2. Adrian (PMDB/RJ) ¹⁰
PSDB	
Antonio Imbassahy (PSDB/BA) ^{2 e 11}	1. Ricardo Tripoli (PSDB/SP) ²
PP	
José Otávio Germano (PP/RS) ²	1. Rebecca Garcia (PP/AM) ²
DEM	
Rodrigo Maia (DEM/RJ) ²	1. ^{2 e 8}
PR	
Anthony Garotinho (PR/RJ) ²	1. Bernardo Santana De Vasconcellos (PR/MG) ^{2 e 12}
PSB	
Luiz Noé (PSB/RS) ²	1. Glauber Braga ^{2, 7 e 13}
PDT	
Giovani Cherini (PDT/RS) ²	1. Miro Teixeira (PDT/RJ) ²
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	
Alfredo Sirkis (PV/RJ) ²	1. Sarney Filho (PV/MA) ²
PTB¹	
Jandira Feghali (PCdoB/RJ) ^{2 e 3}	1. Arnaldo Jardim (PPS/SP) ⁴

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designados os Deputados Fernando Ferro, Márcio Macêdo, Mendes Ribeiro Filho, Moacir Micheletto, Antonio Carlos Mendes Thame, José Otávio Germano, Rodrigo Maia, Anthony Garotinho, Luiz Noé, Giovani Cherini, Alfredo Sirkis, Jandira Feghali, Francisco Praciano, Leonardo Monteiro, Celso Maldaner, Ricardo Tripoli, Rebecca Garcia, Walter Ihoshi, Paulo César, Domingos Neto, Miro Teixeira e Sarney Filho, em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 300/2011, do Presidente da Câmara dos Deputados.

3- Vaga de membro titular destinada ao PTB, cedida ao PCdoB.

4- Cedida vaga ao PPS, e Designado o Deputado Arnaldo Jardim, em 5-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 123/2011, da Liderança do PTB.

5- Vago em razão do afastamento do Deputado Mendes Ribeiro Filho em 23-8-2011, nos termos do art. 230 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

6- Designado o Deputado Valdir Colatto, em substituição ao Deputado Mendes Ribeiro Filho, em 21-9-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 1043/2011, da Liderança do PMDB.

7- Vago em razão do desligamento do Deputado Domingos Neto, em 22-9-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício OF.B/130/11, da Liderança do Bloco PSB, PTB e PCdoB.

8- Em 3-1-2012, vago em razão do afastamento do Deputado Walter Ihoshi (PSD/SP), nos termos do artigo 230, § 2º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

9- Em 30-1-2012, vago em razão do falecimento do Deputado Moacir Micheletto (PMDB/PR), nos termos do art. 238, inciso I, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

10- Em 16-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foram designados os Deputados André Zacharow, como membro titular, e Adrian, como membro suplente, conforme Ofícios nºs 184/2012 e 183/2012, ambos da Liderança do PMDB.

11- Em 9-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Antonio Imbassahy, em substituição ao Deputado Antonio Carlos Mendes Thame, conforme Ofício nº 401/2012, da Liderança do PSDB.

12- Em 12-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Bernardo Santana De Vasconcellos, em substituição ao Deputado Dr. Paulo César, conforme Ofício nº 224/2012, da Liderança do Bloco PR/PTdoB/PRP/PHS/PTC/PSL/PRTB.

13- Em 12-7-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Glauber Braga, como membro suplente, conforme Ofício nº 117/2012, da Liderança do PSB.

Secretário: José Francisco B. de Carvalho

Telefone: (61) 3303-3122

E-mail: mudancasclimaticas@senado.gov.br

Local: Senado Federal, Anexo II, Bloco A, Ala Alexandre Costa – Sala 15 – Subsolo

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/atividade/comissoes/comissao.asp?origem=CN&com=1450

**COMISSÃO MISTA REPRESENTATIVA DO CONGRESSO NACIONAL NO
FÓRUM INTERPARLAMENTAR DAS AMÉRICAS – FIPA**

(Criada pela Resolução nº 2/2007-CN)

Número de membros: 10 Senadores e 10 Deputados

COMPOSIÇÃO

Presidente: _____
Vice-Presidente: _____

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
	1.
	2.
	3.
	4.
Bloco Parlamentar (PMDB / PP / PSC / PMN / PV)	
	1.
	2.
	3.
PSDB	
	1.
PTB	
Gim Argello (PTB/DF) ²	1. Mozarildo Cavalcanti (PTB/RR) ²
DEM	
	1.
PSOL¹	
	1.

Notas:

1- Vaga destinada ao rodizio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designados os Senadores Gim Argello e Mozarildo Cavalcanti em 1º-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 78/2011, da Liderança do PTB.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA – CCAI

(Art. 6º da Lei nº 9.883/1999)

COMPOSIÇÃO**Presidente:** Senador Fernando Collor ⁶**Vice-Presidente:** Deputada Perpétua Almeida ⁶

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Jilmar Tatto (PT/SP) ¹	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Renan Calheiros (PMDB/AL) ²
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB/SP) ³	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Jayme Campos (DEM/MT) ⁴
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Perpétua Almeida (PCdoB/AC) ⁵	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 29.03.2012)

Notas:

1- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, o Líder do PT, Jilmar Tatto, responde pela Maioria daquela Casa Legislativa, de acordo com o art. 13 de seu Regimento Interno.

2- Indicado Líder da Maioria, conforme expediente subscrito pelos líderes Renan Calheiros (PMDB), Eduardo Amorim (PSC), Francisco Domelles (PP) e Paulo Davim (PV).

3- Conforme Of. nº 53/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 05/03/2012, que informa o atual quadro de lideranças e a relação das bancadas de partidos e blocos parlamentares daquela Casa Legislativa.

4- Senador Jayme Campos é designado Líder do Bloco Parlamentar da Minoria, conforme Of. s/n, lido na sessão de 9 de fevereiro de 2012.

5- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, que informa o atual quadro de Presidentes e Vice-Presidentes das Comissões Permanentes daquela Casa Legislativa.

6- Assumiu a Presidência na 2ª Reunião de 2012, realizada em 08/05/2012, em substituição à Deputada Perpétua Almeida, que passou a ocupar a Vice-Presidência, conforme alternância estabelecida na 1ª Reunião de 2001 da CCAI, realizada em 15/08/2001 (Ata publicada no DSF de 22/08/2001, pg. 17595).

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)**Telefone:** (61) 3303-4561 / 3303-5258**E-mail:** scop@senado.gov.br**Local:** Senado Federal, Anexo II, Térreo**Endereço na Internet:** www.senado.gov.br/atividade/conselho/conselho.asp?con=449&origem=CN

COMISSÕES PARLAMENTARES MISTAS DE INQUÉRITO

(Requerimento nº 4, de 2011-CN)

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por 11 (onze) Senadores e 11 (onze) Deputados e igual número de suplentes, para, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar a situação de violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência.

Leitura: 13-7-2011**Designação:** 14-12-2011**Instalação:** 8-2-2012**Prazo Final:** 19-8-2012**Prazo Final Prorrogado:** 28-3-2013¹⁷

Presidente: Deputada Jô Moraes
Vice-Presidente: Deputada Keiko Ota
Relatora: Senadora Ana Rita

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Ana Rita (PT/ES)	1. Humberto Costa (PT/PE)
Marta Suplicy (PT/SP)	2. Lídice da Mata (PSB/BA) ^{10 e 11}
¹¹	3. Pedro Taques (PDT/MT)
Angela Portela (PT/RR)	4. ⁶
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSC / PMN / PV)	
¹⁶	1. Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM) ^{14 e 15}
Ana Amélia (PP/RS) ^{3, 4, 9 e 13}	2. Sérgio Souza (PMDB/PR) ^{2, 8, 12 e 16}
	3.
	4.
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Lúcia Vânia (PSDB/GO)	1.
Maria do Carmo Alves (DEM/SE)	2. José Agripino (DEM/RN)
PTB	
Armando Monteiro (PTB/PE)	1. Gim Argello (PTB/DF) ⁷
PSOL¹	
⁵	1.

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designada a Senadora Ivonete Dantas, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 3/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.

3- Cedida uma vaga de membro titular ao Bloco de Apoio ao Governo, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 2/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.

4- Designada a Senadora Vanessa Grazziotin, em 21-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 149/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo.

5- Em 28-12-2011, vago em virtude de a Senadora Marinor Brito ter deixado o mandato.

6- Em 2-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 034/2012-GSMC, do Senador Marcelo Crivella, comunicando seu afastamento do mandato, para exercer o cargo de Ministro de Estado da Pesca e Aquicultura, nos termos do inciso II do art. 39 do Regimento Interno do Senado Federal.

7- Designado o Senador Gim Argello, em 13-3-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Senador João Vicente Claudino, conforme Ofício nº 050/2012/GLPTB, da Liderança do PTB, no Senado Federal.

8- Vago em razão da reassunção do 1º suplente, Senador Garibaldi Alves, em 4-4-2012.

9- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 055/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando a retirada do nome da Senadora Vanessa Grazziotin.

10- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 056/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando a retirada do nome do Senador Wellington Dias.

11- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 058/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando que a Senadora Lídice da Mata deixa da condição de titular e a passa a ser suplente.

- 12- Designado o Senador Sérgio Souza, em 23-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 96/2012, da Liderança do PMDB.
 13- Designada a Senadora Ana Amélia, em 24-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 138/2012, da Liderança do PMDB.
 14- Cedida uma vaga de membro suplente ao Bloco de Apoio ao Governo, em 18-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 155/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.
 15- Designada a Senadora Vanessa Grazziotini, como membro suplente, em vaga cedida pelo Bloco Parlamentar da Maioria, em 26-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 83/2012, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.
 16- Designado o Senador Sérgio Souza, como membro suplente, pelo Bloco Parlamentar da Maioria, em 9-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 170/2012, da Liderança do Bloco, no Senado Federal.
 17- Prazo prorrogado, conforme Requerimento do Congresso Nacional nº 2, de 2012, lido em 16/07/2012 (Sessão do Senado Federal).

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Dr. Rosinha (PT/PR)	1. Dalva Figueiredo (PT/AP)
Marina Santanna (PT/GO)	2. Luci Choinacki (PT/SC)
PMDB	
Teresa Surita (PMDB/RR)	1. Nilda Gondim (PMDB/PB) ⁹
Jô Moraes (PCdoB/MG) ¹	2. Fátima Pelaes (PMDB/AP)
PSDB	
Eduardo Azeredo (PSDB/MG)	1. Bruna Furlan (PSDB/SP) ⁸
PP	
Rebecca Garcia (PP/AM)	1. Aline Corrêa (PP/SP)
DEM	
Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM/TO)	1. Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL) ⁵
PR	
Gorete Pereira (PR/CE)	1. Neilton Mulim (PR/RJ) ^{2 e 4}
PSB	
Keiko Ota (PSB/SP) ⁷	1 Sandra Rosado (PSB/RN) ⁷
PDT	
Sueli Vidigal (PDT/ES)	1. Flávia Moraes (PDT/GO)
Bloco PV, PPS	
Carmen Zanotto (PPS/SC)	1. Rosane Ferreira (PV/PR) ⁶
PTB	
Celia Rocha (PTB/AL)	1. Marinha Raupp (PMDB/RO) ³

Notas:

1- Vaga cedida pelo PMDB.

2- Vaga cedida pelo PR.

3- Vaga cedida pelo PTB.

4- Designado o Deputado Neilton Mulim, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), em substituição à Deputada Liliam Sá, conforme Ofício nº 503/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar PR/PTdoB/PRP/PHS/PTC/PSL, da Câmara dos Deputados.

5- Designada a Deputada Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL), em 9-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em vaga pertencente ao Democratas na Câmara dos Deputados, conforme Ofício nº 3/2012, da Liderança do Democratas.

6- Designada a Deputada Rosane Ferreira, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Deputado Amaldo Jordy, conforme Ofício nº 18/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar PV/PPS, da Câmara dos Deputados.

7- Designadas, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), a Deputada Keiko Ota, como membro titular, em substituição à Deputada Sandra Rosado, e a Deputada Sandra Rosado, como membro suplente, em substituição à Deputada Keiko Ota, conforme Ofício nº 4/2012, da Liderança do PSB, da Câmara dos Deputados.

8- Designada a Deputada Bruna Furlan, como membro suplente, em 5-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 71/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

9- Designada a Deputada Nilda Gondim, como membro suplente, em substituição à Deputada Elcione Barbalho, em 15-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 493/2012, da Liderança do PMDB na Câmara dos Deputados.

Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito (SSCEPI)

Diretor: Dirceu Vieira Machado Filho

Telefone: (61) 3303-3490 / 3303-3514

E-mail: sscepi@senado.gov.br

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO

(Requerimento nº 1, de 2012-CN)

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por 15 (quinze) Senadores e 15 (quinze) Deputados e igual número de suplentes, para, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar práticas criminosas do senhor Carlos Augusto Ramos, conhecido vulgarmente como Carlinhos Cachoeira, desvendadas pelas operações 'Vegas' e 'Monte Carlo', da Polícia Federal, nos termos que especifica.

- **Leitura:** 19-4-2012
- **Designação da Comissão:** 24-4-2012
- **Instalação da Comissão:** 25-4-2012
- **Prazo final da Comissão:** 4-11-2012

Presidente: Senador Vital do Rêgo
Vice-Presidente: Deputado Paulo Teixeira
Relator: Deputado Odair Cunha

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT/PDT/PSB/PCdoB/PRB)	
José Pimentel (PT/CE)	1. Walter Pinheiro (PT/BA) ⁶
Jorge Viana (PT/AC) ³	2. Aníbal Diniz (PT/AC) ^{3 e 6}
Lídice da Mata (PSB/BA)	3. Angela Portela (PT/RR) ⁶
Pedro Taques (PDT/MT)	4. Delcídio do Amaral (PT/MS) ⁶
Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM)	5. Wellington Dias (PT/PI) ^{4 e 6}
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB/PP/PV)	
Vital do Rêgo (PMDB/PB)	1. Benedito de Lira (PP/AL)
Ricardo Ferraço (PMDB/ES)	2.
Sérgio Souza (PMDB/PR)	3.
Ciro Nogueira (PP/PI)	4.
Paulo Davim (PV/RN)	5.
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Jayme Campos (DEM/MT)	1. Cyro Miranda (PSDB/GO) ^{5 e 7}
Alvaro Dias (PSDB/PR)	2. Jarbas Vasconcelos (PMDB/PE)
Cássio Cunha Lima (PSDB/PB)	3. Randolfe Rodrigues (PSOL/AP)
Bloco Parlamentar União e Força (PTB/PR/PSC)	
Fernando Collor (PTB/AL)	1. Blairo Maggi (PR/MT) ²
Vicentinho Alves (PR/TO)	2. Eduardo Amorim (PSC/SE) ²
PSD¹	
Kátia Abreu (PSD/TO)	1. Sérgio Petecão (PSD/AC)

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designados os Senadores Blairo Maggi e Eduardo Amorim, como membros suplentes, em 13-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 64/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar União e Força no Senado Federal.

3- Designados o Senador Jorge Viana, como membro titular, em substituição ao Senador Humberto Costa, e o Senador Aníbal Diniz, como membro suplente, em substituição ao Senador Jorge Viana, em 14-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 82/2012, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo no Senado Federal.

4- O Senador Acir Gurgacz licenciou-se nos termos do art. 43, incisos I e II, do Regimento Interno, por 123 dias, a partir de 29-6-2012, conforme os Requerimentos nºs 609 e 610, de 2012, aprovados na sessão de 28-6-2012.

5- Designado o Senador Flexa Ribeiro, como membro suplente, em substituição ao Senador Aloysio Nunes Ferreira, em 4-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 90, de 2012, da Liderança do PSDB.

6- Designada a Senadora Angela Portela, como membro suplente, em substituição ao Senador Acir Gurgacz, e reposicionado o quadro de suplência, em 6-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 93, de 2012, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

7- Designado o Senador Cyro Miranda, como membro suplente, em substituição ao Senador Flexa Ribeiro, em 6-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 93, de 2012, da Liderança do PSDB.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Cândido Vaccarezza (PT/SP)	1. Dr. Rosinha (PT/PR)
Odair Cunha (PT/MG)	2. Luiz Sérgio (PT/RJ)
Paulo Teixeira (PT/SP)	3. Emiliano José (PT/BA) ^{4 e 12}
PMDB	
Íris de Araújo (PMDB/GO)	1. Leonardo Picciani (PMDB/RJ) ²
Luiz Pitiman (PMDB/DF)	2. João Magalhães (PMDB/MG)
PSDB	
Carlos Sampaio (PSDB/SP)	1. Vaz de Lima (PSDB/SP) ^{9 e 10}
Domingos Sávio (PSDB/MG) ⁸	2. Vanderlei Macris (PSDB/SP) ^{3, 6 e 7}
PP	
Gladson Cameli (PP/AC)	1. Iracema Portella (PP/PI)
DEM	
Onyx Lorenzoni (DEM/RS)	1. Mendonça Prado (DEM/SE)
PR	
Maurício Quintella Lessa (PR/AL)	1. Ronaldo Fonseca (PR/DF)
PSB	
Paulo Foletto (PSB/ES)	1. Glauber Braga (PSB/RJ)
PDT	
Miro Teixeira (PDT/RJ)	1. Vieira da Cunha (PDT/RS)
Bloco PV, PPS	
Rubens Bueno (PPS/PR)	1. Sarney Filho (PV/MA)
PTB	
Silvio Costa (PTB/PE)	1. Arnaldo Faria de Sá (PTB/SP)
PSC	
Filipe Pereira (PSC/RJ)	1. Hugo Leal (PSC/RJ)
PCdoB¹	
Delegado Protógenes (PCdoB/SP)	1. Osmar Junior (PCdoB/PI) ^{5 e 11}

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designado o Deputado Leonardo Picciani, como membro suplente, em substituição ao Deputado Edio Lopes, em 16-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 518/2012, da Liderança do PMDB na Câmara dos Deputados.

3- Designado o Deputado Vanderlei Macris, como membro suplente, em substituição ao Deputado Rogério Marinho, em 30-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 576/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

4- Designado o Deputado Ricardo Berzoini, como membro suplente, em substituição ao Deputado Sibá Machado, em 14-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 094/2012, da Liderança do PT na Câmara dos Deputados.

5- Designada a Deputada Jô Moraes, como membro suplente, em substituição ao Deputado Osmar Júnior, em 14-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 202/2012, da Liderança do PCdoB na Câmara dos Deputados.

6- Designado o Deputado Antonio Carlos Mendes Thame, como membro suplente, em substituição ao Deputado Vanderlei Macris, em 25-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 649/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

7- Designado o Deputado Vanderlei Macris, como membro suplente, em substituição ao Deputado Antonio Carlos Mendes Thame, em 3-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 661/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

8- Designado o Deputado Domingos Sávio, como membro titular, em substituição ao Deputado Fernando Francischini, em 3-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 689/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

9- Designado o Deputado Fernando Francischini, como membro suplente, em 3-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 694/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

10- Designado o Deputado Vaz de Lima, como membro suplente, em substituição ao Deputado Fernando Francischini, em 4-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 701/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

11- Designado o Deputado Osmar Junior, como membro suplente, em substituição à Deputada Jô Moraes, em 6-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 234, de 2012, da Liderança do PCdoB.

12- Designado o Deputado Emiliano José, como membro suplente, em substituição ao Deputado Ricardo Berzoini, em 17-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 437/2012, da Liderança do PT na Câmara dos Deputados.

Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito (SSCEPI)

Diretor: Dirceu Vieira Machado Filho

Telefone: (61) 3303-3490 / 3303-3514

E-mail: sscepi@senado.gov.br

CONSELHOS E ORGÃO**CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL**

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70/1972)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato nº 1/1973-CN)

COMPOSIÇÃO**Grão-Mestre:** Presidente do Senado Federal**Chanceler:** Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Marco Maia (PT/RS)	<u>PRESIDENTE</u> José Sarney (PMDB/AP)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Rose de Freitas (PMDB/ES)	<u>1ª VICE-PRESIDENTE</u> Marta Suplicy (PT/SP)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Eduardo da Fonte (PP/PE)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Waldemir Moka (PMDB/MS) ¹
<u>1º SECRETÁRIO</u> Eduardo Gomes (PSDB/TO)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Cícero Lucena (PSDB/PB)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Jorge Tadeu Mudalen (DEM/SP)	<u>2º SECRETÁRIO</u> João Ribeiro (PR/TO)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Inocência Oliveira (PR/PE)	<u>3º SECRETÁRIO</u> João Vicente Claudino (PTB/PI)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Júlio Delgado (PSB/MG)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Ciro Nogueira (PP/PI)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Jilmar Tatto (PT/SP) ²	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Renan Calheiros (PMDB/AL)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB/SP) ³	<u>LÍDER DA MINORIA</u> Jayme Campos (DEM/MT) ⁴
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Ricardo Berzoini (PT/SP) ⁵	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Eunício Oliveira (PMDB/CE)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Perpétua Almeida (PCdoB/AC) ⁵	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Fernando Collor (PTB/AL)

(Atualizada em 19.03.2012)

1- O Senador Waldemir Moka foi eleito 2º Vice-Presidente na sessão do Senado Federal de 16.11.2011.

2- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, o Líder do PT, Jilmar Tatto, responde pela Maioria daquela Casa Legislativa, de acordo com o art. 13 de seu Regimento Interno.

3- Conforme Of. nº 53/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 05/03/2012, que informa o atual quadro de lideranças e a relação das bancadas de partidos e blocos parlamentares daquela Casa Legislativa.

4- Senador Jayme Campos é designado Líder do Bloco Parlamentar da Minoria, conforme Of. s/n, lido na sessão de 9 de fevereiro de 2012.

5- Conforme Of. nº 66/2012/SGM, da Câmara dos Deputados de 15/03/2012, que informa o atual quadro de Presidentes e Vice-Presidentes das Comissões Permanentes daquela Casa Legislativa.

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:**Vice-Presidente:**

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTEs
Representante das empresas de rádio (inciso I)	WALTER VIEIRA CENEVIVA	DANIEL PIMENTEL SLAVIERO
Representante das empresas de televisão (inciso II)	GILBERTO CARLOS LEIFERT	MÁRCIO NOVAES
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	ALEXANDRE KRUEL JOBIM	LOURIVAL SANTOS
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)	ROBERTO FRANCO	LILIANA NAKONECHNYJ
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	CELso AUGUSTO SCHRÖDER	MARIA JOSÉ BRAGA
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	JOSÉ CATARINO NASCIMENTO	EURIPEDES CORRÊA CONCEIÇÃO
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	JORGE COUTINHO	MÁRIO MARCELO
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	LUIZ ANTONIO GERACE DA ROCHA E SILVA	PEDRO PABLO LAZZARINI
Representante da sociedade civil (inciso IX)	MIGUEL ANGELO CANÇADO	WRANA PANIZZI
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ARCEBISPO DOM ORANI JOÃO TEMPESTA	PEDRO ROGÉRIO COUTO MOREIRA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	RONALDO LEMOS	JUCA FERREIRA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOÃO MONTEIRO FILHO	JOSÉ VITOR CASTIEL
Representante da sociedade civil (inciso IX)	FERNANDO CESAR MESQUITA	LEONARDO PETRELLI

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 05.06.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

3ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 17.07.2012

SECRETARIA GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal - Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303- 5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

Resolução nº 1/2011-CN

COMPOSIÇÃO¹

37 Titulares (27 Deputados e 10 Senadores) e 37 Suplentes (27 Deputados e 10 Senadores)

Presidente: Senador Roberto Requião⁶**Vice-Presidente:** Deputado Antônio Carlos Mendes Thame⁶**Vice-Presidente:** Senadora Ana Amélia⁶

Instalação: 31.08.2011

Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Benedita da Silva	Bohn Gass
Dr. Rosinha	Jilmar Tatto ¹⁸
vago ¹⁰	Sibá Machado
Newton Lima ¹⁷	Weliton Prado
Paulo Pimenta	Zé Geraldo
PMDB	
Íris de Araújo	Fátima Pelaes
Marçal Filho	Gastão Vieira
André Zacharow ⁹	Lelo Coimbra
Raul Henry	Valdir Colatto
PSDB	
Eduardo Azeredo	Duarte Nogueira ³
Antonio Carlos Mendes Thame ²	Bruno Araújo ¹⁹
Sergio Guerra	Ruy Carneiro ¹⁶
PP	
Dilceu Sperafico	Afonso Hamm
Renato Molling	Raul Lima
DEM	
Júlio Campos	Marcos Montes ⁴
Mandetta	Augusto Coutinho ⁵
PR	
Paulo Freire	Giacobo
	Henrique Oliveira
PSB	
José Stédile	Antonio Balhmann
Ribamar Alves	Audifax
PDT	
Vieira da Cunha	Sebastião Bala Rocha
Bloco PV / PPS	
Roberto Freire (PPS)	Antônio Roberto (PV)
PTB	
Sérgio Moraes	Paes Landim
PSC	
Nelson Padovani	Takayama
PCdoB	
Delegado Protógenes ¹¹	Assis Melo ¹²
PRB	
George Hilton	Vitor Paulo
PMN	
Dr. Carlos Alberto	Fábio Faria
PTdoB	
Luis Tibé ⁸	

Edição de hoje: 58 páginas
(OS: 13838/2012)

Secretaria Especial de
Editoração e Publicações – SEEP

SENADO
FEDERAL

